

HT-178



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Internacionalismo militante de Moçambique: Estudo
de caso contribuição das FPLM para a libertação do Zimbabwe –
1975-1980.**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane

Omar Nalá Saranga

MAPUTO, 2005

HT-178

**INTERNACIONALISMO MILITANTE DE MOÇAMBIQUE:
CASO DE ESTUDO CONTRIBUIÇÃO DAS FPLM PARA A
LIBERTAÇÃO DO ZIMBABWE, 1975 – 1980**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção
do grau de Licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane por
Omar Nalá Saranga

Departamento de História
Faculdade de letras
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Prof. Doutor João Paulo Borges Coelho
Maputo, 2005

O Presidente

[Handwritten Signature]

O Supervisor

[Handwritten Signature]

O Oponente

[Handwritten Signature]

Data

25/11/05

U.E.M. - F.L.C.S.
R. E. 30.8.99.....
DATA 06.11.2005
AQUISIÇÃO..aferta.....
COTA.HT-178.....

“Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.”

DEDICATÓRIA

Aos meus país, à paciência da minha esposa, aos meus queridos filhos e a todos aqueles que tornaram possível este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Um profundo apreço ao Professor Doutor João Paulo Borges Coelho, supervisor deste trabalho, ao Professor Doutor Yussuf Adam, ao Professor Doutor David Hédges, ao Professor Doutor Arlindo Chilundo por me terem motivado a pesquisar o tema e a todos os docentes do departamento de História.

Ao Meu General do exército Lagos Henriques Lidimu, sem o qual o trabalho de campo nas províncias de Tete, Manica, Sofala, Nampula, e Cabo Delgado em Mocímboa da Praia, não poderia ter sido possível.

Ao Major Matias Upinde, ao Tenente coronel Manqueu, ao Major Lemos por se terem disponibilizado a dar-me informações detalhadas das acções militares moçambicanas no interior da Rodésia.

Ao Professor Doutor Gerhard Liesegang e ao dr Teles Chigamane Sociado Hugo, pelas correcções e sugestões.

Meu agradecimento vai também para Tenente-coronel Matias Simone Zenguene que pôs o seu tempo a minha disponibilidade na reflexão e sugestões sobre o trabalho.

A Sidrate H.Ussi, minha incansável esposa, que financiou a compra de material didáctico.

Ao Estado Maior General das FADM que financiou as Viagens para as províncias de Tete, Manica, Sofala, Nampula, e Cabo delgado em Mocímboa da Praia.

A todos aqueles que directa ou indirectamente deram seu apoio para que esta dissertação se tornasse uma realidade.

Finalmente, o meu profundo agradecimento aos meus colegas do Gabinete do Chefe do Estado Maior General das FADM, pela compreensão e tolerância durante as ausências.

Resumo

A independência de Moçambique, em Junho de 1975, foi um acontecimento histórico de grande alcance a nível da região da África Austral. Foi o primeiro país da região a libertar-se da dominação colonial. E num gesto de solidariedade internacionalista deu espaço para que a Rodésia do sul se tornasse no que é hoje conhecido, República do Zimbabwe. E para que milhares de sul-africanos, representados pelo ANC, vissem Moçambique como exemplo de nacionalismo africano a seguir.

A essência deste trabalho está na busca e compreensão das razões que levaram a República Popular de Moçambique a enviar militares para combaterem ao lado dos guerrilheiros do Movimento de Libertação Nacional do Zimbabwe. E se essa presença militar das Forças Populares de Libertação de Moçambique contribuiu efectivamente para o fim da guerra no interior da Rodésia.

A colaboração entre o governo da FRELIMO e o Movimento de Libertação do Zimbabwe, apesar de se enquadrar nos esforços defendidos pela OUA, que era a descolonização da África Austral, lesava os interesses do regime do Apartheid e da Rodésia do Sul – negar o princípio da maioria aos africanos.

Nesta perspectiva, o regime de Ian Smith e o seu aliado viram-se na eventualidade não só de combater os nacionalistas da liberdade do Zimbabwe, do ANC da África do Sul, e da SWAPO da Namíbia, assim como os regimes dos governos africanos vizinhos independentes – Zâmbia, Botswana, Tanzânia, Angola e Moçambique, pelo facto de estes oferecerem aos movimentos nacionalistas uma retaguarda segura para as suas actividades políticas, diplomáticas e militares.

Os ataques que o regime rodesiano lançava contra Moçambique, numa pretensa perseguição dos nacionalistas do Zimbabwe ou a morosidade da guerra no interior da Rodésia foram ou não o motivo do envio das FPLM para a Rodésia? A resposta a esta questão é desenvolvida ao longo da dissertação.

Por outro lado, encontramos que o ambiente geopolítico na altura da independência de Moçambique era caracterizado pela guerra fria, que dividia o mundo em bloco capitalista e socialista, em que era notória a preponderância dos EUA e da ex-URSS como principais potências mundiais.

Moçambique independente, como membro da OUA, envolto num clima regional tenso, sentia o privilégio de contribuir para a libertação da África Austral, da dominação sul-africana e rodesiana, oferecendo, por isso, toda a ajuda possível, aos movimentos nacionalistas em nome do internacionalismo militante, especialmente ao do Zimbabwe.

É no conjunto de todos estes factores onde encontramos o ensejo, da RPM, de apoiar política, diplomática e militarmente aos combatentes da liberdade do Zimbabwe. Pois a convicção inabalável, tal como foi da Tanzania comungava de que sem Moçambique independente, a sua independência não era segura, também Moçambique não estaria seguro sem a independência do Zimbabwe.

CRONOLOGIA :

- 1 de Outubro de 1953:** Instituição da Federação das Rodésias e Niassalândia (p.16)
- 1957:** Formação do Congresso Nacional Africano da Rodésia do Sul (SRANC) (p. 19)
- 1959:** Banimento do (SRANC) (p.13, 19)
- 1 de Janeiro 1960:** Formação do Partido de União Democrática Nacional (NDP) (p.19)
- 1960:** A Assembleia Geral das Nações Unidas aprova a declaração de concessão de independência a povos e países sob domínio colonial (p. 11)
- 12 de Outubro de 1960:** Formação da União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) (p. 12)
- 1961:** Formação da Mozambican African National Union (MANU) (p.12)
- 1961:** Formação da União Nacional de Moçambique Independente (UNAMI) (p.12)
- 1961:** Conferência das Organizações Nacionalistas dos Territórios Portugueses (CONCP) (p.11, 13)
- 1961:** Conferência de Salisbúria (p. 20)
- 1961:** Início da guerra em Angola (p.12)
- 1961:** Independência da Tanzania (p. 12)
- Dezembro de 1961:** Banimento do NDP (p. 19)
- Dezembro de 1961:** Fundação da ZAPU (p. 20)
- 25 de Junho de 1962:** Fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) (p.14)
- 1962:** Formação da Frente Rodesiana (p. 20)
- 23 a 28 de Setembro de 1962:** Primeiro Congresso da FRELIMO (p.14)
- Mai de 1963:** Fundação da Organização da Unidade Africana (OUA) (p. 11)
- 1963:** Fragmentação da ZAPU (p. 20)
- 8 de Agosto de 1963:** Fundação da ZANU (p.21)

1964: Independência da Zâmbia (p. 15, 17) e do Malawi (p. 17)

1964: Frente Rodesiana toma poder na Rodésia (p. 20)

11 de Novembro de 1965: Independência Unilateral da Rodésia do Sul (p. 3, 7, 17)

1965: Criação do African Liberation Center, em Lusaka (p. 15)

1966: ONU aplica sanções económicas a Rodésia do Sul (39)

Abril de 1966: Início da luta armada de libertação no Zimbabwe (p. 2)

1968: a FRELIMO abre a frente de Tete (p.15)

1968: Primeiro contacto entre a FRELIMO e a ZANU (p.23)

Julho de 1968: II congresso da FRELIMO (p. 15)

1972: A FRELIMO atravessa o rio Zambeze e oferece aos nacionalistas do Zimbabwe a fronteira de Tete para seu corredor de infiltração (p. 2).

Dezembro de 1972: AS forças nacionalistas do Zimbabwe atacam a Farma Altena (p. 26)

7 a 10 de Abril de 1975: Conferência da OUA declara a África do Sul o principal obstáculo para o fim do colonialismo na Rodésia, da ocupação ilegal na Namíbia e da dominação racista na África do Sul (p. 32)

25 de Abril de 1974: Golpe de estado em Portugal (p. 27, 56)

Dezembro de 1974: Formação dos Países da Linha da Frente (p. 40)

1975: Retirada dos Estados Unidos da América do Vietname (p. 30)

Março de 1975: Morte de Herbert Chitepo (p.51)

25 de Junho de 1975: Independência de Moçambique (p. 33, 47)

24 de Julho de 1975: Nacionalizações dos prédios de rendimento (p. 33)

Agosto de 1975: Reunião de Victória Falls (p. 48)

Agosto de 1975: África do Sul invade Angola (p. 31)

Agosto de 1975: Rodésia inicia escalada de agressões contra Moçambique independente (p. 33)

12 de Novembro de 1975: Formação do ZIPA em Maputo (p. 42, 48)

16 de Janeiro de 1976: O movimento nacionalista do Zimbabwe reinicia actividades de guerrilha a partir de Moçambique (p. 49)

23 a 24 de Fevereiro de 1976: As forças rodesianas atacam as povoações de Pafúri e Mavué (p. 49)

3 de Março de 1976: Moçambique encerra todas as suas fronteiras com a Rodésia do Sul (p.37)

22 de Março de 1976: Henry Kissinger e Tony Crosland apresentam nova proposta para a discussão da independência do Zimbabwe (p. 56)

26 e 28 de Junho de 1976: Forças rodesianas atacam Mapai e Chicualacuala (p. 37)

Meados de 1976: Desintegração do ZIPA (p. 42)

9 de Agosto de 1976: Forças Rodesianas bombardeiam Nyadzónia (p. 39)

Agosto de 1976: Cimeira dos Não-alinhados em Colombo (p. 31)

Outubro de 1976: formação da Frente Patriótica (FP) (p. 43)

Outubro de 1976: Conferência de Genebra (p. 43, 57)

28 de Outubro de 1976: Início da transmissão da " Voz do Zimbabwe" (p. 44)

1977: Elaboração do livro branco sul-africano (p. 30)

Fevereiro de 1977: III Congresso da FRELIMO e sua transformou num partido (p 2, 36)

16 a 21 de Maio de 1977: Conferência da ONU em Moçambique, para o apoio do Zimbabwe e a Namíbia (p. 40)

Julho de 1977: OUA reconhece a FP como o único representante do povo do Zimbabwe (p. 43)

Setembro de 1977: Na reunião de Maputo os PLF aceitam o plano anglo-americano como documento válido para as discussões (p. 57)

9 de Dezembro de 1977: Smith reabre diálogo com Chirau e Muzorewa (p. 57)

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 1978: Conferência de Malta (p. 43, 55, 58)

Fevereiro de 1978: Moçambique condena o chamado "Acordo Interno" na Rodésia (p. 42)

3 de Março de 1978: Assinatura do acordo constitucional sobre a Rodésia chamado "Acordo Interno", ou de Salisbúria (p. 57)

1978: Pieter W. Botha ascende ao poder como Presidente da África do Sul (p. 30)

14 a 15 de Abril de 1978: Conferência de "Malta dois" (p. 58)

Dezembro de 1978: Destruição dos tanques de combustível pelos guerrilheiros nacionalistas do Zimbabwe (p. 65)

1978 e 1979: Introdução de militares moçambicanos no interior da Rodésia (p.63, 67)

Janeiro de 1979: Smith apresenta uma variante "aperfeiçoada" da Constituição na qual a Rodésia passaria a chamar-se "Zimbabwe-Rodésia" (p. 70)

Agosto de 1979: Na Conferência dos Chefes de Estados da Comunidade britânica, a Inglaterra aceita a sua responsabilidade colonial sobre a Rodésia (p.70, 71)

Agosto de 1979: Muzorewa ganha eleições na Rodésia. O País passa a ser chamado "Zimbabwe-Rodésia" (p. 71)

Setembro de 1979: Operação *Uric* na Província de Gaza (p.7)

10 de Setembro a 21 de Dezembro de 1979: Conferência Constitucional sobre a Rodésia em Lancaster House (p. 43, 71)

18 der Abril de 1980: Independência do Zimbabwe (p. 76)

Índice

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Cronologia

Lista de abreviaturas

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	1
1. Objectivos e objecto de Estudo.....	1
2. Motivação e justificação	4
3.Revisão bibliográfica, problematização e metodologia	4
4. Estrutura do trabalho.....	9
CAPÍTULO II	10
RELAÇÃO ENTRE A FRELIMO E O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO ZIMBABWE	10
1. Contexto geopolítico internacional prevalecente.....	10
2. Relacionamento estado colonial e a Rodésia	16
3. Construção do relacionamento entre FRELIMO–Movimento de Libertação do Zimbabwe	19
CAPÍTULO III	29
RELAÇÃO ENTRE MOÇAMBIQUE E O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO ZIMBABWE 1975 -1980	29
1. Contexto geopolítico Regional.....	29
2. Política externa e de segurança de Moçambique independente.....	34
3. Relação entre Moçambique e o Movimento de Libertação do Zimbabwe	39
CAPÍTULO IV	46
CONTRIBUIÇÃO DAS FPLM PARA A LIBERTAÇÃO DO ZIMBABWE	46
I. O Movimento de Libertação do Zimbabwe em território moçambicano	46
2. Jogo Diplomático internacional.....	56
3. Desdobramento de forças de guerrilha das FPLM no interior do Zimbabwe	58
4. Impacto.....	72
CAPÍTULO V	74
Conclusão	74
FONTES CONSULTADAS	76

Anexos

**INTERNACIONALISMO MILITANTE DE MOÇAMBIQUE: ESTUDO DE CASO
CONTRIBUIÇÃO DAS FPLM PARA A LIBERTAÇÃO DO ZIMBABWE –
1975 – 1980**

Omar Nalá Saranga
Maputo, 2005

ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
Resumo	3	a libertar-se da dominação colonial.	a libertar-se da dominação colonial por via armada.
Resumo	9	E se essa presença	Se a presença
Resumo	13	que era	que eram
Resumo	18	assim como	mas também
Resumo	7	Pois a convicção inabalável, tal como foi da Tanzania comungava de que sem Moçambique independente, a sua independência não era segura, também Moçambique não estaria seguro sem a independência do Zimbabwe.	Pois a convicção inabalável, da FRELIMO, comungada pela Tanzania antes da independência de Moçambique, era que Moçambique independente não estaria seguro sem a independência do Zimbabwe.

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
5	3	Philis Johson	Phyllis Johnson
5	18	as	às
7	6	unidade	unidades
7	11	operação Uric	a operação Uric
8	3	Notícia	Notícias
11	21	Territórios Portugueses	Colónias Portuguesas
15	5	Segundo Kaunda	Kaunda
16	19	veja o quadro 1 abaixo	veja o quadro 1 da página seguinte
16	23	veja o quadro 1 abaixo	veja o quadro 1 da página seguinte
17	12	a	à
21	23	ex-URSS	URSS
23	1	FRELIMO,	FRELIMO:
24	4	Chikerema,	Chikerema
24	15	a	à
25	9	a longa distância entre a Zâmbia e a Rodésia.	a distância entre a Zâmbia e a Rodésia ser percorrida a pé.
25	21	as	às
36	1	Legun	Legum
39	19	FRLIMO	FRELIMO
45	9	no ponto II deste capítulo	no ponto 2 deste capítulo, página 38
45	9	a	à
45	18	a presente	esta
50	24	Terras de Confiança Tribal	Tribal Trust Land (Reservas)

51	4	Mavué,	Mavué
52	18	Gerry, 1975:6	Gerry, 1979:6
55	20	exporta-los	exportá-los
58	15	Secretário de Estado- Norte-americano.	Ministro dos Negócios Estran- geiros Britânico
61	20	estabelecer,	estabelecer
64	7	guerrilheiros	guerrilheiros zimbabweanos
64	24	Situação	situação
66	24	Johson	Johnson
69	22	Burnockburn	Bannockburn
70	22	Grã-bretanha	Grã-Bretanha
70	23	Margareth	Margaret
73	1	a fim	o fim
73	3	custou ao governo da FRELIMO	custou ao país
75	14	providenciando	providenciando
71	25	der	de

FOOTNOTES

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
12	13	Guambee	Guambe
17	8	De Bradança	De Bragança
20	12	Johonson	Johnson
21	3	Johonson	Johnson
21	4	Johonson	Johnson
21	8	Johonson	Johnson
22	5	Johonson	Johnson
22	6	Johonson	Johnson

22	7	Johonson	Johnson
23	7	Johson	Johnson
35	6	Weimar	Weimer
35	8	Weimar	Weimer
35	9	Legun	Legum
36	4 e 5	Legun	Legum
40	7	Jornal Notícias	Notícias
52	3	Gerry, 1975:6	Gerry, 1979:6
53	1 e 2	Gerry, 1975:6	Gerry, 1979:6

Lista de abreviaturas

- AHM – Arquivo Histórico de Moçambique;
ANC – African National Congress
BP – British Petroleum
CCM – Chama Cha Mapinduzi
CEA – Centro de Estudos Africanos;
CNAM – Congresso Nacional Africano de Moçambique
COMECON – Conselho para Ajuda Económica Mútua
CONCP – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas
COREMO – Comité revolucionário de Moçambique
DARE – Conselho da Revolução da ZANU, “Dare re chimurenga”
EUA – Estados Unidos da América
FPLM – Forças Populares de Libertação de Moçambique
FPZ – Frente Patriótica do Zimbabwe
FRECOMO – Frente Comum de Moçambique
FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique
FROLIZI – Frente para a Libertação do Zimbabwe
G. Ds – Grupos Dinamizadores
GUMO – Grupo Unido de Moçambique
JOC – Comando Permanente de Operações Conjuntas
MAD – Mutually Assured Destruction (destruição mútua inevitável)
MANU – Mozambican African National Union
MNR – Resistência Nacional de Moçambique
MOLINACO – Movimento Nacionalista das Ilhas Comores
MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola
NDP – União Democrática Nacional
ONU – Organização das Nações Unidas;
OUA – Organização da Unidade Africana
PAC – Pan-Africanist Congress
PAIGC – Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PCC – Conselho dos Guardiões do Povo

PCN – Partido de Coligação Nacional
PLF – Países da Linha da Frente
RCM – Rádio Clube de Moçambique
RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana;
RPM – República Popular de Moçambique
RSA – República de África do Sul
SAS – Special Air Service;
SRANC – Southern Rhodesia African National Congress
SWAPO – South West African Peoples Organisation
TANU – Tanganyika African National Union
UDENAMO – União Democrática Nacional de Moçambique
UDI – Unilateral Declaration of Independence;
UEM – Universidade Eduardo Mondlane;
UNAMI – Nacional de Moçambique Independente
UNIPOMO – União do Povo de Moçambique
UNITA – União Nacional pela Independência Total de Angola
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ZANLA – Zimbabwe African National Liberation Army;
ZANU – Zimbabwe African National Union;
ZAPU – Zimbabwe African People's Union;
ZIPA – Zimbabwe People's Army (Exército Popular do Zimbabwe)
ZIPRA – Zimbabwe People's Revolutionary Army

CAPITULO I: Introdução

1. Objectivos e objecto de Estudo

Embora escassa a literatura que aborda o tema em questão, a informação recolhida adianta factos que apresentam a dimensão da importância da contribuição do povo de Moçambique e dos seus militares, em particular para o fim da guerra na antiga Rodésia, actual Zimbabwe, em nome do internacionalismo¹ militante.

O termo internacionalismo é usado aqui no sentido de libertação e solidariedade para com o povo do Zimbabwe pela melhoria das condições humanas.

O conceito residiu na capacidade de combinar o potencial humano e material à disposição do país. Tendo em conta que o programa político de um partido proletário, era encarar de frente o derrube do sistema capitalista e estruturar-se fundamentalmente com vista a esse objectivo. O programa político da FRELIMO, aqui na região, moldava-se para esta finalidade².

A decisão da FRELIMO de continuar a apoiar a Luta de Libertação do povo do Zimbabwe, depois de 1974, ganhou maior expressão na base da tomada de consciência, de que um poder político de maioria ajudaria a enfrentar o regime do apartheid em benefício de uma paz duradoira na região³.

Os factores históricos objectivos e subjectivos (a guerra fria⁴, o atraso económico, o tribalismo) impeliram a FRELIMO logo depois da independência, a optar por uma orientação socialista. Em 1977, no III Congresso, a FRELIMO transformou-se num partido. O seu Estatuto declarava: "O Partido FRELIMO guia-se pela síntese da

¹ o termo "internacionalismo" apareceu pela primeira vez em dicionário em 1879. Embora o fenómeno já se manifestasse antes, sua acepção actual define-se a partir do surto revolucionária de 1848 na Europa, concomitantemente com a publicação do Manifesto do Partido Comunista, que terminava com o célebre "Proletários de todo o mundo, uni-vos!". Veja <http://www.arkitectura.net/folha7/folha5.htm>. Internacionalismo hoje um fio de continuidade. Consultada em 19/07/2005

² : <http://www.arkitectura.net/folha7/folha4.htm>. Internacionalismo Crítico Consultada em 19/07/2005

³ Egero, 1992: 78

⁴ Isto é, a subordinação dos interesses dos trabalhadores aos Estados e blocos de Estados que supostamente representavam o "mundo livre" ou o "campo socialista". Em muitos países o movimento operário continuava a se dividir em função destes dois blocos, e o internacionalismo socialista era substituído pelo alinhamento mais ou menos directo com a ex-URSS ou, com o imperialismo. Veja <http://www.arkitectura.net/folha7/folha5.htm>. Internacionalismo hoje um fio de continuidade. Consultada em 19/07/2005

experiência da luta revolucionária do Povo moçambicano com os princípios universais do marxismo-leninismo.”⁵Deste modo, o internacionalismo preenchia

“um eixo central do programa histórico de emancipação da classe trabalhadora: por um lado, como estratégia unitária de luta contra o inimigo comum (o sistema capitalista) e, por outro lado, pela natureza universal (isto é, mundial) da sociedade socialista sem classes e sem exploração”⁶.

A essência do internacionalismo residia no seu valor supremo que era a humanidade inteira; política e socialmente, uma sociedade sem classes, o fim da exploração e da opressão que se deviam realizar a escala mundial; e como sujeito histórico da luta emancipadora, a igualdade de direitos entre as nações e logo o apoio às lutas de libertação das nações oprimidas — que eram os negros da América do Sul, os eritreus, os curdos, os canacas, os bascos, os irlandeses, os palestinos, e em geral todos os povos do Terceiro Mundo (onde se incluía o Zimbabwe) em luta contra a dominação imperialista⁷

Até a altura em que Moçambique conquista a sua independência o regime rodesiano e a sua hierarquia militar sabiam que a FRELIMO apoiava os combatentes da luta de libertação no Zimbabwe⁸.

A luta armada de libertação no Zimbabwe começou em Abril de 1966 e terminou em finais de 1979. O arranque pré-decisivo rumo a libertação das amarras do regime minoritário de Ian Smith deu-se em 1972, quando a FRELIMO durante a guerra de libertação nacional, atravessou o rio Zambeze e ofereceu aos nacionalistas a fronteira de Tete como seu corredor de penetração. Em 1976, deu-se a fase final da guerra pela independência do Zimbabwe graças ao advento da independência de Moçambique.

Moçambique independente, passou a ser o alvo preferido das incursões armadas das forças rodesianas devido ao seu posicionamento político em relação ao Movimento de Libertação do Zimbabwe, legitimado como internacionalismo militante.

⁵ : <http://www.adelmo.com.br/bibt/195-03.htm>. Voltando à crítica do “Socialismo Legalista”. Consultada em 30 Julho 2005

⁶ <http://www.arkitectura.net/folha7/folha5.htm>. Internacionalismo hoje um fio de continuidade Consultada em 19/07/2005

⁷ <http://www.arkitectura.net/folha7/folha5.htm>. Internacionalismo hoje um fio de continuidade Consultada em 19/07/2005

⁸ Reid-Daly, 1982: 184 e 254

A primeira incursão armada contra Moçambique aconteceu dois meses depois de declarada a independência. O regime rodesiano justificou a sua acção dentro do direito de perseguição do que chamava de "terroristas" em referência aos combatentes do Zimbabwe. Em Fevereiro do ano seguinte, as forças armadas do regime rodesiano voltavam a cometer mais uma invasão armada dentro do território moçambicano, atacando em larga escala as povoações de Pafúri e Mavué.

No contexto destas incursões armadas o governo moçambicano decidiu perdurar a ajuda que vinha oferecendo ao movimento, e aplicar à colónia Britânica da Rodésia do Sul todas as sanções definidas e exigidas pelas Nações Unidas.

Entretanto, o regime rodesiano interpretou a medida do governo moçambicano como uma declaração de guerra, a qual passou a responder com ataques a objectos militares e não militares, em território moçambicano.

O apoio político-militar prestado aos guerrilheiros do Movimento de Libertação do Zimbabwe, na luta pela sua independência, pelas FPLM constitui o objecto de estudo desta dissertação. O trabalho vai apresentar o enfoque político, e sobretudo militar desde a formação da FRELIMO, o seu relacionamento com o Movimento de Libertação do Zimbabwe e a acção militar no interior da Rodésia.

O objectivo é compreender o papel e a influência das FPLM, durante a guerra de libertação no interior da Rodésia.

O assunto assim colocado levanta a questão: que espécie de ajuda as FPLM ofereceram aos guerrilheiros do Movimento de libertação do Zimbabwe na luta pela independência do seu país, numa altura em que Moçambique devia consolidar a sua independência recém conquistada?

Tendo em conta que a Rodésia do Sul esteve envolvida na guerra em Moçambique ao lado dos portugueses, que combatiam a FRELIMO, e porque a Rodésia do Sul representava uma ameaça a soberania de Moçambique independente é de pensar que outros pressupostos concorreram para a efectivação deste apoio.

Poder-se-ia adiantar que era para apoiar os esforços da comunidade internacional a erradicar um regime ilegal, desde que se declarou, unilateralmente, independente a 11 de Novembro de 1965.

2. Motivação e justificação

A história político-militar, é a área que maior interesse despertou ao autor deste trabalho ao longo do curso. Outrossim, por o tema se enquadrar na “história militar” e de relações regionais de Moçambique.

A história militar escrita deste país é quase inexistente, e está estreitamente ligada a história política da Luta de Libertação Nacional. A abordagem existente, portanto política, em quase toda a literatura compulsada refere ter havido uma contribuição do povo moçambicano e das FPLM de uma forma geral, mas é omissa quanto aos aspectos mais profundos do envolvimento militar das FPLM no interior da Rodésia.

O discurso político desse período, enfatizava a irmandade do povo moçambicano e zimbabweano como estando baseada na sua condição de classe explorada e, do seu empenho na chamada frente anti-imperialista. Tudo isso, inserido no contexto da descolonização da região da África Austral, da problemática da guerra fria, onde o regime do apartheid e minoritário de Ian Smith constituíam obstáculos a remoção do colonialismo nesta região.

Admitindo esta visão, o autor da presente dissertação procura

- a) Discernir o grau de influência para a decisão que foi tomada de fazer de Moçambique uma retaguarda segura para a libertação do Zimbabwe,
- b) Compreender o conceito de internacionalismo militante como expressão de política internacional do governo da FRELIMO no período pós-independência;
- c) A ligação histórica do povo de Moçambique e do Zimbabwe.
- d) Contribuir para a divulgação e discussão sobre a experiência internacionalista das FPLM na guerra do Zimbabwe;
- e) E finalmente, apresentar a dissertação em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane.

3. Revisão bibliográfica, problematização e metodologia

Actualmente não existem trabalhos que abordam o apoio militar das FPLM para o Movimento de Libertação do Zimbabwe tanto no período anterior ou posterior a

independência de Moçambique. Contudo existem algumas referências sobre o apoio dado de uma forma geral, sem grandes desenvolvimentos.

Autores como David Martin e Philis Johson (1981), que reflectem uma perspectiva integral sobre o desenvolvimento da luta pela independência do Zimbabwe, expõem a realidade do processo revolucionário Zimbabweano. No entanto não desenvolvem o papel específico desempenhado pelas FPLM ao longo da luta. Contudo fazem alguma referencia ao apoio prestado pelos moçambicanos ao notar que em 1978 o presidente Machel enviou três grupos de militares para o interior da Rodésia compostos de cinco homens cada, em missão de reconhecimento.

Segundo estes autores a incumbência foi no sentido de sondarem a popularidade e o grau de combatividade da ZANU e da ZIPRA, recolherem informações sobre as actividades da RENAMO, da disposição das forças rodesianas, sua logística, locais de concentração antes de agredirem Moçambique⁹.

Portanto indicam que houve claramente um contingente de 500 homens apoiando os nacionalistas do Zimbabwe. Contudo não discutem o papel, o tipo das acções executadas pelas FPLM nas zonas de guerra ao lado dos nacionalistas zimbabweanos no interior da Rodésia, no período em estudo.

Cabrita (2000), refere-se as circunstâncias em que começa àquilo que chama de "resistência"¹⁰ ao poder instituído logo após a independência do país¹¹, sobre como evoluiu a resistência contada por aqueles que a organizaram e a implementaram (os rodesianos), sob o pretexto de que a FRELIMO oferecia um apoio cada vez mais crescente aos nacionalistas zimbabweanos em território moçambicano, na perspectiva de que o seu apoio à causa zimbabweana ajudaria a trazer uma solução em menos tempo possível¹².

Esta obra merece uma leitura e análise cuidadas, por forma a perceber como reagiu Moçambique como país soberano contra as agressões perpetradas pelo regime de Ian Smith, na sua cólera de perseguição as posições dos guerrilheiros da ZANLA e por também dar azo a novas pesquisas, por exemplo quando afirma que "The Rhodesians

⁹ Para mais detalhes veja Martin & Johnson, 1981: 316-318.

¹⁰ A página introdutória do seu livro realça o contexto em que é escrito o seu trabalho

¹¹ Cabrita, 2000: 131-132

¹² Cabrita, 2000: 131-132

appeared convinced that friendly relations could be established with independent Mozambique”¹³.

Que tipo de relações iria estabelecer um regime que tinha como política do seu governo a exclusão da maioria africana com um país com um regime que era o seu contrário?

CHRISTIE (1996) dá enfoque a vida de Samora Machel como estadista moçambicano no seu contexto político mais alargado e sobre o papel que jogou na revolução moçambicana. A sua abordagem, sem ser “uma biografia oficial”¹⁴ é também um relato a contribuição que Machel deu a história da África Austral, onde o Zimbabwe surge como um exemplo muito evidente:

“...Samora nunca hesitou em apoiar a luta do Zimbabwe. Moçambique tornou-se o lar de Robert Mugabe e da ZANU. Foi este relacionamento entre Machel e Mugabe que se tornou a forja da independência do Zimbabwe. Machel não pôs limites ao seu apoio...”¹⁵

aos zimbabwianos, razão pela qual não hesitou em fechar a fronteira moçambicana com a Rodésia e “aplicar integralmente as sanções prescritas pelas Nações Unidas como parte do esforço internacional para libertar o Zimbabwe”¹⁶.

Para o presente estudo, esta obra é muito interessante no sentido de que fornece uma explicação embora não muito detalhada sobre o envolvimento de Moçambique na causa zimbabweana, principalmente na pessoa do presidente Samora Machel que ao mesmo tempo era o Comandante-Chefe das FPLM.

Nela podem encontrar-se aspectos como o envolvimento dos países da Linha da Frente (p. 147), a libertação de Mugabe em Dezembro de 1974 (p. 151), a formação da ZANU-PF (p. 152) etc.

Apesar de não referir as acções (militares) específicas das FPLM no interior do Zimbabwe, evidencia, de certo modo, que houve “cooperação militar” quando se chegou a conclusão de que o “desanuviamiento não levava a lado nenhum e era o momento para ressuscitar a guerra de guerrilha no Zimbabwe”¹⁷.

¹³ Cabrita, 2000: 130

¹⁴ Christie: 1996: 10

¹⁵ Christie, 1996 :160

¹⁶ Christie, 1996 : 148

¹⁷ Christie, 1996 : 148

É desta forma que em 1978 são enviados soldados moçambicanos para o interior da Rodésia com os guerrilheiros da ZANU¹⁸.

Para se obter uma imagem sobre os ataques de agressão que o regime de Smith lançava contra Moçambique e mesmo sobre o envolvimento das FPLM em acções militares no interior do Zimbabwe, Cole (1984) oferece um relato de âmbito militar das actividades levadas a cabo por uma das unidades de elite do exército zimbabweano, conhecida por *Special Air Service* (SAS) não só contra Moçambique como também sobre outros países da linha da frente.

Demonstra como as forças de Ian Smith atacavam as bases da ZANU em Moçambique e preparavam operações direccionadas a desestabilizar Moçambique independente. Veja anexo A operação *Uric*, por exemplo, levada a cabo em Setembro de 1979 na Província de Gaza¹⁹, oferece um testemunho do esforço que o regime de Smith fez para negar aos zimbabweanos a sua independência.

Cole (1984) tem o mérito de fazer uma interligação entre uma série de actividades de carácter subversivo, no contexto da contra-insurgência, desde que foi declarada a Independência Unilateral de Smith em 1965 (UDI) até a altura em que a Rodésia passa a ser chamada de Zimbabwe em 1980. O objectivo desta contra-insurgência tinha em vista destruir a ZANU e a ZAPU e todos aqueles que davam apoio aos nacionalistas, principalmente Moçambique e a Zâmbia.

Peter Stiff (1999), faz também uma análise das operações secretas levadas a cabo pelo regime do apartheid na África do Sul. Oferece detalhes sobre actividades de contra-insurgência realizadas além fronteiras principalmente em Moçambique, Tanzania, Angola, Zimbabwe, Botswana, e Lesotho, pelas forças de elite do apartheid.

Oferece também informação sobre o processo da luta de libertação do Zimbabwe²⁰, da transição da Rodésia para Zimbabwe em 1980²¹. É uma abordagem que vale a pena ler porque durante a sua leitura podem ser explorados cenários não só relacionados com operações além fronteira no âmbito da política do apartheid, como também podem ser examinadas alianças de cooperação no domínio militar e outro que a

¹⁸ Christie, 1996 : 168

¹⁹ Cole, 1984: 327-338

²⁰ Stiff, 1999: 274-285

²¹ Stiff, 1999: 286-308

ZANU e o seu braço armado a ZANLA se beneficiaram de países amigos como Moçambique durante o conflito.

O jornal Notícia foi uma fonte muito explorada, pelo autor desta dissertação. Alguns dos seus artigos oferecem detalhes sobre o processo de ajuda do governo moçambicano à luta de libertação do Zimbabwe.

Na sua edição de 16, 17 e 18 de Fevereiro de 1980, o Jornal Notícias publicava em manchetes de primeira página as seguintes notícias: “ Cumprida a missão: Combatentes internacionalistas regressam à Pátria”; “ Continuaremos a apoiar a luta dos povos pela paz e a liberdade: Presidente Samora Machel ao saudar os combatentes internacionalistas agora regressados à Pátria”; Lutamos no Zimbabwe para devolver a paz a Moçambique: comandante e comissário político do Batalhão dos internacionalistas das FPLM falam ao jornal notícias”.

Julgamos ser nos factores de ordem política e económica incluindo a solidariedade internacionalista, onde devem ser encontradas as razões da contribuição dos militares moçambicanos na guerra rodesiana. Ou no posicionamento militar que foi tomado numa clara tentativa de ripostar a agressividade das forças rodesianas como forma de acelerar o fim da guerra na Rodésia do Sul, no contexto da descolonização da região de África Austral.

A hipótese definida conduz o argumento de que a contribuição das FPLM, foi uma estratégia político-militar do governo moçambicano numa tentativa de ripostar o fogo inimigo e de apoiar aos esforços do Movimento de Libertação do Zimbabwe para apressar o fim do regime rodesiano.

A metodologia usada para a elaboração deste trabalho não só incluiu consulta de fontes publicadas, como jornais, revistas, artigos, livros, mereceram atenção também fontes orais para a recolha de depoimentos junto de actores sociais, que participaram directa ou indirectamente no processo do apoio a Luta de Libertação do Zimbabwe, conduzidas em forma de entrevistas não estruturadas.

De entre os testemunhos recolhidos, destacam-se os de Alberto Chipande que relata o envolvimento do governo moçambicano na causa de libertação do Zimbabwe, por meio da ajuda logística, material e humana. De militares como Tomé Matias Upinde,

Mateus Simone Zenguene, Lemos José Pontes que descrevem as acções das FPLM no interior da Rodésia.

4. Estrutura do trabalho

O trabalho está dividido em 5 capítulos: o primeiro é um capítulo introdutório e com informação geral sobre o tema, problematização e metodologia; o segundo é um capítulo da contextualização desde a formação da FRELIMO em 1962 até a sua independência em 1975. O terceiro analisa o contexto geopolítico em que se dá a independência de Moçambique, a conjuntura da sua política externa e de segurança e a relação que passou a existir entre Moçambique, e a ZANU. O quarto o processo da ajuda militar concedido ao Movimento de Libertação do Zimbabwe pelas Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) abarcando a essência e o carácter da contribuição das FPLM durante a luta armada no Zimbabwe, no período em estudo, razão pela qual se propôs que o título fosse "*Internacionalismo militante de Moçambique: Estudo de caso contribuição das FPLM para a libertação do Zimbabué 1975-1980*". E o último capítulo uma breve conclusão.

Em termos cronológicos o tema considera o ano de 1975 por ser o ano em que Moçambique declarou a sua independência e que como governo soberano vai no ano a seguir declarar apoio aberto ao Movimento Nacionalista do Zimbabwe e 1980, por ser o ano em que o corolário desse apoio internacionalista termina com Independência do Zimbabwe.

Capítulo II

Relação entre a FRELIMO e o Movimento de Libertação do Zimbabwe

Este capítulo apresenta uma contextualização histórica do relacionamento entre a FRELIMO e o movimento de libertação do Zimbabwe, desde a sua formação em 1962 até a sua ascensão ao poder político em 1975.

O objectivo é mostrar como se estabeleceu esta relação e os diversos condicionalismos que favoreceram a sua promoção, partindo do fundamento de que o relacionamento entre a FRELIMO e o movimento de libertação do Zimbabwe começou com a ZAPU e evoluiu com uma facção dissidente deste movimento, a ZANU, e se fortificou no Moçambique independente com este último.

1. Contexto geopolítico internacional prevalecente

O movimento geral da descolonização começou com a declaração da independência da América do Norte, nos finais do século XVIII²². No século a seguir, XIX, continuou com as independências de todos os países da América Latina, incluindo o Brasil²³.

No século passado, XX, com o aumento da “contestação da situação colonial, dá-se o seu final,”²⁴ abrangendo todo o continente africano²⁵

No fim da primeira Guerra Mundial²⁶, a Alemanha perde todas as suas colónias²⁷, um número substancial de novos países surgiu na Europa e no Médio Oriente²⁸. Na Rússia surgiu o primeiro Estado Socialista (a URSS) como resultado da revolução de 1917²⁹.

Com os ventos de mudança que se seguiram no fim da segunda Grande Guerra Mundial, tida como a era das “democracias”³⁰ o mundo ganhou a consciência de que:

²² A independência dos EUA foi declarada unilateralmente a 4 de Julho de 1776. E foi reconhecida pela Inglaterra no tratado de Paris de 1783. Veja Vicentino: 1991: 169

²³ Soares, 1998: 50

²⁴ Departamento de História, 2000: 433 e 434.

²⁵ Soares, 1998: 50

²⁶ Soares, 1998: 50

²⁷ Vicentino: 1991: 258

²⁸ Casos de Checoslováquia, Jugoslávia, Polónia, Síria, Iraque. Veja Hobsbawm, 1994: 41, 42, 63 e 95

²⁹ Soares, 1998: 51

³⁰ Soares, 1998: 50

- os povos tinham o direito a sua liberdade e a independência de forma incondicional³¹;
- havia a necessidade de reconhecer a soberania, a igualdade dos estados independentes; grandes e pequenos;
- a Assembleia Geral das Nações Unidas ao aprovar em 1960, a famosa declaração de concessão de independência a povos e países sob domínio colonial, criava uma atmosfera favorável aos movimentos de libertação;
- a criação da Organização da Unidade Africana (OUA), seguida pelo estabelecimento do Comité de Libertação para dar assistência aos movimentos de libertação em África, era um fenómeno histórico que salientava a vontade de libertação dos africanos³².

Estas mudanças do pós conflito mundial como a queda de grandes poderes fascistas, permitiram reordenar, de alguma forma, as actividades políticas em todo o mundo³³.

Em África, o renascimento do nacionalismo repercutiu-se nas colónias dominadas por Portugal, apesar de ainda permanecer em Lisboa um governo fascista que empreendia esforços para ofuscar as ideias de auto-determinação e independência que progrediam clandestinamente em todas as suas colónias³⁴

De facto, a situação colonial distinguia-se pela opressão, exploração económica e discriminação racial³⁵. Ela foi denunciada na Conferência das Organizações Nacionalistas dos Territórios Portugueses (CONCP), que teve lugar em Casa Blanca em 1961, com a participação da UDENAMO³⁶

³¹ A Carta Atlântica, foi uma declaração conjunta assinada por Roosevelt, Presidente dos EUA e Churchill, Primeiro-Ministro Britânico, em 1941. Preconizava especificamente, a independência dos povos colonizados. Um objectivo dos aliados na sua luta contra o totalitarismo nazi-fascista e o imperialismo japonês. Veja Soares, 1998: 51

³² 1963 – Maio – Fundação da Organização da Unidade Africana (OUA) Simango, 1968: 60

³³ Mondlane, 1975: 114

³⁴ Mondlane, 1975: 114

³⁵ Departamento de História, 2000: 435

³⁶ Mondlane, 1975:127

A conferência foi um incentivo a consciência política dos nacionalistas. Enfatizou a necessidade de os movimentos nacionalistas se unirem contra o colonialismo português³⁷.

Kwame Krumah e Julius Nyerere, respectivamente presidentes do Ghana e da Tanzânia na sua qualidade de chefes de Estados africanos independentes estimularam a formação de frentes unidas em apoio a estes movimentos³⁸.

O aumento da contestação deu lugar a decadência do regime colonial com o início da guerra em Angola em 1961³⁹. No final do mesmo ano, o Tanganhica (Tanzânia) celebra a sua independência. O país torna-se na base de retaguarda segura para a FRELIMO desenvolver toda a sua actividade política, desde treinar e infiltrar guerrilheiros para realizarem ataques contra o governo colonial em Moçambique⁴⁰.

Face a recusa do governo colonial português em conceder direitos a favor da promoção dos africanos estes começaram a formar pequenos «partidos nacionalistas», grupinhos de exilados com fraca ligação com o interior de seus países⁴¹. Assim em Bulawayo, em 12 de Outubro de 1960, nasce a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO)⁴², chefiado por Adelino Chitofó Gwambe⁴³; em 1961, a Mozambican African National Union (MANU) constituída por emigrantes moçambicanos que trabalhavam no Tanganyika e no Kenya⁴⁴; em 1961 a União Nacional de Moçambique Independente (UNAMI), formada por moçambicanos oriundos de Tete e exilados no Malawi⁴⁵, chefiado por Baltazar Chagonga⁴⁶.

³⁷ Mondlane, 1975:127

³⁸ Mondlane, 1975:127

³⁹ Soares, 1998: 58

⁴⁰ Felgas, [ca. 1967]: 27e 28

⁴¹ Melo, 1978: 218

⁴² Hedges, Chilundo, 1999: 246. Entretanto, Neves menciona o MANC (Congresso Nacional Africano de Moçambique) como primeira formação fundada em Salisbúria nos fins de 1959, dominado por emigrantes de Tete. E incluía participantes de Sofala e Zambézia. O seu Presidente foi Peter Balamanja, nascido de emigrantes de Tete na Zâmbia. Veja Neves, 1998: 288, 298-304

⁴³ Hedges, Chilundo, 1999: 245. Mondlane, 1975: 127. Aurélio Bucuane refere na p. 6 que os "os membros fundadores, para além dele foram: Tata Bombarda Tembe, David Daniel Chambale, João Velemo Munguambe, Lopes Tembe Ndelane, José Nkovane e Fanuel Mahluza. Mais adiante, na p. 40 admite que a "primeira cúpula directiva da UDENAMO" apresentava Guambee como Presidente. Veja Bucuane, 2000: 6 e 40

⁴⁴ Mondlane, 1975: 127

⁴⁵ Mondlane, 1975: 127; veja também Borges Coelho, 1989: 52

⁴⁶ Hedges, Chilundo, 1999: 246

A UDENAMO, formada em território rodesiano, merece alguma explicação por forma a entender o espírito de solidariedade que se desenvolve, antes e depois da independência, entre a FRELIMO e o Movimento de Libertação do Zimbabwe.

A maioria dos membros da UDENAMO era originária do Sul e Centro de Moçambique, e outros poucos vindos de Niassa e Nampula, no Norte. Este facto explica-se, quiçá, pelo número de moçambicanos que trabalhavam nas minas sul-rodesianas nos fins da década 50⁴⁷, uns a procura de melhores condições de vida, outros a fugirem da opressão, da discriminação, da exploração económica e da humilhação colonial⁴⁸, que era um “problema [...] sentido por todos aqui na região de África Austral”⁴⁹.

A actividade política no tempo da Federação da Rodésia e da Niassalândia, não era de todo proibida no seu território pelo menos até 1959, altura em que o Southern Rhodesia African National Congress (SRANC) foi proscrito⁵⁰.

Portanto, até esta fase, o SRANC realizava comícios aos domingos e feriados ao ar livre ou em salões, a que alguns moçambicanos assistiam por “uma questão de solidariedade...”⁵¹

A UDENAMO, segundo Bucuane (2000), transferiu-se para Dar-es-Salaam no Tanganhyika por questões de segurança⁵².

Em Dar-es-Salaam as suas actividades foram direccionadas com a vista à independência de Moçambique⁵³. Neste âmbito é convidada a participar na primeira Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) realizada em 1961, em Casa Blanca no Marrocos e na Cimeira Pan-Africana que se realiza no mesmo ano em Ghana⁵⁴.

⁴⁷ Por exemplo 10.000 entre 1954 e 1957. Veja Neves, 1998: 259 e 271

⁴⁸ Bucuane, 2000: 37

⁴⁹ Alberto Chipande, Entrevista, Maputo, 13.10. 2004.

⁵⁰ Bucuane, 2000: 37.

⁵¹ Bucuane, 2000: 37. Veja também por analogia com Rodésia do Norte e Niassalândia “...muitos moçambicanos que residiam ou visitavam Rodésia do Norte e Niassalândia desde o início da década 60 começaram a integrar-se numa perspectiva anti-colonial e independentista. Muitos moçambicanos chegaram a fazer campanha pelo Malawi Congress Party do Dr. Hastings Banda...” Borges Coelho, 1989: 51 e 52

⁵² Bucuane, 2000: 36. “...medidas repressivas do regime rodesiano contra a luta anti-colonial, e a facilidade com que a PIDE operava na colónia britânica, condicionou a saída da UDENAMO para Tanganhica, no início de 1961” veja Hedges, Chilundo, 1999: 245 e 246

⁵³ Hedges, Chilundo, 1999: 245

⁵⁴ Bucuane, 2000: 42

A MANU, dirigida por Mateus Mole e Lawrence Joe Malinga que já militava sob o patrocínio do Kenya e do Tanganhica,⁵⁵ a sua preocupação estava virada, exclusivamente, para a melhoria das condições dos residentes de Cabo Delgado,⁵⁶ A UNAMI, em obter a emancipação política por meios pacíficos⁵⁷.

A UDENAMO apesar desta visão independentista não apresentava um projecto concreto para a erradicação da “repressão político-militar portuguesa”⁵⁸.

São estes três movimentos desunidos que sob a liderança de Eduardo Mondlane se unem, em Dar-es-Salaam, a 25 de Junho de 1962, numa única frente designada de Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)⁵⁹.

E no seu primeiro Congresso, realizado de 23 a 28 de Setembro de 1962 na Tanzania, a FRELIMO apresenta o seu projecto que indicava:

“eliminar a dominação portuguesa do território como primeiro passo em direcção à criação dum novo Moçambique; a utilização de todos os meios para o alcance da independência de Moçambique, incluindo portanto a via armada que já se revelava a única solução face à intransigência do regime colonial português”⁶⁰

Nesta altura muitos países africanos já haviam conquistado a sua independência⁶¹, e restavam apenas sob tutela colonial as colónias portuguesas, a Namíbia que estava dependente da União Sul-Africana⁶² e a Rodésia de Ian Smith⁶³.

O Tanganhica independente, na altura sede do Comité de Libertação da OUA, foi um dos mais activos centros de apoio aos movimentos nacionalistas. Para além da FRELIMO, ofereceu apoio para o Congresso Nacional Africano (ANC), a Organização

⁵⁵ Bucuane, 2000: 42

⁵⁶ Hedges, Chilundo, 1999: 245, 249

⁵⁷ Coelho, 1989:52

⁵⁸ Hedges, Chilundo, 1999:249

⁵⁹ Mondlane, 1975: 127 e 128.

⁶⁰ Macaringue, 1997: 17 e 18; Mondlane, 1975: 130-132

⁶¹ Sendo na região o Tanganhica (actual Tanzania) – e principal bastião da FRELIMO – e o Congo (agora Zaire). Moçambique enquadra-se na segunda fase das colónias que atingiram a independência através de lutas armadas de libertação nacional, a começar pela Guiné Bissau em 1974, Moçambique, Angola, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe, em 1975, depois o Zimbabwe em 1980, a Namíbia em 1990 e a Eritreia em 1993. Veja Gentil, 1998: 325

⁶² Soares, 1998: 44 e 54

⁶³ Maharaj, 1990: 100

Popular do Sudoeste Africano (SWAPO), ao Movimento Nacionalista das Ilhas Comores (MOLINACO)⁶⁴.

A Zâmbia, apesar de manter um certo relacionamento com os regimes coloniais pautou por uma atitude positiva. Depois da sua independência em 1964 adoptou como princípio apoiar todos os movimentos de libertação desta zona. Segundo Kaunda, entrevistado por Antunes (1996) nota que a sua posição política não foi fruto da geografia mas sim de princípios políticos, porque “se fosse a pensar nas questões económicas não teria apoiado o boicote a África do Sul e a Rodésia do Sul quando as Nações Unidas decidiram aplicar sanções”⁶⁵.

A sua posição no interior de África, rodeado por oito países⁶⁶, permitiu que fosse a “porta” de apoio para toda a África Austral⁶⁷.

Assim, “em 1965, era criado, o African Liberation Center, em Lusaka, onde se concentravam não só [...] a FRELIMO e o MPLA, como também o COREMO, a UNITA⁶⁸, a SWAPO, a ZAPU, a ZANU, e o ANC. No que se refere aos nacionalistas moçambicanos a Zâmbia começou por ajudar o COREMO, que fez algumas incursões no norte de Tete, e em 1968 a FRELIMO que começou a actuar na mesma província⁶⁹.”

O apoio que é dado a estes movimentos acontece na altura em que a solidariedade africana, afro-asiática, os não-alinhados⁷⁰ e os países socialistas impunham a descolonização como questão prioritária em todas as agendas internacionais, numa perspectiva mais pragmática de libertação do sub-continente⁷¹.

A FRELIMO já como Frente, unida e detentora de uma estrutura política definida,⁷² realiza o seu segundo congresso na província do Niassa, em Julho de 1968⁷³.

⁶⁴ Felgas, [ca. 1967]: 27e 28

⁶⁵ Kaunda entrevistado por Antunes. Veja Antunes, 1996: 616

⁶⁶ Angola, Congo, Tanzania, Malawi, Moçambique, Rodésia, Botswana, e Sudoeste Africano.

⁶⁷ Felgas, [ca. 1967] 1967: 19 e 21. Veja também Coelho, 1989: 58 e 59

⁶⁸ Coelho, 1989: 59 e 60

⁶⁹ Felgas, 1967: 21

⁷⁰ Que surgem da conferência de Bandung em 1955. Impôs o não-alinhamento e deu um impulso importante a descolonização. Nessa conferência definiu-se como objectivo estratégico, fundamental, imediato a libertação dos povos colonizados. Veja Soares, 1998: 44 e 54

⁷¹ Vieira, 1980: 32 e 34

⁷² Veja também Borges Coelho, Macaringué, 2002: 43

⁷³ Mondlane, 1975: 208

A ZAPU se fez representar por um delegado⁷⁴, facto que prova de alguma maneira a existência de relações de solidariedade entre estes movimentos.

Embora favorável a libertação, o ambiente internacional pós-segunda Guerra Mundial estava carregado de muitas dificuldades.

2. Relacionamento estado colonial e a Rodésia

Moçambique devido a sua localização geográfica, ocupava uma posição de importância estratégica: primeiro como tampão a favor dos regimes minoritários, depois como retaguarda segura a partir de 1975 na luta contra esses mesmos regimes minoritários brancos (Rodésia do Sul e a África do Sul), na região da África austral⁷⁵, veja capítulo IV.

E por este particular posicionamento, era de todo o interesse, para os regimes minoritários, que a revolução em Moçambique não triunfasse, na aceção de que viria mais tarde servir de base de apoio ao movimento de libertação do Zimbabwe e do ANC⁷⁶, como obviamente veio a acontecer⁷⁷.

A Rodésia do Sul fez parte da Federação das Rodésias e Niassalândia, declarada a 1 de Outubro de 1953, com objectivos de âmbito económico⁷⁸.

Na altura experimentou uma rápida expansão caracterizada por um aumento de produção agrícola, extracção mineira e a produção industrial. Os índices do produto interno e bruto por ano conheceram um aumento⁷⁹, veja o quadro 1 abaixo .

A entrada de capitais desempenhou um papel principal directo em empreendimentos não só produtivos como a mineração e a produção industrial, mas também em investimentos de infra-estruturas, acompanhada por um aumento de imigração de colonos⁸⁰, veja o quadro 1 abaixo.

⁷⁴ Mondlane, 1975: 208, 209

⁷⁵ *Mozambique will be free*, 1969: 16.

⁷⁶ *Mozambique will be free*, 1969: 16.

⁷⁷ Moçambique independente permitiu que o ANC e a ZANU tivessem acampamentos para os seus exilados em território nacional. Veja Macuácuá, 1983: 16 e 17

⁷⁸ De Bragança, 1978: 14 e 15

⁷⁹ De Bragança, 1978: 14 e 15

⁸⁰ De Bragança, 1978: 14 e 15

No mesmo período, efectivou a ligação Ferroviária Salisbúria-Lourenço Marques e o projecto hidroeléctrico de Kariba⁸¹.

Quadro I.

Características da expansão económica da Rodésia entre 1953-1960					
Produção Agrícola	Extracção Mineira	Produção industrial	Produto Interno Bruto	Proporção de Invest. no PIB	Imigração de colonos
60%	47%	60%	9,3%	26%	40%

Fonte: adaptado de (De Bragança, 1978: 14-15).

Politicamente, a Federação mostrou-se um desaire, facto que levou ao seu desaparecimento dez anos depois da sua formação⁸². *devido a falta de gestão*

A propensão da Inglaterra, em conceder independências aos territórios por si colonizados, conduziu a emancipação política da Zâmbia e do Malawi em 1964, com a excepção da Rodésia do Sul dirigida por uma minoria colonial branca. Sendo a partir deste momento que se inicia a teoria do NIBMAR (no independence before majority rule)⁸³.

A posição do governo de Londres colocou a situação dos rodesianos brancos em risco de perderem não só o poder político, mas também a prosperidade económica a favor dos nacionalistas zimbabwuanos, facto que leva Ian Smith a declarar, em 1965, a independência de forma unilateral (UDI)⁸⁴.

em 1965
Esta independência não foi reconhecida por nenhum país⁸⁵, uma vez que um poder de 250.000 brancos, discriminava cerca de 4 milhões de africanos. Motivo que levou a Inglaterra e a ONU a aplicar sanções comerciais contra a Rodésia.⁸⁶

Os países africanos, sentindo que as sanções mostravam-se menos eficientes para prejudicar, seriamente, o governo de Salisbúria cuja economia ia crescendo,⁸⁷

⁸¹ De Bragança, 1978: 14 e 15

⁸² Felgas, [ca.1967]:31

⁸³ Felgas, [ca.1967]: 31

⁸⁴ http://www.trinstitute.org/ojper/1_4bayer.htm, Online Journal of Peace and conflict Resolution, consultada em 16/03/2004

⁸⁵ http://www.trinstitute.org/ojper/1_4bayer.htm, Online Journal of Peace and conflict Resolution, consultada em 16/03/2004

⁸⁶ Felgas, [ca.1967]:31; De Bragança, 1978: 20-22; Veja também Flower, 1987: 62 e 63

optam, como solução para derrubar o regime minoritário de Ian Smith, oferecer auxílio ao movimento de libertação de Zimbabwe, inclusivamente o SWAPO da Namíbia e o ANC da África do Sul⁸⁸.

A África do Sul representava o maior poderio económico e militar na região: com mais de 40% da produção mineira de toda a África, o primeiro produtor mundial de ouro e o segundo em diamantes⁸⁹. Também era o país com o mais elevado orçamento de defesa e uma força militar superior que a do resto de toda a África subsaariana junta, daí a sua posição predominante a nível da região⁹⁰.

No chamado triângulo branco e mais tarde apelidado por Comissão Alcora⁹¹, a África do Sul, responsabilizou-se em intervir em Angola. A Rodésia encarregou a missão de intervir em Moçambique⁹², e o governo colonial português a tarefa de permitir as forças rodesianas de realizarem, em território moçambicano, operações de "hot pursuit" (perseguição a quente) aos guerrilheiros da ZANLA. É assim que a partir de 1971 as forças rodesianas, adoptam uma política agressiva em Tete, transformando as zonas fronteiriças em zonas de «fogo-livre»⁹³.

Basílio Moisés, um antigo combatente entrevistado por Borges Coelho em Tete, explica que:

"...os boers (rodesianos) ocuparam por muito tempo a zona de Zumbo. ...eles tinham posições, principalmente, nas zonas onde havia água, poços. Podiam acabar lá uma semana. E nós para roubar água, chega naquele sítio, se é uma secção... Basta alguém gritar que a água está aqui [...] logo era tiro"⁹⁴

⁸⁷ Cujá economia de 1967 a 1974, cresce até atingir o valor de 21,9% de PIB em 1973, 94% de produção em volume no período 1964-1973, 200% da indústria mineira ou seja \$53,5 milhões em 1965 para \$165 milhões em 1974 veja De Bragança, 1978: 22-23

⁸⁸ Felgas, [ca.1967]::32; Minter, 1988: 8

⁸⁹ Felgas, [ca.1967]: 34.

⁹⁰ *Mozambique will be free*, 1969: 16

⁹¹ Comissão Alcora era composta por representantes das Forças Armadas e da polícia. Tinha os seus escritórios permanentes na África do Sul.

⁹² Afonso, Gomes, 2000: 463

⁹³ Middlemas, 1975: 283; Veja também Henriksen, 1983: 180

⁹⁴ Basílio Moisés entrevistado por Borges Coelho. Veja Borges Coelho, 1993: 111 (Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique).

O comentário de Basílio não só acusa a existência da presença militar rodesiana em território moçambicano, mas mostra também o grau de relacionamento que existia entre Portugal e a Rodésia do Sul.

As forças rodesianas actuavam de forma regular na Província de Tete,⁹⁵ em missões de “busca e aniquilamento”⁹⁶, na aceção de que os militares portugueses não tinham capacidade de “evitarem a progressão da FRELIMO para o sul do corredor da Beira”⁹⁷.

Da mesma maneira que o regime minoritário de Ian Smith e o Governo colonial português em Moçambique, “para além de uma fronteira, tinham a necessidade comum de combater os grupos de guerrilha” a FRELIMO e o Movimento de Libertação de Zimbabwe também cimentaram uma “aliança funcional” que efectivou a formação de bases da ZANLA em Moçambique⁹⁸.

3. Construção do relacionamento entre FRELIMO–Movimento de Libertação do Zimbabwe

De acordo com Godfrey (1983), o conflito na Rodésia teve origem na exigência de um governo de maioria, por parte da população negra de uma colónia governada por brancos⁹⁹.

Este facto levou a formação, em 1957, do Congresso Nacional Africano da Rodésia do Sul (SRANC), liderado por Joshua Nkomo¹⁰⁰.

O SRANC foi a primeira organização política nacional a lutar pelos direitos democráticos dos africanos na Rodésia, clamando pela independência nacional e um governo de maioria. Em 1959, foi banido. Em substituição foi fundado, em 1 de Janeiro de 1960, o Partido de União Democrática Nacional (NDP)¹⁰¹. Também banido pelo regime colonial em Dezembro de 1961¹⁰². Neste mesma altura, Joshua Nkomo funda a

⁹⁵ Afonso, Gomes, 2000: 463

⁹⁶ Middlemas, 1975: 284,

⁹⁷ Afonso, Gomes, 2000: 463

⁹⁸ Antunes, 1996: 605

⁹⁹ Godfrey, 1983: 241

¹⁰⁰ Godfrey, 1983: 241

¹⁰¹ Dabengwa, 1995: 25

¹⁰² Martin, 1981: 66, 68.

União Popular Africana do Zimbabwe (ZAPU) como sucessora do NDP¹⁰³ que foi também proscribida em Setembro de 1962¹⁰⁴.

A ZAPU não era mais do que a continuação do SRANC e do NDP sob um nome diferente. A exclusão levada a cabo pelo regime colonial tinha em vista destruir os partidos políticos, enfraquecer a sua determinação pela independência, minar o apoio aos movimentos nacionalistas e a possibilidade de se unirem contra o colonizador¹⁰⁵.

X A crescente militância dos movimentos nacionalistas é respondida pela formação de um partido da direita – a Frente Rodesiana de Ian Smith – em 1962¹⁰⁶, que dois anos depois de conquistar o poder político acautela “não passar o poder para as mãos dos negros, enquanto os brancos forem vivos”¹⁰⁷.

A consolidação das forças colonialistas entre elementos rodesianos brancos representou um desafio extraordinário ao movimento nacionalista africano do Zimbabwe, que em consequência leva a desintegração do movimento em ZAPU e ZANU¹⁰⁸.

A fragmentação do movimento nacionalista zimbabweano, em 1963, deveu-se a questões de âmbito tribal. “A ZAPU [...] cindiu-se em dois grupos – o Matabele e o Mashona”¹⁰⁹.

X Politicamente admite-se que o pomo de discórdia foi a facilidade com que Joshua Nkomo aceitou a representação parlamentar dos africanos, na conferência de Salisbúria, em 1961, sobre “conversações constitucionais”¹¹⁰. Enquanto Mugabe insistia em representação equivalente, no mínimo, tanto para africanos e europeus na Assembleia Legislativa, Nkomo condescendeu a proposta que garantia o mínimo de 15 lugares para os africanos e 50 para os europeus. A sua proposta de formação de um governo no exílio,

¹⁰³ Dabengwa, 1995: 25

¹⁰⁴ Nkomo foi o líder de todas estas formações. Veja Godfrey, 1983: 241

¹⁰⁵ Dabengwa, 1995: 25

¹⁰⁶ Martin, 1981: 58

¹⁰⁷ Shamuyarira, 1989: 16

¹⁰⁸ Shamuyarira, 1989:16

¹⁰⁹ Na divisão de trabalho, os Mashona forneciam as tropas de combate, enquanto as funções de chefia eram quase sempre desempenhadas pelos matabele. Nkomo e Chikerema, Presidente e Vice-Presidente da ZAPU eram todos matabeles. Veja Crise nas guerrilhas rodesianas: nova ameaça de secessão devido a rivalidades tribais entre os dirigentes da ZAPU. *Noticias*. 18 de Mar. 1971. p 1 e 4; Veja também Stiff, 1986: 39 .

¹¹⁰ Martin & Johnson, 1981: 66-68

em 1962, segundo Martin e Johoson (1981), terá contribuído ainda mais para a disjunção¹¹¹

X. As posições de Joshua Nkomo, de acordo com os mesmos autores, precipitaram a secessão, que piorara com a suspensão de Ndabaninge Sithole, Takawira, Mugabe e Moton Malianga, como membros da ZAPU. Em retaliação estes, suspenderam, também, Nkomo quando se encontrava fora da Rodésia¹¹². *negociação*

Portanto, é este grupo suspenso que funda a ZANU no dia 8 de Agosto de 1963, sob a liderança de Ndabaninge Sithole, Takawira como Vice-Presidente, Mugabe como Secretário-Geral e Malianga como Secretário para a Juventude¹¹³.

As aspirações das duas formações são a independência do Zimbabwe. Entretanto, a forma de alcançá-la era um dos factores que dividia os dois movimentos. Para além das razões anteriormente mencionadas outras de relevância foram:

- A ZAPU liderada por Joshua Nkomo assumia que a via negocial da constituição ainda não havia sido esgotada, era ainda possível mobilizar a comunidade internacional para forçar o regime de Smith a abrir um caminho para uma resolução pacífica¹¹⁴.
- E a ZANU chefiada por Sithole defendia que o poder branco devia ser confrontado com o poder das armas dos nacionalistas, o povo do Zimbabwe podia se libertar com ou sem a ajuda da comunidade internacional¹¹⁵.

A desunião entre os dois movimentos agravou-se em 1969, por causa do litígio que se desenvolveu no movimento do mundo socialista, nos anos sessenta, entre a União soviética e a China¹¹⁶.

Neste ano, a ex-URSS patrocinou uma conferência onde participaram alguns movimentos com a designação de autênticos¹¹⁷.

De acordo com Marcelino dos Santos, a designação de autênticos, não provinha de uma designação oficial reconhecida por algum organismo internacional como a OUA.

¹¹¹ Este foi um dos motivos de força que levou ao banimento do NDP em 9 de Dezembro de 1961, ao recusar reconhecer a nova Constituição da Rodésia. Martin & Johanson, 1981: 66-68

¹¹² Martin & Johanson, 1981: 69-70; Lan, 1985: 124

¹¹³ Martin & Johanson, 1981: 69-70; Lan, 1985: 124

¹¹⁴ Shamuyarira, 1989: 17

¹¹⁵ Shamuyarira, 1989: 17

¹¹⁶ Shamuyarira, 1989: 17

¹¹⁷ Martin & Johanson, 1981: 14

Refere que era assim que se “catalogavam” os movimentos como a SWAPO, o ANC, o MPLA, o PAIGC, a MOLINACO, a FRELIMO e a própria ZAPU. Os outros, a ZANU, o COREMO, a UNITA, o PAC, etc, resultado de divisões operadas a partir das formações descendentes¹¹⁸, não tomaram parte neste encontro¹¹⁹.

“Até esta altura não havia sido estabelecido nenhum relacionamento com a ZANU porque nos parecia como resultado de um divisão deliberada promovida por Ndabaninge Sithole”¹²⁰.

Esta realidade obrigou, aos não autênticos, a procurar apoio na China como alternativa para a conquista do desígnio que era comum a todos os movimentos de libertação – libertarem-se das garras do colonialismo¹²¹.

Assim se compreende o porquê dos dirigentes da ZAPU o terem preterido qualquer tentativa de união com a ZANU. E os da FRELIMO uma tendência de não relacionamento com a ZANU como forma de se manter fiel ao seu aliado natural, a ZAPU¹²².

Como começa, então, o relacionamento entre a FRELIMO e a ZANU?

O relacionamento entre a FRELIMO e a ZANU consubstancia-se com o compromisso que a FRELIMO tinha de alcançar a independência e a unidade nacional pela luta armada¹²³.

Erradicar o colonialismo pela força das armas¹²⁴, era um ponto de vista também partilhado pela ZANU, e que foi se evidenciando a medida que a luta pela libertação dos dois países se intensificava. As incursões sistemáticas das forças de Ian Smith em território moçambicano, fortificaram ainda mais a crença da FRELIMO em reforçar as forças nacionalistas que se opunham a dominação do regime rodesiano¹²⁵.

¹¹⁸ Marcelino dos Santos, Entrevista, Maputo, 16.10. 2004. A FRELIMO embora um “autêntico” conseguiu manter boas relações com os chineses, que apoiavam o COREMO. Veja Christie, 1996: 119

¹¹⁹ Martin, & Johnson, 1981: xiv e 15.

¹²⁰ Marcelino dos Santos, Maputo, Entrevista, 16.10. 2004

¹²¹ Martin & Johnson, 1981:15; Banana, 1989 : 17

¹²² Martin & Johnson, 1981:15; Banana, 1989 : 17

¹²³ Martin & Johnson, 1981: 15.

¹²⁴ Martin, & Johnson, 1981: 17

¹²⁵ Egero, 1983: 3

Segundo Dai, esta atitude veio a reflectir, o internacionalismo da FRELIMO, “durante a guerra compreendemos que a independência de Moçambique sem a do Zimbabwe seria incompleta”¹²⁶.

De acordo com Christie (1996), o primeiro contacto entre a FRELIMO e a ZANU, realiza-se na Tanzania. Chitepo, Mondlane e Samora encontraram-se pela primeira vez em Dar-es-Salaam, em 1968. A FRELIMO acabava de abrir a frente de Tete. Na altura não foi discutida a possibilidade de travessia dos guerrilheiros zimbabwuanos através de Tete para a Rodésia. Entretanto, “o encontro, que teve lugar no Hotel Twiga, a pequena distância dos escritórios da FRELIMO, foi importante porque quebrou o gelo entre os dois movimentos”¹²⁷.

A abertura da frente de Tete veio a marcar o prelúdio do relacionamento positivo entre a FRELIMO e a ZANU. Este relacionamento consolidou-se quando uma forte clivagem tribal deflagrou dentro do movimento de libertação do Zimbabwe, nos inícios de 1970¹²⁸.

Nesta altura, a ZAPU inicia um processo de avaliação dos resultados das suas campanhas militares, levadas a cabo no período de 1965 -1969. Este exercício de auto-avaliação, levanta sérios problemas dentro da organização, sendo um dos quais a presença de uma equipa da televisão britânica autorizada, por Chikerema, na altura chefe do Departamento de Assuntos Especiais, a filmar os combatentes do movimento a atravessarem o rio Zambeze¹²⁹ em direcção a Rodésia¹³⁰.

Na óptica de David Martin e Phyllis Johnson (1981) a decisão de Chikerema de permitir a entrada da equipa de televisão britânica, no campo de treino da ZAPU na Zâmbia, punha em risco os guerrilheiros que deviam ser infiltrados na Rodésia e, numa

¹²⁶Tobias Dai, Entrevista, Maputo, 10.05.2004

¹²⁷ Christie, 1996: 127

¹²⁸ Entretanto a ZANU, apresentou seu pedido de utilização do corredor de Tete em Novembro de 1969. O contacto foi feito por Mukono, Tongogara, Cletus Chigowe, que reuniu com Samora Machel, Sebastião Mabote e Mariano Matsinhe que era representante da FRELIMO na Zâmbia. Machel prometeu considerar o pedido, uma vez que a posição da FRELIMO ainda não estava consolidada na frente de Tete. Veja Martin & Johnson, 1981: 16

¹²⁹ Dabengwa, 1995: 30-31

¹³⁰ Zâmbia: rivalidades tribais causam funda cisão na ZAPU. *Notícias*. 25 Abr. 1970. p. 13

situação embaraçosa, o governo da Zâmbia. Pois este recusava-se a aceitar publicamente a existência de campos de guerrilheiros em seu território¹³¹.

Esta realidade levantou sérios desacordos dentro da direcção política da organização¹³². Chikerema, não aceitou o criticismo de Moyo¹³³, que o acusava de uma liderança ditatorial e irresponsável¹³⁴.

O imbróglio conduziu a dissolução da direcção política e militar, instalando-se deste modo, um clima de hostilidade dentro do movimento¹³⁵. Como consequência a ZAPU fragmentou-se mais uma vez, em três grupos: Frente para a Libertação do Zimbabwe (FROLIZI¹³⁶) dirigida por Chikerema que comandava a ala militar; um grupo neutral e independente dirigido por Mthimkhulu; e o resto da ZAPU dirigido por Nkomo e J. Z. Moyo¹³⁷.

X A eclosão desta crise levou a ZAPU a perder o seu relacionamento estratégico e importante com a FRELIMO a favor da ZANU. Robson Manhika¹³⁸ e Rex Nhongo juntaram-se a ZANU de Ndabaninge Sithole, que aproveita esta oportunidade para pedir formalmente a FRELIMO a utilização do corredor de Tete para as suas actividades de guerrilha¹³⁹.

Nos finais da década 60, as operações de guerrilha que a ZANLA, braço armado da ZANU, tentou realizar no interior da Rodésia foram esmagadas, pelas forças de Smith por diversas razões:

- vigilância apertada pelas forças de defesa e segurança do regime minoritário de Ian Smith, no vale do Zambeze;

¹³¹ Martin & Johnson, 1985: 14

¹³² Na altura composta por James Chikerema, George Nhandoro, J. Z. Moyo, Edward Ndlovu, T.G. Silundika e Jane Ngwenha. Veja Dabengwa, 1995: 30-31

¹³³ Dabengwa, 1995: 30-31

¹³⁴ Martin & Johnson, 1985: 15

¹³⁵ Martin & Johnson, 1985: 15

¹³⁶ Segundo Mnangagwa a FROLIZI teve como presidente Shelton Siwela e Chikerema foi Secretário para a administração militar. A Frente foi formada em Outubro de 1971, e foi reconhecida pela OUA em Maio de 1972, mas nos princípios de 1973 perdeu este reconhecimento, descrito como uma federação de dissidentes da ZAPU e da ZANU. Veja Mnangagwa 1989: 140

¹³⁷ Dabengwa, 1995: 31

¹³⁸ Foi Chefe de Estado Maior da ZIPRA

¹³⁹ O pedido surgiu na sequência das dificuldades que a ZANU encarava para atravessar o vale do Zambeze, pois o rio constituía uma barreira natural. Outro factor era o calor intenso, a falta de água, o "cordão sanitário" criado pelas forças rodesianas ao longo do rio para prevenir as ameaças de infiltração a partir da Zâmbia. Veja Martin & Johnson, 1981: 17

- vigilância dos fazendeiros rodesianos que eram, principalmente, membros reservistas da polícia;
- colaboração da polícia sul-africana;
- o rio Zambeze e o Lago Kariba serem obstáculos naturais;
- o vale do Zambeze ser extremamente quente, agravado pela falta de água, doenças e ausência de população ribeirinha que pudesse oferecer qualquer ajuda;
- o Sul do rio Zambeze apresentar colinas altas abertas, desfiladeiros e uma expansão vasta de arbustos abertos;
- a longa distância entre a Zâmbia e a Rodésia. Os guerrilheiros eram obrigados a fazer uma viagem de 30 dias antes de entrarem em acção contra qualquer alvo inimigo e mais 30 de regresso a busca de reabastecimento em munições¹⁴⁰.

Nesta altura, a Zâmbia era o país independente que compartilhava fronteira com a Rodésia. E com capacidade para concentrar um grande número de homens e servir de trampolim para incursões de guerrilha dentro da Rodésia. Moçambique encontrava-se ainda sob dominação colonial portuguesa. O Botswana, apesar de apresentar-se como alternativa era usado de forma limitada¹⁴¹

Na sequência da abertura da frente de Tete, a FRELIMO endereçou vários convites a ZAPU, um dos quais quando abriu a frente de Tete, oferecendo facilidades para treinar os seus homens¹⁴²; e nos finais de 1970, para um encontro tripartido, FRELIMO-ZAPU-ZANU¹⁴³

A ZAPU não respondeu as oportunidades oferecidas pelo seu aliado natural, a FRELIMO¹⁴⁴. Em virtude disso decidiu declarar relacionamento amigável a ZANU. Passando a colaborar com esta formação em todos os aspectos políticos e militares da mesma forma que o fazia com a ZAPU¹⁴⁵.

A cooperação que se seguiu entre a FRELIMO e a ZANU cresceu ainda mais quando a FRELIMO nos princípios da década de 70, atravessou o rio Zambeze marcando

¹⁴⁰ Cole, 1984: 36-37

¹⁴¹ Cole, 1984: 36-37

¹⁴² Martin & Johnson, 1981: 16

¹⁴³ Marcelino dos Santos, Entrevista, Maputo, 16.10.2004

¹⁴⁴ Egero, 1983: 16

¹⁴⁵ Marcelino dos Santos, Entrevista, Maputo, 16.10.2004

uma fase decisiva da guerra em Moçambique¹⁴⁶; primeiro nas zonas libertadas pela FRELIMO, na província de Tete e depois em Manica e Sofala a medida que progredia em direcção ao sul do país¹⁴⁷.

Houve duas formas distintas de cooperação: a primeira consistiu na protecção das populações refugiadas, vindas da Rodésia e tratamento médico aos guerrilheiros da ZANLA e a outra, a disponibilização das zonas libertadas da FRELIMO para retaguardas importantíssima das forças de guerrilha da ZANLA¹⁴⁸.

Para a ZANU, este relacionamento veio criar facilidades no campo militar pois passou a operar perto da fronteira, recrutar, realizar missões de reconhecimento, introduzir material de guerra no nordeste da Rodésia. No campo político criou possibilidades de politizar a população local e de alguma maneira receber o apoio desta mesma população para a causa da libertação do Zimbabwe¹⁴⁹.

Mucumbura, por exemplo, foi uma das bases na fronteira com a Rodésia que servia de ponto de infiltração de guerrilheiros zimbabweanos para a Rodésia. Permitindo-lhes atingir a área do Monte-Darwin¹⁵⁰. Mais tarde serviu como uma base importante de treinamento de novos combatentes da ZANLA, e Chiôco uma base de armazenamento de armamento¹⁵¹. Veja o anexo T 1 e 2 mapa do Zimbabwe.

Um dos momentos mais altos nesta colaboração a partir do território moçambicano para a Rodésia, no nordeste, verificou-se se em Dezembro de 1972 com o ataque a Farma Altena, partindo da base Matimbe na Província de Tete. Segundo Cole (1984) o ataque a esta Farma marcou a primeira fase decisiva do reinício da guerra de libertação do Zimbabwe até a assinatura do Acordo de Lancaster House¹⁵².

A consolidação de frente de Tete pela FRELIMO possibilitou a realização de ataques subsequentes contra propriedades agrícolas na área de Sipolilo, na Rodésia, o estabelecimento de rotas de infiltração e bases ao longo da fronteira nordeste da Rodésia

¹⁴⁶ Cole, 1984: 38

¹⁴⁷ Nilsson, 1993: 61

¹⁴⁸ Nilsson, 1993: 61

¹⁴⁹ Cole, 1984: 39

¹⁵⁰ Aibaque Fungulane Chicadza entrevistado por Borges Coelho. Veja Borges Coelho, 1993: 131 (Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique).

¹⁵¹ Borges Coelho, 1993: 245, 248

¹⁵² Cole, 1984: 41-42; Middlemas, 1975: 283

a partir do começo de 1973¹⁵³. Sipolilo encontra-se a 200 Kms a norte de Salisbúria e faz fronteira com a região tabaqueira de Centenária, um distrito que era também assolado por ataques da ZANU¹⁵⁴, Veja o anexo T 1 e 2 mapa do Zimbabwe. Os pontos importantes de penetração dos homens da ZANLA a partir de Moçambique para a Rodésia, de acordo com Cole, eram dois, Chifombo e Umpapi na Província de Tete ao norte do rio Zambeze. As rotas, nesta altura, serviam os sectores Nehanda e Chaminuka para o apoio logístico e em homens¹⁵⁵.

O norte do rio Zambeze foi onde se localizou o primeiro sector das forças de guerrilha da FRELIMO e foi o sector que serviu de corredor principal de infiltração dos nacionalistas zimbabweanos, incluindo o seu material de guerra, para o interior da Rodésia. O equipamento militar era transportado como se fosse dos guerrilheiros da FRELIMO via Cassuende, pela população, desde Zumbo até Mucumbura na margem sul do rio Zambeze, de onde era expedido para o interior da Rodésia¹⁵⁶.

Portanto, até a altura em que se realiza o golpe de estado, em Portugal a 25 de Abril de 1974, Moçambique através da FRELIMO, já desempenhava um papel decisivo na construção da vitória do povo do Zimbabwe¹⁵⁷

O colapso do regime colonial português aumentou vantagens para o incremento de laços de solidariedade para com a causa do movimento de libertação do Zimbabwe: as forças nacionalistas passaram para uma posição em que poderiam usar navios, aviões, comboios ou veículos automóveis para transportar os seus homens e material de Tanzania para a fronteira rodesiana¹⁵⁸.

✦ O Estado Maior da ZANLA e seus guerrilheiros foi transferido da Zâmbia para Moçambique, donde passou a coordenar as operações de infiltração a partir do Este. Para além de infiltração, a mudança teve a vantagem de facilitar a recepção de grandes quantidades de material de guerra, de novos recrutas treinados que facilmente eram

¹⁵³ A 200 Km da capital rodesiana: ataque terrorista a um depósito agrícola. *Notícias*. 02 Fev. 1973. p.1

¹⁵⁴ A 200 Km da capital rodesiana: ataque terrorista a um depósito agrícola. *Notícias*. 02 Fev. 1973. p.1

¹⁵⁵ ZANLA tinha dividido uma parte do Norte da Rodésia em sectores chamados Nehanda e Chaminuka. Veja Cole, 1984: 42 e 45

¹⁵⁶ Coelho, 1993: 101

¹⁵⁷ Honwana. 1980: 44

¹⁵⁸ Stiff, 1982: 186

levados para os pontos de travessia, assistência aos feridos, o que contribuiu para o levantamento da moral combativa dos guerrilheiros da ZANLA¹⁵⁹.

O golpe de estado em Portugal, representou um choque para o regime rodesiano. A independência de Moçambique permitiu a continuidade do apoio e prestar solidariedade internacionalista que a FRELIMO vinha concedendo ao movimento de libertação do Zimbabwe.

¹⁵⁹ Cole, 1984: 61

Capítulo III

Relação entre Moçambique e o Movimento de Libertação do Zimbabwe 1975 -1980

Este capítulo analisa o contexto geopolítico¹⁶⁰ em que se dá a independência de Moçambique, a conjuntura da sua política externa e de segurança e a relação que passou a existir entre Moçambique, como um Estado soberano e independente, e a ZANU, na altura ainda um Movimento de Libertação. O fundo da questão é mostrar as razões possíveis da decisão tomada pelos governantes moçambicanos de apoiar à instalação deste movimento no país.

I. Contexto geopolítico Regional

O ambiente geopolítico na altura da independência de Moçambique caracterizou-se por duas tendências: um ambiente internacional, que embora favorável a escolha “dos jovens estados do terceiro mundo de estratégias socialistas para a sua política de desenvolvimento”¹⁶¹, estava dividido pela guerra fria, em que era notória a preponderância dos EUA e da ex-URSS como principais potências mundiais; e por um clima regional bastante tenso no qual a FRELIMO e o seu governo advogavam a responsabilidade de tomar parte na libertação da África Austral da dominação sul-africana e rodesiana¹⁶².

Entretanto, os eventos aqui na região eram influenciados por estas principais potências mundiais (EUA e a ex-URSS), que dominavam as relações políticas internacionais desde o fim da segunda guerra mundial, em 1945; Que em nome da defesa do capitalismo e do comunismo, digladiavam-se na suposta “destruição mútua inevitável” (MAD)¹⁶³, que teve como exemplos vivos, do período em análise, a crise dos Mísseis em

¹⁶⁰ É o estudo do sistema dos factores geográficos que ajudam explicar a base do poder dos estados das nações; É uma combinação de geografia política e ciência política. Características importantes deste estudo incluem território, recursos, clima, população, cultura social e política, e actividade económica. Antes da segunda guerra mundial a geopolítica era associada ao nacionalismo alemão e o regime Nazi. Veja Geopolítica... 1998. Enciclopédia® Microsoft® Encarta 99

¹⁶¹ Nilsson, 1998. 31

¹⁶² Borges Coelho, Macaringue, 2000: 48

¹⁶³ Das iniciais de expressão inglesa, mutually assured destruction). Veja Hobsbawm, 1994: 226

Cuba, o espectro da guerra do Vietname, onde a retirada dos americanos, em 1975, reforçou o avanço do comunismo com a tomada de poder no Laos e no Cambodja¹⁶⁴.

A supremacia dava-se por meio de uma combinação de guerras locais em que os EUA não faziam uso directo das suas forças, como no Vietname¹⁶⁵. E este predomínio verificou-se numa altura em que o regime sul-africano punha em acção a política de desanuviamento¹⁶⁶, que levou Moçambique e Angola a mergulharem, de novo, pela intervenção conjunta destes dois países numa guerra civil¹⁶⁷.

Segundo Minter (1998) a RPM não estava envolvida em nenhum conflito aberto na altura da sua independência¹⁶⁸. Mas a política de desenvolvimento socialista¹⁶⁹, pela qual optou, foi vista pelo regime do apartheid como fazendo parte de uma estratégia que foi apelidada de “aniquilamento total” (ofensiva total¹⁷⁰), em que Angola fazia parte do xadrez, devido, também, a sua orientação marxista-leninista¹⁷¹.

Para Grundy (1983), o Presidente sul-africano Pieter W. Botha, que ascendeu ao poder em 1978, tinha a impressão de que o seu governo era hostilizado, por estes países recém independentes (Angola e Moçambique) que a mando de Moscovo desejavam a supressão do poder branco.¹⁷²

A independência de Moçambique nesta óptica, significava uma ameaça a soberania sul-africana. A sua localização geográfica pressupunha uma posição de frente avançada da ex-URSS. E em resposta a esta estratégia da ofensiva total o regime de Botha desenvolveu a chamada “estratégia total”¹⁷³.

O “livro branco alusivo aos problemas da defesa de RSA (1977) definiu a “estratégia total” como “acção nacional integrada...que exige acções interdependentes e coordenadas em todos os domínios: militar, psicológico, económico, político, sociológico, tecnológico, diplomático, ideológico, cultural etc.”¹⁷⁴

¹⁶⁴ Brigland, 1990: 4; Hobsbawm, 1994: 217, 229, 440.

¹⁶⁵ Hobsbawm, 1994: 245.

¹⁶⁶ Abrahamson e Nilsson, 1998: 74.

¹⁶⁷ Hobsbawm, 1994: 439

¹⁶⁸ Minter, 1994: 41

¹⁶⁹ Hanlon, 1997: 12

¹⁷⁰ Minter: 1994: 48

¹⁷¹ Grundy, 1983: 3

¹⁷² Grundy, 1983:3 e 4

¹⁷³ O'meara, 1996: 256-257

¹⁷⁴ Urnov, 1988: 146

O seu objectivo era a militarização de forma acelerada e diversificada da África do Sul com o fim de restabelecer o prestígio amachucado das Forças Armadas da RSA em Angola, durante a guerra de invasão em Agosto de 1975, e conservar posições militares dominantes do regime e dos seus aliados na região¹⁷⁵

No âmbito desta estratégia, Urnov (1988) lembra que as tropas sul-africanas atacaram a Zâmbia e Moçambique sob o disfarce e na composição das forças de segurança rodesianas, praticando-se de preferência incursões aéreas e desembarques por helicópteros. Citando a revista *Sechaba*, nota que os ataques aéreos de grande envergadura, se não a maior parte deles, contra os PLFs, foram planificados e coordenados em comum com os serviços de inteligência da África do Sul e que neles tomaram parte aviões e pilotos sul-africanos¹⁷⁶.

No que se refere a RPM, considerado uma ameaça a estabilidade política do regime do apartheid e da Rodésia do Sul, a estratégia foi usada para imobilizar o apoio crescente que o Presidente Machel concedia aos combatentes da ZANLA – braço armado da ZANU¹⁷⁷.

Assim, o governo da FRELIMO teve a percepção de que a sua independência não podia estar segura até que os países do resto da região, governados por sistemas opressivos minoritários e representantes dos interesses imperialistas, fossem libertados¹⁷⁸. Nesta circunstância o presidente Machel declara na cimeira dos Não-alinhados realizada, em Agosto de 1976, em Colombo, o seguinte:

“O papel activo das Força Armadas da Rodésia do Sul durante a luta armada de libertação nacional, a constante violação das nossas fronteiras depois da independência, os inúmeros actos de agressão armada, deixaram-nos a consciência clara de que Moçambique não seria verdadeiramente independente enquanto persistir o actual regime de Salisbúria”¹⁷⁹

Moçambique, sendo um país que saía de uma situação colonial e propendia para uma orientação do tipo socialista, determinado a consolidar a sua independência,

¹⁷⁵ Urnov, 1988: 146

¹⁷⁶ Urnov, 1988: 147, 154

¹⁷⁷ Haman, 2001: 105

¹⁷⁸ Egero, 1978: ii, iii

¹⁷⁹ Novas tácticas do imperialismo denunciadas por Samora Machel. *Notícias*. 22 Ag. 1976. p. 2

progresso e modernização com o apoio da ex-URSS¹⁸⁰, e a construir uma sociedade não racial¹⁸¹, claramente que não era bem vindo pelos seus dois vizinhos com sistemas diferentes do seu. E fundamentalmente por deixar de forma irreversível, com Angola, de ser um estado tampão do regime sul-africano e ao mesmo tempo por criar condições de libertação do Zimbabwe e pelo impacto que criava nas lutas populares no interior da África do Sul¹⁸².

Portanto, a presença soviética aqui na região não incomodava só o regime do apartheid, também aos seus aliados - os americanos. Washington encarava a ajuda comunista como uma ameaça permanente e vantagem potencial na grande luta pela supremacia. O combate ao perigo comunista era feito por todos os meios desde económicos, propaganda ideológica, subversão militar, de preferência em aliança com um regime local amigo ou "comprado"¹⁸³.

O regime sul-africano enquadrava-se nesta panorama, em consonância com a sessão da OUA realizada em Dar-es-Salaam de 7 a 10 de Abril de 1975, que destacou que o maior obstáculo para a libertação, quando se trata "da luta contra o colonialismo na Rodésia ou da ocupação ilegal da Namíbia ou da dominação racista na África do Sul, o principal oponente à África era o mesmo: o regime sul-africano"¹⁸⁴. Este regime ignorava a opinião da África no problema rodesiano, prestava assistência económica e militar a Smith e obstruía as sanções internacionais, ajudava deste modo, para a manutenção do poder da minoria branca na Rodésia¹⁸⁵.

A invasão de Angola, numa tentativa de o regime do apartheid defender o seu domínio sobre a Namíbia¹⁸⁶, reforçou a ideia de que Moçambique não escaparia à sanha de desestabilização sul-africana. Considerando que no período compreendido entre o Acordo de Lusaka e a independência nacional, o regime rodesiano já violava de forma sistemática o espaço aéreo moçambicano, fazendo bombardeamentos, ataques constantes

¹⁸⁰ Hobsbawm, 1994: 425

¹⁸¹ Abrahamson, 1993: 85

¹⁸² Maharaj, 1990: 100. A insurreição no Soweto em 1976, por exemplo, a saída de milhares de Jovens sul-africanos do seu país para se juntarem ao ANC na Tanzania como protesto a acção brutal do apartheid.

Veja Abrahamson, 1994: 75

¹⁸³ Hobsbawm, 1994: 424

¹⁸⁴ Urnov, 1982: 126

¹⁸⁵ Urnov, 1982: 126

¹⁸⁶ Gentili, 1998: 375

nas províncias de Tete e Manica¹⁸⁷, em que o ataque a Mavué em Agosto de 1975, marcava o início da escalada de agressões no período pós independência Nacional¹⁸⁸.

A independência de Moçambique, ocorrida a 25 de Junho de 1975, foi um acontecimento de grande importância. De entre muitos dos seus significados ela foi em primeiro lugar “uma vitória político militar sobre um país europeu, [...] que insistia em permanecer sem descolonizar”¹⁸⁹, cujo triunfo permite a instituição de um poder de aliança operário-camponesa que tem como guia a FRELIMO.

O estabelecimento de um governo de maioria africana que é alargado a todos os sectores da sociedade através da criação dos Grupos Dinamizadores (G.Ds) em substituição do regime colonial foi, também, um dos significados marcantes a nível interno. Os G.Ds foram uma arma fundamental de mobilização e organização da FRELIMO, que sob a palavra de ordem “Unidade, Trabalho, Vigilância, ” tentou combater a sabotagem económica e a pilhagem dos bens do país¹⁹⁰.

Portanto, a proclamação de uma Constituição de âmbito socialista, tornou o país numa República Popular. Neste âmbito, a 24 de Julho de 1975, seguiram-se as primeiras nacionalizações dos prédios de rendimento, dos hospitais, clínicas privadas, do ensino, da abolição da advocacia privada, e da liquidação da propriedade privada de terra como primeiro passo na transformação das relações sociais de produção¹⁹¹.

Num segundo passo foram instituídas as empresas estatais, as cooperativas agropecuárias, as aldeias comunais, as Conselhos de Produção, a igualdade de todos os cidadãos e a rejeição de qualquer tipo de discriminação conferindo, deste modo, maior significado a emancipação política¹⁹².

A nível externo a independência da jovem nação moçambicana foi vista pela RSA e pela Rodésia como um avanço do comunismo na região, e baluarte das lutas de libertação de outros povos (ZANU do Zimbabwe, ANC da África do Sul, SWAPO na Namíbia). Muito cedo Moçambique tornou-se num alvo da acção agressiva destes países, a começar pelas campanhas de descrédito, subversão e a desestabilização militar por

¹⁸⁷ Tempo, 14 Mar.1976 nº 284. p. 14

¹⁸⁸ Tempo, 14 Mar.1976 nº 284. p. 16

¹⁸⁹ Macaringue, 1997: 65

¹⁹⁰ Tempo, Fev. 1977, nº 331. p. 41

¹⁹¹ Tempo, Fev. 1977, nº 331. p. 45-46

¹⁹² Tempo, Fev. 1977, nº 331. p. 45-46

meio de ataques armados directos, em que as FPLM são chamadas a assumir o que Macaringue (1997) chamou de “auto defesa permanente”¹⁹³

2. Política externa e de segurança de Moçambique independente

A vitória do movimento de libertação de Moçambique (FRELIMO) contra o regime colonial português teve um impacto particular na luta de libertação do Zimbabwe. Como ficou claro, depois da independência, e pelo cenário acima referido, Moçambique apareceu determinado a aceitar bases de retaguarda e apoio político inabalável ao movimento de libertação do Zimbabwe, abrindo possibilidades estratégicas novas nas fronteiras nordeste e oriental do país, aos combatentes zimbabwianos que penetravam a partir de Moçambique¹⁹⁴.

O espectro da imposição de um governo fantoche, a exemplo do que estava para acontecer em Angola, contribuiu para que os governantes moçambicanos dessem prioridade, no seu relacionamento diplomático, aos países que sempre se engajaram do seu lado¹⁹⁵. Segundo o presidente Machel, em termos ideológicos, políticos, diplomáticos, económicos e sociais eram países que defendiam a mesma causa e lutavam pelos mesmos objectivos¹⁹⁶, a independência e a luta global dos oprimidos contra os opressores¹⁹⁷.

Este discernimento englobava aquilo que eram os objectivos da luta armada em Moçambique: uma luta anti-colonial, anti imperialista e, finalmente, uma luta destinada a destruir o sistema de exploração do homem pelo homem¹⁹⁸.

Incluindo o “não-alinhamento” no conjunto, estas linhas passaram a dominar o comportamento das relações internacionais da política externa moçambicana, assente “na base dos princípios de respeito mútuo pela soberania e integridade territoriais, igualdade, não ingerência nos assuntos internos e reciprocidade de benefícios”¹⁹⁹

¹⁹³ Macaringue, 1997:67

¹⁹⁴ Utete, 1980: 61

¹⁹⁵ Principalmente aos países africanos, países socialistas, asiáticos e europeus que lhe deram algum apoio. Veja Machel, 1977: 79 e 81.

¹⁹⁶ Na fase presente engajemos nos em três frentes mobilização política, produção e internacionalismo: Presidente Samora Moisés Machel no décimo primeiro aniversário da revolução moçambicana. *Notícias*. 27 Set. 1975, p. 3.

¹⁹⁷ Egero, 1983: 2

¹⁹⁸ Egero, 1983: 8

¹⁹⁹ Machel, 1977: 81 e 83.

A maior preocupação no campo de acção desta política incidiu na cooperação política, económica bilateral e multilateral na África Meridional, com vista a dar uma solução para o problema da independência de Namíbia, o conflito de classe e raça na África do Sul, e o processo da descolonização no Zimbabwe; Assim como de reforçar as relações económicas com países da COMECON²⁰⁰ para obter alternativas de acesso para seus mercados e tecnologia. A razão para a cooperação económica com o Leste é o Ocidente, tinha a ver com o princípio de "vantagem e benefício mútuo"²⁰¹.

No caso do Leste e dos Não-alinhados o objectivo era fortificar os laços de segurança²⁰², por forma a salvaguardar a revolução moçambicana da contra-revolução, da desestabilização e agressão externa; e finalmente, a manutenção de uma posição de não-alinhamento em assuntos de âmbito internacional na ONU, e na OUA, com o fim de vincar na base do princípio de não-interferência em assuntos domésticos, uma postura anti-imperialista em apoio aos movimentos de libertação²⁰³.

Esta última posição permitiu uma mudança dramática nas relações externas de Moçambique, desde a independência, designadamente: o desenvolvimento de cooperação mais íntima com Moscovo em detrimento de Pekim²⁰⁴.

A mudança de política moçambicana nas relações com a China, segundo Stevens (1980) parece ter originado-se no crescente receio de que o conflito entre as forças nacionalistas do Zimbabwe e o regime rodesiano poderia transformar-se em uma guerra convencional para a qual ajuda militar chinesa poderia ser inadequada, enquanto a ex-União Soviética trouxe de Angola uma imagem de um aliado poderoso preparado para apoiar os seus aliados²⁰⁵.

²⁰⁰ Sigla para Conselho para Ajuda Económica Mútua (COMECON). Um organismo fundado em 1949 por Estaline, e dominado pela União soviética; o seu objectivo era integração económica do bloco político do Leste como um meio de contrariar o poder económico Comunidade Económica Europeia. Os 10 estados membros foram a URSS, Bulgária, Cuba, Checoslováquia, Hungria, Polónia, Roménia, Alemanha Oriental, Mongólia, e Vietname. Veja "COMECON"...1998, Europress Family Encyclopedia

²⁰¹ Weimar, 1982: 1-2

²⁰² Com os países como Cuba, República Popular democrática da Coreia, Tanzania.

²⁰³ Weimar, 1982: 1-2

²⁰⁴ Legun, 1977: 297

²⁰⁵ Stevens, 1980: 51

Entretanto Legun (1976-77) acha que o declínio das relações com a China, não pode ser encontrada nas diferenças de posição quanto a guerra de Angola²⁰⁶ ou na ausência de convidados chineses ao Terceiro Congresso da FRELIMO, em Fevereiro de 1977. Mas provavelmente na decisão de reforçar a capacidade militar moçambicana do que de laços de amizade com Moscovo²⁰⁷.

Vista a questão sob este prisma, a política de segurança nacional formulada, naturalmente, tinha que ter em conta a construção de uma defesa sólida para salvaguardar a independência de Moçambique. E no contexto da guerra fria, a assistência militar da ex-URSS a Moçambique presumia-se indeclinável para a questão do “equipamento, organização, técnica de combate, aprendizagem e treino das forças”²⁰⁸

Por outro lado, as provocações e as agressões armadas de Smith, que haviam diminuído no período de transição a favor da subversão, recrutamento e treino de bandos armados, que no período pós independência foram intensificados até atingirem uma fase de agressão aberta²⁰⁹, (veja anexo B) favoreceram esta aproximação com Moscovo. O ambiente hostil que se viveu nesta altura obrigou o novo governo a reflectir sobre as fontes de equipamento para edificar uma defesa nacional, que a China não estava em condições de apoiar ao país com meios convencionais adequados para fazer face a uma possível invasão convencional destes dois países²¹⁰.

A FRELIMO e o seu governo, na condição de país soberano e independente, interpreta estas agressões no contexto de uma declaração de guerra, que afastava qualquer via de actuação que não fosse um apoio igualmente crescente aos nacionalistas zimbabueanos e uma resposta militar na linha de defesa do seu território, numa primeira fase²¹¹.

²⁰⁶ Onde os dois países tomaram posições fortemente opostas com a FRELIMO a ser pró MPLA. Mas esta diferença não oferece nenhuma explicação satisfatória pelo esfriar de relações com Moçambique, considerando que a Tanzania também apoiava MPLA e nada aconteceu nas suas relações com a China. Veja Legun, 1977: 300

²⁰⁷ Legun, 1977: 300-301

²⁰⁸ Macaringue, 1997: 46

²⁰⁹ Hoje de novo a FRELIMO chama o povo para defender a pátria atacada: Presidente da República em comunicação ao país. *Notícias*. 04 Mar. 1976. p. 1

²¹⁰ Macaringue, 1997: 70 e 73. Este terá sido um dos âmbitos em que foi assinado o tratado geral de amizade e cooperação RPM-URSS, aquando da visita a Moçambique do Presidente da ex-URSS Nicolae Podgorny (30/03-01/04/1977), no dia 1 de Abril de 1976, no qual vem expresso no seu quarto artigo o desenvolvimento de cooperação no domínio militar. Veja *Notícias*. 03 Abr. 1977. p. 2

²¹¹ *Tempo*, 14 Mar. 1976 n° 284, p. 14

É também nesta condição de governo soberano que aplica à colónia Britânica da Rodésia do Sul todas as sanções definidas e exigidas pelas Nações Unidas,²¹² desde 1966²¹³, fechando todas as suas fronteiras com aquele país, a 3 de Março de 1976²¹⁴.

Da mesma forma que as investidas armadas das tropas rodesianas contra a RPM foram um aviso de guerra, o acto de eliminar todas as relações fronteiriças com a Rodésia foi interpretado por Salisbúria também como prenúncio de hostilidades. Sendo a partir daí que os ataques ao território moçambicano se multiplicaram, a pretexto de perseguição de “terroristas” da ZANLA²¹⁵. (Veja anexo D)

Os bombardeamentos esporádicos, a penetração de elementos da infantaria ao longo de toda a fronteira de Gaza até Tete, intensificaram-se secundados pela artilharia e assaltos por pelotões da infantaria rodesiana²¹⁶, dos quais se salientam os ataques a Mapai e Chicualacuala, nos dias 26 e 28 de Junho²¹⁷, e ao campo de refugiados zimbabweanos de Nhazónia, a 9 de Agosto de 1976, onde foram mortas mais de 600 pessoas²¹⁸.

Esta escalada de agressão armada, intitulada, pelo governo da FRELIMO em Moçambique como “dívida de sangue para com o povo de Moçambique”²¹⁹ reforçou a determinação deste mesmo governo em suportar todo o tipo de dificuldades e sacrifícios para cumprir com aquilo que chamava de seu dever internacionalista para com o povo do Zimbabwe²²⁰.

Deste modo, a prática do internacionalismo conduziu o país para um envolvimento mais activo para além da sua linha de fronteira, numa segunda fase²²¹,

²¹² *Tempo*, 14 Mar. 1976 nº 284, p. 14

²¹³ Luta armada no Zimbabwe termina com a independência: afirma Presidente S. Machel em entrevista a BBC. *Jornal Notícias*. 02 Out. 1976. p. 9

²¹⁴ *Tempo*, 14 Mar. 1976 nº 284, p. 14

²¹⁵ *Tempo*, 14 Mar. 1976 nº 284, p. 16

²¹⁶ *Tempo*, 14 Mar. 1976 nº 284, p. 16

²¹⁷ Estratégia contra os racistas de Smith: circular a todos os Grupos Dinamizadores do país. *Notícias*. 15 Jul. 1976. p. 3.

²¹⁸ No campo de refugiados de Nhazónia: centenas de zimbabweanos indefesos massacrados pela tropa de Smith *Notícias*. 14 Ag. 1976. p. 5

²¹⁹ Estratégia contra os racistas de Smith: circular a todos os Grupos Dinamizadores do país. *Notícias*. 15 Jul. 1976. p. 3.

²²⁰ Alberto Chipande, Entrevista, Maputo, 13. 10. 2004

²²¹ Alberto Chipande, Entrevista, Maputo, 13. 10. 2004.

transmitida ao povo moçambicano no comício popular orientado pelo presidente Machel a 3 de Julho de 1976,²²² que disse:

“quando uma cobra venenosa nos ataca, não devemos só limpar as nossas feridas. Para impedirmos que ela volte e nos ataque de novo, temos de persegui-la, até ao seu buraco e matá-la”²²³.

Por outras palavras os moçambicanos deviam preparar-se para responderem aos ataques de Ian Smith, em especial as FPLM, que deviam-se preparar para ir à Rodésia atacar o covil da cobra²²⁴.

Neste âmbito, apoiar a luta do Zimbabwe contra a dominação estrangeira foi uma tarefa imediata, enquadrada no esforço anti-imperialista que todo o povo moçambicano devia aceitar, obedecendo a certas regras: aceitar que a luta travada no Zimbabwe era uma luta do povo moçambicano; segundo, aumentar a produção para alimentar os combatentes que lutavam no Zimbabwe, porque deste modo eles consolidavam a independência de Moçambique²²⁵. Assim, o país devia estar preparado para aceitar sacrifícios, em apoio à aplicação de sanções totais contra a colónia britânica da Rodésia do sul²²⁶.

Entretanto, apesar de a situação não ser a mesma que a do tempo de Guerra de Libertação Nacional, e agora tratar-se de defender um país soberano,²²⁷ a principal linha da política externa de Moçambique em relação ao Zimbabwe foi a mesma desde os tempos da luta armada: apoiar a luta de libertação até se alcançar independência política²²⁸. O problema colocado em 1975, logo depois da independência do país, foi que estratégia adoptar, primeiro, em relação ao movimento de libertação do Zimbabwe, e segundo em relação ao regime ilegal da Rodésia do Sul²²⁹?

Naturalmente, como foi referido ao longo do texto, primeiro foi permitir que os líderes do movimento de libertação do Zimbabwe começassem a montar as suas bases de

²²² Estratégia contra os racistas de Smith: circular a todos os Grupos Dinamizadores do país. *Notícias*. 15 Jul. 1976. p 3.

²²³ *Ibidem*. p 3.

²²⁴ *Ibidem*. p 3.

²²⁵ A nossa tarefa actual é apoiar a luta do Zimbabwe *Notícias*. 08 Mar. 1976. p.5

²²⁶ Concretizada ontem capital: solidariedade militante com o povo do Zimbabwe..*Notícias*. 14 Mar. 1976. p. 6

²²⁷ *Tempo*, 06 Mar.1977 n° 335. p. 11

²²⁸ Luta armada no Zimbabwe termina com a independência: afirma Presidente S. Machel em entrevista a BBC. *Notícias*. 02 Out. 1976. p. 9

²²⁹ Egero, 1983: 15 -(CEA 57/PG)

retaguarda e criar um comando militar conjunto para a unificação do movimento²³⁰, como veremos no ponto a seguir e, finalmente, adoptar e aplicar as sanções impostas a Rodésia pelas Nações Unidas desde o ano de 1966²³¹

3. Relação entre Moçambique e o Movimento de Libertação do Zimbabwe

A relação entre Moçambique independente e o Movimento de Libertação do Zimbabwe aumentou os laços de solidariedade internacionalista com a instalação do movimento no país²³².

A importância deste relacionamento enquadrou-se nos esforços da OUA para a libertação da África. Libertar o Zimbabwe, a Namíbia, e lutar contra o apartheid na África do Sul eram a prioridade desta luta. Moçambique como país já livre da dominação colonial, figurava como um Estado que devia prestar apoio aos povos desta região²³³

Falando num comício por ocasião do primeiro aniversário da independência de Moçambique, o Presidente Samora Machel enfatizou que: “assim como fomos apoiados por outros povos na nossa luta de libertação, devemos continuar a apoiar a luta de todos os povos oprimidos, em particular a luta dos povos do Zimbabwe, Namíbia e África do Sul”²³⁴. Por isso a tarefa de Moçambique era, no caso zimbabweano, “procurar manter a luta no Zimbabwe e não deixar que a guerra se alastre para fora do Zimbabwe”²³⁵

A colaboração espelhava a manifestação do internacionalismo militante da linha política da FRELIMO e de solidariedade para com a causa dos nacionalistas zimbabweanos que teve como um dos momentos mais altos, primeiro o encerramento de toda a linha de fronteira com o regime rodesiano²³⁶ e depois toda a sequência de acontecimentos que marcaram esta relação até a independência do Zimbabwe, como se descreve:

²³⁰ Egero, 1983: 15 (CEA 57/PG); Legun, 1977: 299

²³¹ Flower, 1987: 63

²³² Martin & Johnson, 1981: 216; Zimbabwe: Desmantelar a teia. *Notícias*. 05 Set. 1976. p. 5

²³³ As reuniões da OUA foram de grande significado: Joaquim Chissano *Notícias*. 08 de Jul. 1976. p. 2

²³⁴ Sede de FRELIMO divulga orientações do Presidente S.M. Machel. *Notícias*. 13 Jul. 1976. p.3

²³⁵ Estratégia contra os racistas de Smith: circular a todos os Grupos Dinamizadores do país. *Notícias*. 15 Jul. 1976. p.3

²³⁶ Acto de solidariedade para com uma causa justa: Moçambique firme no seu apoio à luta do Povo do Zimbabwe *Notícias*. 03 Mar. 1978. p. 4

1. o encerramento da fronteira com a Rodésia do Sul constituiu uma resposta enérgica do Estado moçambicano às constantes provocações e agressões armadas contra a integridade territorial das suas fronteiras e o seu povo. Os ataques eram perpetrados pelas forças rodesianas, quer antes, quer depois da independência, numa tentativa de internacionalizar o conflito que opunha o regime rodesiano e o Movimento de Libertação do Zimbabwe²³⁷.
 - a) O encerramento da fronteira trouxe a Moçambique pesados sacrifícios: agressões armadas contra refugiados zimbabweanos; ataques de que as fronteiras de Gaza, Inhambane, Manica e Tete foram vítimas, especificamente, as localidades de Pafúri, Mapai, Chicualacuala, Nhazónia;²³⁸ prejuízos económicos elevados sendo um dos quais o facto de se ter forçado o regime de Ian Smith a deixar de beneficiar dos préstimos dos portos da Beira e de Maputo para as suas importações e exportações, em benefício das dispendiosas rotas sul-africanas para o mar²³⁹.
2. A realização, em Moçambique, da Conferência da ONU para o apoio do Zimbabwe e a Namíbia de 16 a 21 de Maio de 1977. O objectivo era encontrar meios políticos, diplomáticos e materiais eficazes para liquidar o colonialismo no Zimbabwe e na Namíbia. Pois acreditava-se que era isolando e aplicando medidas contra quaisquer investimentos e colaboração económica e comercial aos regimes minoritários que ver-se-iam forçados a negociar. Assim a comunidade internacional era chamada a reforçar a capacidade económica dos Países da Linha da Frente, de maneira a que estes pudessem apoiar a luta de libertação dos povos da África Austral²⁴⁰.
3. A participação de Moçambique, como membro, nas cimeiras dos Países da Linha da Frente (PLF), desde a sua formação em Dezembro de 1974, em Lusaka

²³⁷ Acto de solidariedade para com uma causa justa: Moçambique firme no seu apoio à luta do Povo do Zimbabwe. *Notícias*. 03 Mar. 1978. p. 4

²³⁸ Fronteira com a Rodésia encerrada há um ano *Notícias*. 03 Mar. 1977. p. 4

²³⁹ Christie, 1996: 149

²⁴⁰ Conferência da ONU para o apoio do Zimbabwe e Namíbia. *Notícias*. 14 Mai. 1977. p. 1; Reunimo-nos para encontrar os meios eficazes para liquidar o colonialismo no Zimbabwe e na Namíbia: afirmou o Presidente S. Machel na sessão de abertura da ONU que ontem se iniciou em Maputo. *Jornal Notícias*. 17 Mai. 1977. p. 2

onde os dirigentes da ZAPU, ZANU, ANC E FROLIZI, concordaram criar um novo ANC unificado, dirigido pelo bispo Abel Muzorewa, mais tarde reconhecido pela OUA, visando unificar o movimento, no que ficou conhecido como a "Declaração de Unidade de Lusaka"²⁴¹. O argumento defendido pelos países da Linha da Frente era de que o novo ANC "negociaria com Ian Smith para obter um governo de Maioria"²⁴². Ver anexo (C) das negociações.

- a) Os PLF através da pressão diplomática e apoio, ao mesmo tempo, a guerra de guerrilha dos nacionalistas zimbabweanos, compeliram a Grã-Bretanha a reassumir a sua responsabilidade pela sua colónia, e outorgar a independência ao Movimento de Libertação do Zimbabwe²⁴³.
- b) Os PLF jogaram três papéis importantes: 1) Inicialmente as forças nacionalistas do Zimbabwe dependeram de um único estado a Tanzania, para a instalação das suas bases de guerrilha e campos de treino. Mais tarde de quatro²⁴⁴ (Angola, Moçambique, Tanzania, Zâmbia). A aliança concedeu aos nacionalistas zimbabweanos bases de apoio logístico, campos de treino para os guerrilheiros, locais de acomodação para os refugiados, alimentação, medicamentos e roupa. É verdade que a ajuda internacional fora da região da África Austral foi de grande importância, mas os PLF foram os que suportaram o maior fardo, desde prejuízos económicos a humanos, em apoio aos nacionalistas. 2) Moçambique integrado nos PLF deu apoio diplomático aos nacionalistas do Zimbabwe. Falando uma única só voz com os PLF, em apoio a independência do Zimbabwe, as conversações que conduziram as negociações de Lancaster House foram iniciadas por estes estados, mobilizando em primeiro lugar o

²⁴¹ Zimbabwe: dismantling the veil. *Notícias*. 05 Set. 1976. p. 5.

²⁴² Christie, 1996: 147. Moçambique tornou-se membro efectivo dos países da Linha da Frente (PLF) depois de alcançar a sua independência em 1975, integrado por Botswana, Tanzania e Zâmbia e mais tarde por Angola. A união destes países tinha a ver com a formulação de uma política em bloco virada a obter governos de maioria na região da África Austral. A sua primeira resolução foi a exigência de libertação dos presos políticos zimbabweanos, antes da realização da Cimeira de Lusaka em 1974. Veja Chambati, 1989: 155

²⁴³ Thompson, 1985: 1-2

²⁴⁴ Botswana como um Estado independente situado entre dois regimes minoritários e integrado na União Alfandegária sul-africana, a sua economia dependia destes dois países, por isso tinha poucas possibilidades de oferecer uma ajuda ilimitada aos nacionalistas. Veja Thompson, 1985: 20

apoio dos países africanos por meio da OUA e depois por meio de uma larga campanha internacional em apoio aos nacionalistas²⁴⁵.

- c) Os PLF foram também decisivos na exposição das manobras diplomáticas do regime rodesiano e seus aliados para estabelecerem um governo neo-colonial de líderes africanos dependentes da minoria racista branca, conhecido por “acordo interno”, em vez de um poder genuíno de maioria africana. Moçambique denunciou este acordo através de um comunicado publicado pelo Jornal Notícias do dia 24 de Fevereiro de 1978 com o título “posição de Moçambique face ao “Acordo Interno” na Rodésia” (veja anexo E) 3) O terceiro papel dos PLF foi procurar manter os nacionalistas unidos nas suas exigências, sabido que em guerra a melhor tática é criar divisão dentro das fileiras do inimigo, e o regime de Ian Smith tentou muitas vezes ganhar vantagens sobre as diferenças históricas entre os nacionalistas que sempre se apresentaram divididos em ZANU e ZAPU²⁴⁶.

4. O envolvimento do presidente moçambicano Samora Moisés Machel, juntamente com o presidente tanzaniano Julius Nherere, na formação do ZIPA (em Novembro de 1975, em Maputo)²⁴⁷ como mais uma tentativa de unificação do Movimento de Libertação do Zimbabwe²⁴⁸, fracassada a dinamização do processo da luta armada pelo novo ANC²⁴⁹. O Presidente Machel defendeu a utilização do território moçambicano pelos nacionalistas zimbabweanos como base de retaguarda, desde que estes se apresentassem como um único exército e não divididos em dois.²⁵⁰ Porém, reconhecia que as contradições eram a característica de todos os movimentos de libertação, e acreditava que o unificador dessas tendências diferentes, era a luta armada. Por isso dizia que: “a divisão no seio dos movimentos não deve ser a nossa preocupação fundamental.

²⁴⁵ Thompson, 1985: 2

²⁴⁶ Thompson, 1985: 2-3

²⁴⁷ ZIPA, se a união entre os líderes políticos do Movimento de Libertação do Zimbabwe não era possível, os chefes de Estados da Linha da Frente enveredaram por unificá-los via seus guerrilheiros, neste caso os da ZANU e da ZAPU é que formaram o ZIPA. Veja Martin & Johnson, 1981: 216 e 219

²⁴⁸ Martin & Johnson, 1981: 80.

²⁴⁹ Mnangagwa, 1989: 143

²⁵⁰ Martin & Johnson, 1981: 217

É precisamente o resultado do colonialismo. [...] dividir para reinar”²⁵¹ Esta vontade do dirigente moçambicano e seus homólogos da Linha de Frente em unificar os combatentes de liberdade no Zimbabwe, pela formação do ZIPA - braço armado do ZANU e ZAPU, não impediu que ruísse nos meados de 1976²⁵², com a saída dos elementos da ZAPU devido a disputas ideológicas, tribais e pessoais dentro da aliança ZIPA. Contudo estas diferenças não impediram que a guerra no Zimbabwe se desenvolvesse a favor da ZANU, desde Janeiro de 1976, sob a direcção de Rex Nhongo²⁵³. Condensadas em poucas palavras, estas divergências mostravam que nenhum dos movimentos quer a ZANU quer a ZAPU queria perder a sua identidade dentro da aliança ZIPA²⁵⁴.

- X 5. A formação da Frente Patriótica (FP) em Outubro de 1976 como resultado da pressão feita pelos chefes de Estado da Linha de Frente, em mais uma tentativa de unificar o Movimento de Libertação do Zimbabwe, tudo fazendo para que as forças de libertação não se apresentassem desunidas na conferência de Genebra²⁵⁵. Este esforço foi um ganho de extrema importância na medida em que uma vez formada a frente, os dois movimentos de libertação apresentaram uma frente unida as conferências de Genebra em 1976, de Malta em 1978 e a de Lancaster House em 1979²⁵⁶. Foi esta última aliança entre a ZANU de Mugabe e a ZAPU de Joshua Nkomo que se atribuiu a responsabilidade de dirigir todas as unidades guerrilheiras radicadas em Moçambique, e também a que foi reconhecida pela OUA em Julho de 1977, como o único representante do povo do Zimbabwe e para a qual toda a ajuda política, material e diplomática devia ser canalizada, e por sinal aquela que resistiu até a Independência do Zimbabwe²⁵⁷.

X ²⁵¹ A luta de classes trabalhadoras é para derrubar a burguesia: Presidente Samora Machel em entrevista a jornalistas de órgãos centrais do P.C. europeus. *Notícias*. 18 Dez. 1976. p. 5

²⁵² Utete, 1980: 70

²⁵³ Christie, 1996: 150-152

²⁵⁴ Utete, 1980: 70

²⁵⁵ Borisov, 1977: 6

²⁵⁶ Chambati, 1989: 156

²⁵⁷ OUA reconhece Frente Patriótica: único representante do povo do Zimbabwe. *Notícias*. 06 Jul. 1977.p. 1

A participação dos dirigentes moçambicanos na conferência de Genebra como observadores, sublinhava, desta forma, o engajamento do governo de Moçambique na luta diplomática a favor de libertação do Zimbabwe. Representaram as autoridades moçambicanas as delegação chefiadas pelo Ministro de Estado na Presidência e depois pelo Ministro dos negócios Estrangeiros respectivamente, Óscar Monteiro e Joaquim Alberto Chissano²⁵⁸.

Destacou-se ainda, no âmbito deste relacionamento RPM - Movimento de Libertação do Zimbabwe, de forma muito relevante, a disponibilização aos nacionalistas zimbabweanos, de um recurso de grande envergadura pelo seu impacto ao serviço da luta do povo de Zimbabwe – a Rádio Moçambique (R.M.). O ZIPA beneficiava de um programa radiofónico radio-fundido pelos microfones da Rádio Moçambique, intitulado “a Voz do Zimbabwe”. O prospecto tinha por finalidade informar não só ao povo moçambicano sobre o desenvolvimento da luta armada de libertação nacional, mas fundamentalmente, a uma audiência de milhares de pessoas em todo o Zimbabwe. Refira-se, este programa começou a ser emitido a partir do dia 28 de Outubro de 1976, precisamente no mesmo dia da abertura²⁵⁹ da Conferência de Genebra sobre o Zimbabwe²⁶⁰.

Portanto, de entre as diversas formas que consubstanciaram a relação entre o governo da RPM e o Movimento de Libertação do Zimbabwe, estas foram as que se evidenciaram no período em análise. Moçambique independente tornou-se numa importante retaguarda da luta de libertação do povo do Zimbabwe criando condições para que, pela primeira vez, o Movimento de libertação do Zimbabwe lançasse uma ofensiva estratégica de grande envergadura²⁶¹. Duas formas distinguiram esta ligação: através do movimento dos PLF e de uma cooperação directa com os nacionalistas, ambas as formas convergindo em defesa de um “poder de maioria no Zimbabwe”²⁶².

O argumento para uma acção em bloco pelos PLF, em apoio a luta de libertação do Zimbabwe, segundo Thompson (1985) residiu no facto de os cinco estados precisarem

²⁵⁸ A luta de classes trabalhadoras é para derrubar a burguesia: Presidente Samora Machel em entrevista a jornalistas de órgãos centrais do P.C. europeus. *Notícias*. 18 Dez. De 1976. p. 5

²⁵⁹ Conferência de Genebra sobre o Zimbabwe começa hoje. *Notícias*. 28 Out. 1976. p. 1.

²⁶⁰ Conferência de Genebra sobre o Zimbabwe começa hoje. *Notícias*. 28 Out. 1976. p. 1

²⁶¹ Acto de solidariedade para com uma causa justa: Moçambique firme no seu apoio à luta do Povo do Zimbabwe. *Notícias*. 03 Mar. 1978. p. 4

²⁶² *Cadernos do Terceiro Mundo*. 10 Jun. 1979. p. 22

de reduzir a subordinação económica da África austral em relação a África do Sul. O sucesso deste empreendimento dependia de um Zimbabwe independente, não só geograficamente central para a região, mas também economicamente, como um dos mais industrializados entre eles, com uma agricultura com um excesso agrícola e instalações de transporte extensas. Os PLF viram no Zimbabwe um membro importante a juntar-se ao grupo na sua luta contra o racismo e o domínio do capital estrangeiro na região²⁶³.

Todavia, para além do apoio que Moçambique concedia através da aliança com os PLF, a ajuda do governo da FRELIMO ao Movimento nacionalista do Zimbabwe, fundava-se no que foi referido, no ponto II deste capítulo, quanto a forma de participação do povo moçambicano na guerra do Zimbabwe (aceitar que a luta travada no Zimbabwe era uma luta do povo moçambicano). Pois, a guerra que dizimava as populações de ambos os países continuaria contra-producente se o poder não fosse controlado pela maioria representada pelos nacionalistas²⁶⁴.

O Objectivo não era apenas a mudança do governo, tinha a ver também com o desenvolvimento económico. Como Estado Moçambique achava que não devia agir de forma singular, tendo em conta que a redução dos vínculos económicos coloniais era deveras complicada. Um Zimbabwe independente ajudaria a fortificar os esforços do governo moçambicano a superar a máscara do neo-colonialismo²⁶⁵. Terá sido a presente visão que conduziu o país para um envolvimento mais activo para além da sua linha de fronteira?

²⁶³ Thompson, 1985: 167

²⁶⁴ Thompson, 1985: 192

²⁶⁵ Thompson, 1985: 192

Capítulo IV

Contribuição das FPLM para a Libertação do Zimbabwe

O presente capítulo analisa o processo da ajuda militar concedido ao Movimento de Libertação do Zimbabwe pelas Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM). Principalmente o apoio que foi cedido a ZANU. A análise começa com a instalação do movimento em território Moçambicano, logo depois da independência em 1975²⁶⁶, e subsequentemente explora a decisão por trás do envio dum contingente das FPLM para o interior do Zimbabwe. E termina com o impacto que esta força terá criado para o fim da guerra no interior da Rodésia, cujo corolário foi a independência do Zimbabwe em 1980.

I. O Movimento de Libertação do Zimbabwe em território moçambicano

A liberdade de África não era só uma preocupação de Moçambique independente. Era-a de todos os africanos. A Tanzania não se coibiu de conceder lugar a FRELIMO para poder constituir as suas bases de retaguarda. Para erguer os seus hospitais, campos de treino, facilidades para o transporte de armas para os combatentes que no interior de Moçambique combatiam contra o regime colonial português²⁶⁷.

O apoio disponibilizado pelo governo tanzaniano, como fazendo parte da consolidação da independência do seu país, foi também garantido pelo governo da FRELIMO em Moçambique antes e depois de alcançar a independência do país, ao movimento de libertação do Zimbabwe. "A liberdade da Tanzania não era segura, era incompleta até ao vosso triunfo"²⁶⁸. disse Nyerere num comício em Maputo, aquando da sua visita a Moçambique em Setembro de 1975.

²⁶⁶ Tendo em conta que o Movimento de Libertação do Zimbabwe, se encontrava instalado em território Moçambicano, desde os tempos da luta armada de libertação Nacional, (veja o ponto 3 do capítulo III). O termo "instalação" [...] em território Moçambicano refere-se ao período em que o País permite o estabelecimento do movimento no país após independência desde a formação de bases do movimento e escritórios para além de outra facilidades que o governo concedeu para a consecução da luta armada, especialmente, a possibilidade de viajar para o exterior a partir de Moçambique.

²⁶⁷ Em gigantesco comício no Estádio da Machava: histórica lição de Nyerere para a revolução africana. *Notícias*. 01 Set 1975. p. 1 e 2

²⁶⁸ Em gigantesco comício no Estádio da Machava: histórica lição de Nyerere para a revolução africana. *Notícias*. 01 Set. 1975. p. 1 e 2

Do mesmo modo que a negação da liberdade ao maconde que vivia ao norte do Rovuma era a negação do que vivia ao sul, também a era ao chona de um e de outro lado da fronteira entre Moçambique e a Rodésia²⁶⁹.

Tal como foi referido no capítulo introdutório desta dissertação, Moçambique independente colocou como uma das prioridades fundamentais da sua política externa fazer tudo ao seu alcance para apoiar a libertação do Zimbabwe. O relatório do Ministério da Defesa Nacional de 6 de Outubro de 1979 dizia:

“Nascida de uma luta armada de libertação nacional desencadeada contra o colonialismo português, a RPM proclamou-se como território livre e independente em 25 de Junho de 1975. Ao consagrar os seus princípios, ficou claramente expresso na sua Constituição (de 1975) a defesa intransigente da sua soberania nacional, da integridade do seu território, a promoção da paz e da amizade entre os povos e o apoio as lutas justas dos povos oprimidos, particularmente daqueles que lutam pelo seu direito à independência”²⁷⁰.

O apoio que foi concedido ao movimento de libertação do Zimbabwe na base deste pressuposto, justificado como internacionalismo militante, fortaleceu-se incondicionalmente no período pós independência. O novo governo permitiu a recepção de um grande êxodo²⁷¹ da população estudantil zimbabweana das escolas: Missão Santo Augustine (St. Augustine's Mission), Colégio dos Professores do Antigo Umtali (Old Umtali Teachers College), Mutambara, Sunnyside, Biriviri, Monte Selinda, Bonda, Monte Maria. Uma vez recebida em campos de refugiados²⁷² em Moçambique, esta população era seleccionada de acordo com a sua idade. Os mais jovens eram enviados para a formação no exterior ou para as escolas moçambicanas em Matenje (Tete),

²⁶⁹ Em gigantesco comício no Estádio da Machava: histórica lição de Nyerere para a revolução africana. *Notícias*. 01 Set. 1975. p. 1

²⁷⁰ Maputo, Ministério da Defesa Nacional. Relatório sobre as agressões imperialistas ao território da República Popular de Moçambique. 06 Out. 1979. p. 1

²⁷¹ Este êxodo foi uma extracção planificada da ZANLA para uma futura planificação estratégica para a execução da guerra contra a Rodésia. Uma vez certos de que Moçambique seria uma retaguarda do Movimento de libertação do Zimbabwe, os nacionalistas passaram a dispor de toda a extensão da fronteira moçambicana com a Rodésia. Veja Reid-Daly, 1982: 279

²⁷² Até finais de Dezembro de 1977 os principais campos de refugiados zimbabweanos em Moçambique eram Doroi (Chimoio) com 17.000, Toronga com 12.000 e Mavudzi com 6.000 refugiados. Veja Tungamirai, 1995: 42

Torongá em Manica e Manjacaze (Gaza). E os mais crescidos para os campos de formação militar²⁷³.

Os campos de refugiados, (local onde a ZANLA recrutava os seus quadros para a formação militar²⁷⁴) a abertura de escritórios em Manica, e Maputo foram assim o primeiro passo no âmbito deste apoio²⁷⁵.

Enquanto Moçambique iniciava o processo de acomodação dos refugiados zimbabueanos como primeira forma de apoio aos nacionalistas do Zimbabwe, a reunião de Victória Falls (Agosto de 1975)²⁷⁶, primeira negociação directa entre o regime rodesiano e o movimento de libertação redundava em fracasso²⁷⁷.

Nesta reunião foi acordada a paragem da luta armada como condição para a libertação dos dirigentes nacionalistas encarcerados pelo regime rodesiano e a retirada das forças sul-africanas operando no Zimbabwe. O regime rodesiano e o seu aliado sul-africano saíram desta conferência glorificados :

- a) O ANC ficou dividido
- b) A luta armada ficou paralisada
- c) A comunidade internacional ficou confusa sem saber quem e como apoiar, para a libertação do Zimbabwe²⁷⁸
- d) O novo ANC de Abel Muzorewa apresentava-se incapaz ou não tomava a iniciativa de reiniciar a guerra de libertação no interior da Rodésia²⁷⁹, e
- e) Não tomava iniciativas de criar condições de introdução dos combatentes da liberdade já treinados para reforçar as frentes de combate, e de treinamento dos recrutas que diariamente se apresentavam em Moçambique²⁸⁰

²⁷³ Tungamirai, 1995: 38 e 39

²⁷⁴ Tungamirai, 1995: 42

²⁷⁵ Em gigantesco comício no Estádio da Machava: histórica lição de Nyerere para a revolução africana. *Notícias*. 01 Set. 1975. p. 1 e 2

²⁷⁶ Veja anexo B – Gráfico de Negociações para auto determinação do Zimbabwe.

²⁷⁷ M nangagwa, 1989: 144

²⁷⁸ Posição da RPM face à evolução da situação na África Austral com incidência no Zimbabwe: comunicação do Presidente Samora Machel. *Notícias* 16 Set. 1978. p. 7

²⁷⁹ Paralisada pelo assassinato de Herbert Chitepo, em Março de 1975, em Lusaka, por meio de uma bomba colocada por agentes rodesianos. Veja Os povos oprimidos do Zimbabwe e Namíbia vencerão. *Notícias*. 16 Mai. 1977; Discurso de Samora Machel na O.U.A.: África nada tem com o regime de Pretória. *Notícias*. 08 Abr. 1975. p. 3; M nangagwa, 1989: 144

²⁸⁰ M nangagwa, 1989: 144

Na perspectiva de resolver este imbróglio foi formado um 'Comando Militar Conjunto, chamado "Zimbabwe People's Army" (ZIPA), ou seja Exército Popular do Zimbabwe. A unidade das forças combatentes aconteceu como uma das condições exigidas pelo governo moçambicano para que continuassem a operar a partir do território moçambicano como sua retaguarda²⁸¹. Deste modo, surgiu o ZIPA, formado em Maputo na zona militar num encontro que durou três horas, em 12 de Novembro de 1975²⁸².

O novo Comando era composto por nove comandantes militares provenientes de ambas as partes da ZANU e ZAPU. O comandante foi Rex Nkhomo da ZANLA e o seu Adjunto foi Alfredo 'Nikita' Mangena da ZIPRA. A formação do ZIPA foi vista na altura como uma tentativa de formar um comando unificado para dirigir os destinos da luta armada de libertação. E a sua formação aconteceu numa altura em que muitos dos líderes da ZANU estavam na prisão na Zâmbia incluindo Josiah Tongogara, devido à morte de Chitepo²⁸³.

Este facto permitiu, ao novo comando unificado das forças nacionalistas, reiniciar o combate armado contra o regime rodesiano a 16 de Janeiro de 1976, a partir de Moçambique²⁸⁴.

Aproveitando o tempo chuvoso²⁸⁵, lançou uma série de ofensivas de grande escala na área operacional chamada Hurricane²⁸⁶. Abriu novas frentes ao longo da fronteira, particularmente na região do norte de Inhanga e Chipinga²⁸⁷. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

Um mês depois do início da ofensiva dos nacionalistas zimbabweanos, no interior da Rodésia, as forças do regime rodesiano realizavam em território moçambicano o

²⁸¹ O povo do Zimbabwe venceu porque soube aceitar sacrifícios: Presidente Samora Machel num grandioso comício popular, ontem realizado. *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 3.

²⁸² Martin & Johnson, 1981: 223

²⁸³ Mnangagwa, 1989: 144-145

²⁸⁴ O povo do Zimbabwe venceu porque soube aceitar sacrifícios: Presidente Samora Machel num grandioso comício popular, ontem realizado. *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 3.

²⁸⁵ Zimbabwe: Governo de Ian Smith não sobreviverá à guerrilha. *Notícias*. 27 Mar. 1976. p. 1

²⁸⁶ Esta foi a primeira área operacional criada no interior da Rodésia e baptizada com o nome "Hurricane" pelas forças do regime rodesiano. A medida surgiu como contra ofensiva para restringir a infiltração dos guerrilheiros da ZANLA a partir da fronteira de Tete em 1973. Com a queda do regime colonial português em 1974, e a possibilidade de os nacionalistas abrirem uma segunda linha de infiltração a partir de Manica e Gaza, o regime rodesiano estabeleceu, em 1977, novas áreas operacionais não só na zona leste (Thrasher) mas também nas fronteiras de Africa do Sul (Repulse) Botswana (Tangent) e Zâmbia (Splinter). Veja <http://www.stormfront.org/whitehistory/hwr56iv.htm>, consultada em 16.03.2004

²⁸⁷ Reid-Daly, 1982: 282. Veja também Zimbabwe: ritmo da Guerra mais intenso do que nunca, *Notícias*. 29 Fev. 1976. p. 5.

primeiro ataque de grande envergadura no período pós independência. A invasão, que assumiu forma de guerra de agressão armada, foi perpetrada na noite de 23 para 24 de Fevereiro de 1976. As forças invasoras atacaram em larga escala as povoações de Pafúri e Mavué, utilizando bombardeiros, aviões a jacto, helicópteros, tropas de artilharia e infantaria²⁸⁸. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

De acordo com Reid-Daly (1982), Pafúri era uma base de trânsito situada num campo coberto de arbusto muito denso a norte de Pafúri, muito próximo da fronteira entre Moçambique e a Rodésia. Tinha a capacidade de albergar 30 guerrilheiros em posição de espera para atravessarem para Rodésia. Razão pela qual foi violentamente atacada pelas tropas de elite rodesiana denominadas Selous Scouts, em Fevereiro de 1976²⁸⁹.

O mesmo autor sublinha que grande parte das informações rodesianas confirmavam que o sudoeste da Rodésia havia sido escolhido tanto pela ZANLA como pela ZIPRA, como uma das mais importantes frentes. Olhando para o mapa da Rodésia (anexo T 1) era fácil notar que as linhas de comunicação tanto rodoviárias como ferroviárias com a RSA, claramente indicavam as razões desta estratégia. Se estas linhas fossem interrompidas a Rodésia cairia num colapso²⁹⁰.

O Sudoeste da Rodésia era favorável para efeitos de infiltração logística dos homens da ZANLA, usando o comboio que partia de Maputo para Malvémnia (Chicualacuala) na fronteira, oposta a vila Salazar do lado rodesiano e a estrada paralela a linha, permitia a chegada dos guerrilheiros prontos a serem introduzidos. Dali movimentavam-se tanto para o norte como para o sul em direcção a vários postos, donde se infiltravam para o interior da Rodésia²⁹¹.

Pafúri era a rota preferida pelos homens da ZANLA para atingir a zona de Sengwe e Terras de Confiança Tribal de Mtetengwe na área de Beit Bridge²⁹². Veja o anexo T 1 e 2 mapas do Zimbabwe.

Usando a linha dos Caminhos de Ferro Maputo-Malvémnia até a fronteira, os nacionalistas do Zimbabwe transportavam para além de homens, provimentos que lhes

²⁸⁸ Hoje de novo a FRELIMO chama o povo para defender a pátria atacada: Presidente da República em comunicação ao país. *Notícias*. 04 Mar. 1976. p. 1.

²⁸⁹ Reid-Daly, 1982: 287-288

²⁹⁰ Reid-Daly, 1982: 286

²⁹¹ Reid-Daly, 1982: 286

²⁹² Reid-Daly, 1982: 286

permitted fazer grandes incursões na região do campo de reserva de Gona-Re-Zou, dentro das terras tribais de Matibi, situadas ao sul das plantações de açúcar, citrinos e dos esquemas de irrigação do Chiredzi e Triângulo²⁹³. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

Mavué, era uma pequena povoação na margem sul do rio Save e a cerca de um quilómetro da fronteira rodesiana e de 300 quilómetros de Pafúri. Foi também severamente atacada na mesma altura e dentro do mesmo contexto de perseguição dos "terroristas" do movimento de libertação do Zimbabwe, e de desbaratamento das condições favoráveis à abertura de outras frentes de guerrilha zimbabweana, a partir de solo moçambicano²⁹⁴.

A intensidade dos ataques rodesianos tinha, para além da perseguição do que considerava bases de guerrilha²⁹⁵, o intuito de conter uma iminente infiltração dos nacionalistas no Norte e Este da Rodésia²⁹⁶.

O governo de Moçambique independente, determinado a acelerar os esforços de libertação do Zimbabwe²⁹⁷ e revigorado pelo apoio dado pela Conferência de Chefes de Estado da Commonwealth realizada um mês antes da morte de Chitepo na Jamaica, decretou e aplicou integralmente as sanções da ONU ao regime ilegal de Ian Smith.²⁹⁸

A medida marcava um dos momentos mais altos da contribuição do governo de Moçambique em apoio a libertação do Zimbabwe. Numa entrevista a David Martin em Março de 1976, o Presidente Machel disse:

"...essencialmente esta medida destina-se a destruir a economia de Ian Smith. [...] tomamos esta medida nesta altura exacta porque os

²⁹³ Reid-Daly, 1982: 282

²⁹⁴ *Tempo*. 14 Mar. 1976. nº 284, p.17

²⁹⁵ O que as forças rodesianas consideravam bases da ZANLA, o governo moçambicano referia como campos de refugiados zimbabweanos. Por exemplo a caso de Nhadzónia referido ao longo do texto.

²⁹⁶ Cole, 1984: 111

²⁹⁷ Posição da RPM face à evolução da situação na África Austral com incidência no Zimbabwe: comunicação do Presidente Samora Machel. *Notícias* 16 Set. 1978. p. 7

²⁹⁸ 33 nações participaram nesta conferência (de Chefes de Estado da Commonwealth). O relatório da Comissão de Sanções da Commonwealth com sede em Londres demandava sanções mais severas contra o regime minoritário de Salisbúria. Moçambique se fechasse os seus portos e o seu tráfego ferroviário com a Rodésia, daria uma contribuição vital ao esforço das sanções internacionais e congelaria eficazmente a economia rodesiana. Veja Chefes de Estado de Commonwealth estudam sanções contra Salisbúria: contribuição de Moçambique será vital. *Notícias*. 28 Abr. 1975. p. 7.

combatentes da liberdade e o povo do Zimbabwe estão organizados.

Eles estão organizados para lutar contra o regime de Ian Smith²⁹⁹

Para os rodesianos a medida significou tornar Moçambique num teatro de guerra. Depois do fecho da fronteira, as forças armadas rodesianas atacaram Moçambique centenas de vezes, dentro de uma perspectiva de desestabilização e transferência da guerra para os países vizinhos. Em Moçambique passaram a operar numa base diária, atacando objectivos civis, militares zimbabweanos e moçambicanos³⁰⁰.

Assim no período compreendido entre Março de 1976 (altura em que foram aplicadas as sanções integrais da ONU por Moçambique contra a Rodésia) a Março de 1977 as forças rodesianas realizaram 143 actos de agressão contra Moçambique:

Província	nº localidades afectadas	Total das agressões realizadas	Percas Humanas	Feridos
Gaza	11	54	216	50
Manica	11	33	1006	329
Tete	16	56	216	50
Total	38	143	1498	429

Fonte: Gerry, 1975: 6

Isto implicava que em média 4 civis eram diariamente sacrificados incluindo refugiados. Mais de 20.000 pessoas na área fronteiriça ficaram sem habitação. Para além dos prejuízos anuais provenientes do encerramento da fronteira, Moçambique sofria uma perda de 13 milhões de dólares americanos, em destruição dos bens materiais feita pelas forças armadas Rodesianas. As vilas de Mapai, Massangena na província de Gaza, Mavonde, Espungabera, na província de Manica, e Chioco na província de Tete, sofreram bombardeamentos intensos³⁰¹.

Só os ataques do dia 23 e 26 de Novembro de 1977, em Témbuè causaram a morte de 160 pessoas e mais de 700 feridos. Estimava-se que a maioria das vítimas eram crianças, mulheres e doentes hospitalizados. Cinquenta crianças de uma escola haviam sido mortas com bombas de napalm, 32 doentes hospitalizados, assassinados no leito das suas camas. O ataque das forças rodesianas fez-se com 7 jactos incluindo aviões Mirage,

²⁹⁹ Martin, 1976: 2

³⁰⁰ Estados da Linha da Frente (II): Moçambique – o flanco oriental. *Notícias*. 26 Dez. 1978. p. 6.

³⁰¹ Gerry, 1975: 6

helicópteros Alouette equipados com metralhadoras, uma coluna de tanques e forças pára-quedistas.³⁰²

A escalada dos ataques massivos havia sido calculada para causar o máximo desmembramento da rotina diária da vida dos Moçambicanos, e lançar sementes de descontentamento e criticismo ao apoio que o governo da FRELIMO cedia aos nacionalistas na luta pela libertação do Zimbabwe³⁰³.

Apesar deste quadro de destruição de vidas humanas e bens materiais da RPM, a FRELIMO e ao seu governo, não puderam, evitar oferecer retaguarda segura a ZANU e a ZAPU, – que em 1975 se uniram numa força de 12,000 a 15,000 homens estacionados nas províncias de Tete, Manica, e Gaza³⁰⁴.

Assim a partir de 1976 e 1977, passou a existir uma confrontação directa e aberta entre Moçambique e a Rodésia³⁰⁵.

Referindo-se aos números publicados pelo governo de Smith, o jornal Notícias (1976) notava que o reinício da luta no Zimbabwe deixara o regime rodesiano numa situação drástica: o tráfego comercial rodesiano através dos portos moçambicanos da Beira e de Maputo alcançava os 80 por cento do total, isto antes do golpe de estado de 25 de Abril em Portugal. Depois do encerramento das fronteiras, a Rodésia perdera um sexto dos seus efectivos de material ferroviário e cerca de 60 por cento das suas vias de circulação. Antes a via mais curta para o mar, para um país sem vias de acesso as rotas marítimas como a Rodésia, era Moçambique³⁰⁶.

Também o regime não conseguiria resistir ao assalto de milhares de “terroristas” que se infiltravam no país. Com efeito, o encerramento das fronteiras moçambicanas e a confiscação dos bens rodesianos foi “uma forma concreta e terrivelmente eficaz, de auxiliar os guerrilheiros do Zimbabwe no momento decisivo do seu combate”³⁰⁷

³⁰² Gerry, 1975: 7

³⁰³ Gerry, 1975: 7

³⁰⁴ Middlemas, 1980: 229

³⁰⁵ Borges Coelho, Macaringue, 2002: 50

³⁰⁶ Se tomarmos em conta que a Rodésia dispunha de 13.842 vagões, e perdeu 2.300 vagões o que corresponde aproximadamente um sexto do seu stock rolante, era número difícil de substituir. Veja Ao contrário do que diz Smith: a Rodésia sempre esteve dependente de Moçambique. Veja Ao contrário do que diz Smith: a Rodésia sempre esteve dependente de Moçambique. *Notícias*. 15 Mar. 1976. p. 7

³⁰⁷ Bragança, 1976: 10

As bases de retaguarda postas à disposição dos nacionalistas do Zimbabwe pelo governo moçambicano (veja anexo D) e por isso atacadas pela soldadesca de Ian Smith³⁰⁸ – uma contribuição militar de capital importância – permitiram aos nacionalistas intensificar as actividades de guerrilha, no sul do Zimbabwe concretamente:

- encerrar a estrada que fica a 100 quilómetros da fronteira de Moçambique ligando Fort Victoria a Beit Bridge.³⁰⁹
- Abrir uma nova frente na região ocidental da Rodésia perto da fronteira com o Botswana, atacando (perto da localidade fronteiriça de Plumtree) a linha férrea que liga a cidade de Bulawayo no Zimbabwe a Mafikeng na África do Sul³¹⁰. Veja anexo T I mapa do Zimbabwe

Tendo em conta que a distância que separa esta frente e a fronteira moçambicana, é de aproximadamente 300 quilómetros a ofensiva representava um sucesso enorme em termos logísticos e de apoio popular³¹¹

Até princípios de Junho de 1976 a região onde se fizeram sentir mais combates desenvolvidos pelos nacionalistas do Zimbabwe foi o Nordeste do Zimbabwe, local onde foi iniciada a luta armada de libertação em 1972. A região faz fronteira com a província de Tete, em Moçambique³¹².

A zona oriental que faz fronteira com Moçambique nas províncias de Manica e Gaza, constituiu a segunda frente aberta pelos combatentes nacionalistas, onde a ligação tanto rodoviária como ferroviária entre Rodésia e a África do Sul ficou igualmente impedida. Nesta região localizava-se também grande parte das farmas e plantações de chá dos colonos rodesianos³¹³.

As forças nacionalistas conseguiram atacar em Janeiro de 1978 um complexo turístico nas montanhas Vumba. Uma construção rústica de grande valor económico³¹⁴. No mesmo mês atacaram a base militar de Njamoroko, no nordeste da Rodésia, numa

³⁰⁸ Bragança, 1976: 10

³⁰⁹ Rodésia: racistas encerram Estrada de ligação à África do Sul. *Notícias*. 20 Abr. 1976. p. 8

³¹⁰ A luta de libertação na África Austral face à nova tática do imperialismo: análise. *Notícias*. 07 Mai. 1976. p. 8

³¹¹ A luta de libertação na África Austral face à nova tática do imperialismo: análise. *Notícias*. 07 Mai. 1976. p. 8

³¹² Zimbabwe: patriotas combatem em quatro frentes. *Notícia*. 11 Jun. 1976. p. 10

³¹³ Zimbabwe: patriotas combatem em quatro frentes. *Notícia*. 11 Jun. 1976. p. 10

³¹⁴ Maior operação deste ano dos combatentes do ZIPA. *Notícias*. 04 Jan. 1978. p. 8

altura em que se preparavam as conversações que tiveram lugar em Malta (30 de Janeiro de 1978), com bases nas propostas anglo-americanas para a independência do Zimbabwe³¹⁵

As operações dos guerrilheiros consistiam em ataques de surpresa, colocação de minas nos principais percursos, dificultando e interrompendo a circulação das tropas rodesianas. O ataque às vias de comunicação visava impedir a entrada de produtos básicos, armamento e petróleo como forma de prejudicar a economia rodesiana³¹⁶.

X No plano económico, até Março de 1978, cerca de um quarto do orçamento do regime rodesiano foi gasto pelo exército, polícia e outros dispositivos de defesa, num total de 3.500.000 contos, segundo a estimativas feitas para o ano fiscal rodesiano de 1976-1977, que terminara em 30 de Junho do ano de 1977. Esta verba destinada à defesa da burguesia colonial, foi superior em 40 por cento à que tinha sido aprovada no ano anterior para além do acréscimo que foi feito de 230 mil contos ao fundo do Primeiro Ministro para operações especiais³¹⁷.

X O encerramento da linha dos caminhos de ferro da Rodésia pela Zâmbia e pela República Popular Moçambique provocou de imediato grandes dificuldades ao regime para a exportação dos seus produtos em especial os minerais. A medida desencadeou uma crescente falta de divisas. Por esta razão, uma companhia rodesiana chamada Hippo Valley Estates foi forçada a destruir 16 mil toneladas de citrinos, porque não conseguia exporta-los³¹⁸.

Com o desenvolvimento da luta armada, também se acentuou a debandada de colonos na Rodésia. Em 1976, abandonaram o país um total de 14.866 colonos, enquanto a entrada de turistas baixou consideravelmente, atingindo uma quebra que não se registava desde 1966. Entre Janeiro e Junho de 1976, apenas 78 mil turistas entraram na Rodésia, contra 112 mil no mesmo período de 1975³¹⁹.

³¹⁵ Quartel rodesiano destruído pelo ZIPA. *Notícias*. 29 Jan. 1978. p. 1

³¹⁶ Zimbabwe: patriotas combatem em quatro frentes. *Notícia*. 11 Jun. 1976. p. 10

³¹⁷ Acto de solidariedade para com uma causa justa: Moçambique firme no seu apoio à luta do Povo do Zimbabwe *Notícias*. 03 Mar. 1978. p. 4

³¹⁸ Acto de solidariedade para com uma causa justa: Moçambique firme no seu apoio à luta do Povo do Zimbabwe *Notícias*. 03 Mar. 1978. p. 4

³¹⁹ Acto de solidariedade para com uma causa justa: Moçambique firme no seu apoio à luta do Povo do Zimbabwe *Notícias*. 03 Mar. 1978. p. 4

Numa tentativa de reverter o avanço irreversível das forças nacionalistas, as forças rodesianas viram-se compelidas a montar bases militares a curta distância de Chicualacuala: a primeira foi a base vila Salazar, a um quilómetro da fronteira. Foi um acampamento de número variável de tropas e de material; a segunda foi a base Chicuduto, a 30 kms a sudoeste, com o efectivo de uma companhia. Disponha de uma pista aérea; e a última, foi a base Nhala, a 20 quilómetros a oeste, servida pela linha férrea. O seu efectivo era de um batalhão (500 homens) com dotação de artilharia, tractores (que limpavam a fronteira por forma a identificar as pegadas dos guerrilheiros tanto de entrada ou de saída) viaturas de transporte e muito outro material. Era daqui que saíam reforços para Vila Salazar, quer em material quer em homens³²⁰

Edificaram também a base Ruda que se localizava na chamada terra "Tribal" de Mutassa, a 10 quilómetros de Mandeya (Honde Valey), a norte da cidade de Umtáli (Mutare) num pequeno vale, a leste do qual fica uma montanha que se prolonga para o norte. O valor estratégico desta base era: 1 - Ser a segunda maior base da zona operacional do leste e plataforma para atacar o território moçambicano. Os seus efectivos rondavam os 500 a 600 homens. Outro valor estratégico era bloquear o transporte de material de guerra e de pessoal para as zonas estratégicas no interior da Rodésia. A base foi destruída pelas forças nacionalistas no dia 11 de Abril de 1977³²¹.

2. Jogo Diplomático internacional

Enquanto a guerra retomava o seu curso no interior do Zimbabwe, foram abertas iniciativas diplomáticas para encontrar uma solução política sem mais perdas de vidas, envolvendo o Primeiro Ministro sul-africano John Vorster, Kenneth Kaunda, Presidente da Zâmbia, e Ian Smith, Primeiro Ministro do regime ilegal da Rodésia. As diligências foram geralmente conhecidas como o "exercício de détente"³²².

³²⁰ Chicualacuala responde firme aos agressores rodesianos. *Notícias*. 04 Jul. 1976. p. 5

³²¹ Rodésia do Sul: a base Ruda pulverizada. *Notícias*. 29 Mai. 1977. p. 6

³²² Urnov, 1988: 115. Uma tentativa para diminuir a tensão entre estados como uma forma reduzir a possibilidade de uma confrontação militar e alcançar a paz entre estados de sistemas sociais e políticos diferentes. Uma característica proeminente de relações entre o E.U.A. e URSS nos anos setenta. Veja "Détéent"... 1998 Europress Family Encyclopedia. Na região da África Austral A détéent fez parte de uma iniciativa mais vasta da África do Sul com os países da região com o objectivo de ganhar tempo e dirigir a evolução dos acontecimentos numa direcção conveniente e controlada pela RSA. Veja Urnov, 1988: 115.

X Este desenvolvimento incluiu o envolvimento dos EUA através do seu Secretário de Estado, Henry Kissinger³²³ e do Ministro dos negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha (Tony Crosland³²⁴) que a 22 de Março de 1976 apresentaram uma nova proposta de solução que preconizava, uma conferência com todas as partes envolvidas para a discussão da independência do Zimbabwe³²⁵.

A Conferência teve lugar, em Genebra, nos fins de Outubro de 1976. (veja anexo B) A ZANU e a ZAPU participaram nela como Frente Patriótica do Zimbabwe (FPZ)³²⁶.

O resultado da Conferência foi um malogro, (veja anexo C) e aumentou ainda mais a divisão entre os nacionalistas. Com o fim da conferência em Dezembro instalou-se uma crise no ZIPA, facto que levou à diminuição da intensidade da luta armada e da intensificação dos contactos dentro dos PLF, com o objectivo de modificar o plano Anglo-Americano a favor dos nacionalistas zimbabweanos³²⁷.

Na reunião de Maputo, realizada, em Setembro de 1977, os PLF acharam de comum acordo ser possível aproveitar o plano anglo-americano como plataforma para discussões posteriores. A decisão deveu-se ao aparecimento de novas fórmulas no plano a saber: "o afastamento de Smith e o afastamento duma parte do exército e da polícia rodesiana do controlo imediato da elite racista"³²⁸. Estas cláusulas tinham sido a causa principal das divergências entre os seus autores e os regimes minoritários³²⁹.

X Enquanto os PLF aceitavam o plano anglo-americano como documento válido para as negociações, Smith reabria o diálogo com Muzorewa e Chirau em 9 de Dezembro de 1977, que terminara a 3 de Março do ano seguinte com a assinatura do acordo constitucional sobre a Rodésia chamado "Acordo Interno", ou de Salisbúria. A África independente condenou a transacção. O regime do apartheid e seus aliados ocidentais felicitou o Acordo³³⁰.

³²³ Nzombe, 1989: 169-170

³²⁴ Flower, 1987: 171

³²⁵ Posição da RPM face à evolução da situação na África Austral com incidência no Zimbabwe: comunicação do Presidente Samora Machel. *Notícias* 16 Set. 1978. p. 7

³²⁶ Urnov, 1988: 179

³²⁷ Posição da RPM face à evolução da situação na África Austral com incidência no Zimbabwe: comunicação do Presidente Samora Machel. *Notícias* 16 Set. 1978. p. 7

³²⁸ Urnov, 1988: 182

³²⁹ Urnov, 1988: 182

³³⁰ Urnov, 1988: 185

O objectivo do Acordo Interno não deixava margem de dúvida como obstáculo à continuação da luta armada de libertação nacional, que de forma gradual afectava todas as zonas do país: pela concessão de uma constituição que garantia a continuação do poder minoritário branco³³¹, pela projecção internacional que fazia do regime que não era reconhecido por nenhum país no mundo; pela procura do apoio externo, pela quebra das barreiras que asfixiavam a economia do regime rodesiano e pela marginalização dos nacionalistas³³².

A resposta dos guerrilheiros nacionalistas ao acordo interno foi a retratação dos traidores e a intensificação da guerra que se alastrou até aos subúrbios de Salisbúria³³³.

Por forma a reconciliar as propostas Anglo-Americanas e as posições da FPZ, realizou-se mais um encontro em Malta, de 30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 1978, (veja anexo C) com a esperança de se alcançar um cessar fogo. O encontro foi um malogro, tendo se seguido outro conhecido por "Malta dois", realizado em Dar-es-Salaam, de 14 a 15 de Abril de 1978. Tanto "Malta" como "Malta dois" foram presididos por David Owen, Secretário de Estado Norte-Americano. Este último encontro teve como objectivo discutir aspectos militares levantados pelas propostas Anglo-americanas. Por falta de acordo quanto à composição do governo de transição a reunião foi interrompida sem consenso³³⁴

3. Desdobramento de forças de guerrilha das FPLM no interior do Zimbabwe

De Pafuri a Zumbo – no Oeste de Moçambique – o inimigo tido como principal da RPM era a colónia Britânica da Rodésia do Sul. As suas forças armadas eram estimadas, aproximadamente, em 5.700 efectivos regulares, um contingente de 10.000 reservistas (forças territoriais). Operacionalmente, intensificavam o patrulhamento ao longo da fronteira com Moçambique. E possuíam ao longo desta extensão fronteiriça posições militares:

³³¹ Hedges, 1989: 14

³³² Salvador, 1980: 7

³³³ Posição da RPM face à evolução da situação na África Austral com incidência no Zimbabwe: comunicação do Presidente Samora Machel. *Notícias* 16 Set. 1978. p. 7

³³⁴ Nzombe, 1989: 180

a) Em Gaza

Rio Muanetsi, uma companhia de infantaria com um aeródromo e um número permanente de helicópteros;

Nyla, uma companhia reforçada que servia de retaguarda a base estacionada na Vila Salazar;

Rutenga, centro de desdobramento – com um complexo de refinarias petrolíferas – de forças que patrulhavam as vias de comunicação rodoviárias e ferroviárias, incluindo as zonas agrícolas de Búfalo, Triangle e Chiredzi, onde se encontravam concentradas as grandes empresas e fábricas de açúcar³³⁵. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

b) Manica

Chipinga, uma base que servia para o desdobramento das forças que operavam entre Espungabera e Rotanda. Era considerada estratégica devido a sua composição com o efectivo de um batalhão, carros de combate, um aeródromo e uma dotação de artilharia pesada;

Inhanga – era uma base que servia para apoiar as forças que operavam em Mavonde e vila Catandica;

Espungabera – uma companhia apoiada por uma dotação de morteiros

Umtali – uma Brigada motorizada, dotada de uma base aérea com hangares subterrâneos, uma frota de helicópteros e artilharia pesada. A Brigada desdobrava forças para Roela, Gaerezi, e Chipinga³³⁶. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

c) Tete

Bindura – com uma unidade de infantaria motorizada e um aeródromo

Monte Darwin – um batalhão com a tarefa de controlar a zona de Mucumbura através de uma companhia avançada

Mutoko – um Batalhão;

Kanhemba – uma base de infantaria motorizada que controlava a região de Zumbo³³⁷. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

³³⁵ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 2-3.

³³⁶ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 3

³³⁷ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 3

Até Dezembro de 1977, as forças rodesianas, utilizavam uma tática de incursão, usando carros blindados e comandos especialmente preparados para atacar e destruir campos de refugiados zimbabwianos, centros populacionais e infra-estruturas económicas³³⁸.

As incursões armadas infligidas contra Moçambique desde Pafúri, (passando por Nhazónia) até Zumbo, nas quais Smith, ao violar a fronteira moçambicana, matava, destruía infra-estruturas económicas, eram a confirmação de que só um Zimbabwe livre garantiria a consolidação da independência de Moçambique. Segundo as palavras do presidente Machel eram a confirmação de que era “necessário que marchemos para o Zimbabwe. Marchemos eminentemente e esmaguemos o nosso inimigo”³³⁹

Na sua missão agressiva contra Moçambique, as forças invasoras gozavam em relação as FPLM de seguintes vantagens:

1 - vantagem aérea, que incluía uma frota de helicópteros utilizados para desembarcar grupos de sabotagem as linhas de comunicação ferroviária e rodoviária moçambicanas afim de impossibilitar, medidas de socorro e reabastecimento das unidades das FPLM³⁴⁰.

2 - Vantagem de mobilidade constituída pelas unidades de infantaria motorizada, veículos blindados e pelas forças heli-transportadas;

3 - Vantagem da capacidade de recolha de informação fornecida pelos seus agentes infiltrados e particularmente pelos “refugiados ou combatentes do Zimbabwe” facto que lhes permitia realizar incursões relâmpagos, usando o factor surpresa;

4 - Vantagem da grande dispersão das FPLM e sua descoordenação motivada por falta de meios de comunicação eficiente (rádios e meios de transporte)³⁴¹.

Os dispositivos militares fronteiriços das FPLM na fronteira com Rodésia encontravam-se localizados em Zumbo, Mucumubura, Luia, Chioco, Changara, Guro,

³³⁸ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 4

³³⁹ Aceitamos hoje o convite de Ian Smith: avancemos, para o Zimbabwe, confiantes na vitória. *Notícias Beira*. 04 Jul. 1978. p. 6

³⁴⁰ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 4

³⁴¹ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 4

Catandica, Mavonde, Machipanda, Rotanda, Espungabera, Mavué, Massangena, Machaila, Chicualacuala e Pafúri,³⁴². Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

Nestes pontos estavam desdobradas pequenas unidades de forças constituídas por unidades de infantaria de uma secção a uma companhia, em cada lugar. A disposição não correspondia às necessidades operacionais do momento, pois a fronteira moçambicana com os países mais agressivos tinha uma extensão de 1680 quilómetros, dos quais 1.080 eram com a Rodésia, o que significava que, em média, cada dispositivo defendia uma linha de 60 quilómetros³⁴³.

Partindo da escalada de Mavué entre 1976, finais de 1978 e primeiro de trimestre de 1979, a ofensiva rodesiana foi intensiva contra as forças nacionalistas do Zimbabwe, instalações militares e económicas de Moçambique. As províncias atingidas por esta escalada de violência foram Gaza, Manica, Tete, província de Sofala onde destruíram na cidade da Beira 5 depósitos de material de guerra, 11 depósitos de combustível, para além de linhas de alta tensão, com o apoio cada vez mais intensivo do MNR.³⁴⁴

Os objectivos imediatos das forças rodesianas eram: localizar os efectivos dos combatentes nacionalistas zimbabweanos; os planos estabelecidos entre os combatentes nacionalistas e as FPLM. E de uma forma geral, recusar o princípio de maioria e a independência do Zimbabwe e desencorajar o apoio do governo moçambicano aos nacionalistas do Zimbabwe.³⁴⁵

A resposta político-militar do governo da FRELIMO foi estabelecer, um conjunto de medidas que intitulou “passar da defensiva passiva à defensiva activa: sobre a presente situação político-militar” visando contrariar os desígnios do regime minoritário de Ian Smith³⁴⁶.

³⁴² Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 5-6

³⁴³ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. p. 6. Segundo www.adci.gov consultado em 15/10/2005 Moçambique tem uma extensão fronteiriça com a Rodésia de 1231 Kms

³⁴⁴ Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Relatório do Chefe do Estado Maior General sobre estado das Forças Armadas da RPM em 9 de Abril de 1979. 09 Abr. 1979. p. 2 e 3.

³⁴⁵ Presidência da República. Passar da defensiva passiva à defensiva activa: sobre a presente situação político-militar. Maputo, 24 Dez. 1978. p. 6 e 7

³⁴⁶ Presidência da República. Passar da defensiva passiva à defensiva activa: sobre a presente situação político-militar. Maputo, 24 Dez. 1978. p. 9 a 13.

No que dizia respeito à situação militar, o plano preconizava de uma forma geral o que o título sugere, passar a ofensiva pela introdução de grupos combativos clandestinos no interior do Zimbabwe com objectivo de transferir a guerra para o interior Zimbabwe através de acções especiais de comandos e guerra de guerrilha por meio de forças especialmente preparadas para atacar objectivos seleccionados de grande alcance militar, económico e social, visando:

- Paralisar ou reduzir grandemente a circulação nas linhas de caminho de ferro Rodésia/Africa do Sul, (Beit Bridge) e vias Botswana/Bulawayo/Gwelo/Salisbúria. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.
- Atacar aeroportos, atacar e abater aviões nas proximidades dos aeroportos, neutralizar as ajudas automáticas via rádio nas proximidades dos aeroportos.
- Paralisar a ligação entre as cidades mais importantes.
- Sabotar e destruir oficinas de manutenção aeronáutica, paióis de bombas e depósitos de combustível e lubrificantes aeronáuticos.
- Intensificar a guerrilha para criar insegurança dos colonos, atacando lugares de divertimentos (restaurantes, cinemas, cafés, hotéis, clubes de elite), raptos selectivos (sem assassinato?) nos gabinetes de Smith³⁴⁷.

A medida incluiu também desenvolvimento da formação de milícias para assegurar a defesa de pontos chaves de todo o território moçambicano.³⁴⁸

A deliberação tomada pelo Presidente Samora Machel, em concórdia com o Chefe do Estado Maior General das FPLM, Sebastião Marcos Mabote, e em consulta com Robert Mugabe, não só incluiu o desdobramento destes grupos especiais das FPLM, introduzidos clandestinamente para operarem ao lado dos guerrilheiros da ZANLA no interior da Rodésia, mas também envolveu a integração completa da Segunda brigada e dos nacionalistas de ZANLA em Gaza³⁴⁹

³⁴⁷ Presidência da República. Passar da defensiva passiva à defensiva activa: sobre a presente situação político-militar. Maputo, 24 Dez. 1978. p. 9 a 13.

³⁴⁸ Presidência da República. Passar da defensiva passiva à defensiva activa: sobre a presente situação político-militar. Maputo, 24 Dez. 1978. p. 9 a 13.

³⁴⁹ Cole, 1984: 33; Mateus Zenguene nota que não foi só a segunda Brigada encarregada de monitorar as actividades combativas dos nacionalistas do Zimbabwe. Esteve também envolvida a terceira e a quarta Brigada estacionadas em Manica e Tete respectivamente. Mateus S. Zenguene. Entrevista. Maputo, 15.02.2005

A segunda Brigada era uma unidade militar das FPLM estacionada na localidade de Mapai, com um efectivo de 1.554 homens³⁵⁰. A sua área de responsabilidade era a Província de Gaza. Também recebera a missão de apoiar a luta dos nacionalistas zimbabwuanos, no que era designado de “frente de Gaza”: designadamente: apoio logístico, treino, infiltração dos combatentes nacionalistas no interior da Rodésia, condições de planificação das operações para os comandantes seniores do movimento - “Rex Nhongo e J. Tongogara e outros, tinham acesso fácil as instalações do comando de Brigada”³⁵¹.

O desdobramento das forças de guerrilha das FPLM foi antecedido de um trabalho forte de reconhecimento de possíveis alvos no interior da Rodésia, levado a cabo desde finais de 1976 até a introdução destes grupos em 1978 e 1979³⁵²

O primeiro grupo de combatentes que entrou na Rodésia foi de peritos de reconhecimento e sabotagem, nos princípios do ano de 1978. A sua missão era recolher informações de valor estratégico para a economia do regime, sabotar os alvos reconhecidos; --reconhecer-- posições--militares--importantes--das forças--rodesianas, especialmente aquelas que tinham a missão de lançar ataques contra Moçambique; e, por outro lado, procurar perceber o grau de combatividade dos combatentes nacionalistas, se tinham ou não zonas libertadas³⁵³.

Os mesmos grupos são referidos por Martin e Johnson (1985) nos seguintes termos:

“em 1978 sob a direcção de Machel, as FPLM infiltraram no interior da Rodésia três grupos de militares nas frentes de Tete, Manica e Gaza, com cinco homens cada”³⁵⁴.

Estes elementos, de acordo com Zenguene, foram os que assumiram a liderança, das forças introduzidas mais tarde, para direccionarem e monitorarem as acções de guerrilha em coordenação com os nacionalistas do Zimbabwe³⁵⁵.

³⁵⁰ Divididos por dois batalhões de Infantaria Motorizada, 2 batalhões de infantaria simples, um batalhão de tanques, um batalhão de artilharia, um batalhão da artilharia anti-aéreo. Veja Maputo. Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Relatório do Chefe do Estado Maior General sobre estado das Forças Armadas da RPM em 9 de Abril de 1979.

³⁵¹ Domingos Fondo. Entrevista, Maputo, 10.05.2005

³⁵² Lemos José Pontes. Entrevista. Maputo, 26.06.2006

³⁵³ Mateus S. Zenguene. Entrevista. Maputo. 15.04.2004

³⁵⁴ Martin & Johnson, 1985: 316

A nova operatividade das forças nacionalistas era confirmada, deste modo, em princípios de Setembro de 1978, pelos ataques armados com artilharia pesada e armas ligeiras a instalações estratégicas na cidade de Umtáli, a poucos kms da fronteira de Moçambique, incluindo: o Hotel Cecil, a prisão, o tribunal, a estação de bombeiros. O Hotel era onde se encontrava instalado o comando militar do exército, desde a destruição da base de Grand Reef³⁵⁶.

O primeiro ataque dos guerrilheiros à cidade de Umtáli aconteceu em 1976, e os de grande envergadura em Setembro e Outubro de 1978. Umtáli era uma cidade de 60 mil colonos. Rodeada por montanhas com 2 mil metros de altura e coberta por uma vegetação cerrada, constituía deste modo um alvo fácil de flagelar³⁵⁷.

Umtáli passou a ser patrulhada dia e noite por veículos militares protegidos contra minas, com placas de blindagem que apresentavam desenhos de animais como leopardos, rinocerontes ou hipopótamos, pelas forças armadas do regime racista³⁵⁸.

A sabotagem da ponte sobre o rio Tokwe, a 45 kms de Fort Victória foi um outro exemplo que salientava esta mudança e ocorreu em Outubro de 1978. A ponte fazia ligação de principais vias de circulação ligando a Rodésia e a África do Sul, com uma extensão de 300 quilómetros, também permitia acesso entre Fort Victória e Salisbúria³⁵⁹..

E no que se refere ao tráfego ferroviário os comboios com partida em Fort Victória passaram a ser escoltados por veículos militares devido a acções intensas dos guerrilheiros³⁶⁰.

Igualmente, no mesmo mês, à medida que se intensificava a luta armada no Zimbabwe, o regime viu-se obrigado a interromper o tráfego ferroviário nocturno entre Salisbúria e Bulawayo, a segunda maior cidade da colónia britânica da Rodésia do Sul, passando a efectuar uma viagem por dia entre as duas cidades. A Situação ameaçava o fornecimento de produtos e géneros de primeira necessidade naquelas localidades³⁶¹.

³⁵⁵ Mateus S. Zenguene. Entrevista. Maputo. 15.04.2004

³⁵⁶ Povo do Zimbabwe intensifica luta armada: resposta firme as manobras do inimigo *Notícias*. 28 Out. 1978. p. 6

³⁵⁷ Rodésia: Umtáli, alvo ideal para os guerrilheiros. *Notícias*. 01 Dez. 1978. p. 5

³⁵⁸ Rodésia: Umtáli, alvo ideal para os guerrilheiros. *Notícias*. 01 Dez. 1978. p. 5

³⁵⁹ Zimbabwe: luta armada avança. *Notícias*. 03 Out. 1978. p. 1

³⁶⁰ Zimbabwe: luta armada avança. *Notícias*. 03 Out. 1978. p. 1

³⁶¹ Rodésia: guerrilha corta ligação vital. *Notícias*. 27 Out. 1978. p. 1

À medida que o regime se revelava incapaz de conter o ímpeto agressivo dos nacionalistas, dados oficiais publicados pela imprensa ocidental, segundo o jornal Notícias (1978), revelavam que já em 1977, o produto nacional bruto da Rodésia diminuía em sete por cento. O facto acusava a descida dos níveis de produtividade provocada pela mobilização de mão de obra para o exército, e a constante fuga de colonos devido à intensificação das acções de guerrilha nacionalista³⁶².

A indústria mineira foi uma das mais afectadas e constituía a principal fonte de divisas estrangeiras do regime. Os Caminhos de ferro rodesianos, permanentemente atacados pelos patriotas zimbabwuanos, tiveram também durante o ano de 1977, elevados prejuízos. A fuga de colonos também provocou a estagnação da indústria de construção e de transformação³⁶³.

A operatividade das forças nacionalistas deu mais um salto a nível urbano, nos fins deste período (1978), por meio da sabotagem dos tanques de combustível em Salisbúria, explosão da estação de energia eléctrica em Bulawayo e da linha de caminhos de ferro. Estes objectivos segundo a polícia localizavam-se a cinco kms do centro da cidade de Bulawayo³⁶⁴.

A destruição dos tanques de combustível foi a maior operação de sabotagem contra o regime ilegal de Ian Smith. Ela foi desencadeada nos princípios do mês de Dezembro de 1978 pelos guerrilheiros nacionalistas. Nesta operação destruíram os depósitos principais de petróleo, situados a 3 quilómetros de Salisbúria. Os depósitos atacados armazenavam o petróleo das companhias Shell, BP e Caltex. Foi um dos mais rudes golpes, desferido pelos nacionalistas contra a economia rodesiana, (desde o início da luta armada de libertação no Zimbabwe, reconheceu Smith, ao visitar o local³⁶⁵) dependente em extremo dos fornecimentos de combustível efectuados do exterior através da África do Sul³⁶⁶ em violação das sanções comerciais impostas pela ONU ao regime³⁶⁷.

O comunicado emitido pela ZANU, no dia 12 de Dezembro em Maputo sublinhava que:

³⁶² Rodésia produto nacional bruto baixou em sete por cento. *Notícias*. 28 Out. 1978. (especial)

³⁶³ Rodésia produto nacional bruto baixou em sete por cento. *Notícias*. 28 Out. 1978. (especial)

³⁶⁴ Rodésia: objectivos estratégicos atacados às portas de Bulawayo (lei marcial abrange 90 por cento do país). *Notícias*. 14 Jan. 1979.

³⁶⁵ Rodésia: incêndio da gasolina entra no seu quarto dia. *Notícias*. 15 Dez. 1978.

³⁶⁶ Às portas de Salisbúria: Guerra atinge ponto vital do regime. *Notícias*. 13 Dez. 1978.

³⁶⁷ Nuvem negra sobre Salisbúria: depósitos de gasolina continuam a arder. *Notícias*. 14 Dez. 1978.

“a explosão do centro de combustíveis em Salisbúria pelas nossas forças da ZANLA é parte da nossa estratégia operacional para Salisbúria como para o país considerado um todo e serve para sublinhar a natureza qualitativa da nossa guerra de libertação, [...], à medida que progride em direcção de um novo estádio”³⁶⁸.

Até ao terceiro dia do incêndio provocado pelos nacionalistas, estimava-se que metade das instalações petrolíferas havia sido destruída pelo fogo, com 15 tanques destruídos (de um total de 28³⁶⁹) e cerca de 100 milhões de litros de gasolina perdidos, avaliados em mais de 10 milhões de dólares rodesianos³⁷⁰.

Como resultado do crescimento das acções operativas dos nacionalistas zimbabweanos, o regime rodesiano impôs um recolher obrigatório na cidade de Gwelo. O recolher ia desde o pôr do sol e durava toda a noite³⁷¹.

Gwelo situava-se no coração da Rodésia e constituía nó vital do sistema ferroviário do país, não só em relação à linha Salisbúria-Bulawaio, como também por ser terminal de um ramal que servia uma área industrializada. Por outro lado, era onde se implantava a principal via de comunicação rodoviária e centro comercial de uma rica região mineira. Daí a importância que a defesa de Gwelo assumia para o regime³⁷².

Por esta altura (início do ano de 1978), segundo Reid-Daly (1982) a máquina de guerra do governo rodesiano já se encontrava no limite das suas capacidades em termos de meios aéreos – helicópteros – para poder realizar acções eficientes interna e externamente. Isto equivalia a dizer que a eficiência das tropas rodesianas em termos combativos havia sido reduzida, pela influência combativa dos nacionalistas zimbabweanos³⁷³. Auxiliados pelos militares moçambicanos conforme observa Martin e Johson (1985):

³⁶⁸ Às portas de Salisbúria: Guerra atinge ponto vital do regime *Notícias*. 13 Dez. 1978. p. 1

³⁶⁹ Rodésia: incêndio da gasolina entra no seu quarto dia. *Notícias*. 15 Dez. 1978. p. 1

³⁷⁰ Nuvem negra sobre Salisbúria: depósitos de gasolina continuam a arder. *Notícias*. 14 Dez. 1978. p. 1

³⁷¹ Ataque a depósitos de combustível é início de uma ofensiva: declara dirigente da Frente Patriótica. *Notícias*. 19 Dez. 1978. p. 1.

³⁷² Ataque a depósitos de combustível é início de uma ofensiva: declara dirigente da Frente Patriótica. *Notícias*. 19 Dez. 1978. p. 1.

³⁷³ Reid-Daly, 1982: 542

“a afinidade entre as FPLM e os guerrilheiros nacionalistas do Zimbabwe, solidificou se cada vez mais no decorrer da guerra do que entre alguns líderes políticos da FRELIMO bem como da ZANU”³⁷⁴

Uma grande área de Moçambique estava adjacente a zonas militares activas das forças rodesianas designadamente: Thrasher que se localizava a oeste, Hurricane a noroeste e Repulse no sudoeste³⁷⁵.

O espírito de camaradagem referida por Martin e Johnson (1985), no teatro da guerrilha³⁷⁶ permitiu que em princípios de Janeiro de 1979 mais um grupo de combatentes das FPLM, desta vez na composição de companhias, fosse infiltrado no interior da Rodésia³⁷⁷. Contingentes aludidos por Flower como tendo sido “um grupo substancial (das FPLM) infiltrado no interior do que passara a chamar-se, no mesmo ano, de Zimbabwe-Rodésia, com alguns membros do braço militar nacionalista da ZANLA”³⁷⁸.

As companhias foram infiltradas nas áreas operacionais de Matabeleland e Manicaland, que correspondiam as frentes de Gaza e de Manica, respectivamente³⁷⁹. Numa altura em que as forças rodesianas procuravam intensificar as suas operações tanto no interior da Rodésia, e de uma forma contundente na retaguarda do movimento, por acreditar que “o fogo vem de Moçambique e por isso o seu objectivo era destruir a sua origem...” como disse Tongogara numa entrevista dada a revista Tempo em Julho de 1979³⁸⁰.

Os combatentes moçambicanos que entraram no interior da Rodésia como primeiros elementos de reconhecimento em 1978, para além de funções de liderança³⁸¹, coube-lhes também a responsabilidade de administrar mini cursos de guerrilha aos militares seleccionados para operarem no interior da Rodésia. A reciclagem era feita em locais previamente escolhidos como Milha 8 na província de Sofala entre Dondo e Mwanza, e na localidade de Movene, aproximadamente 35 kms a sudoeste da cidade de

³⁷⁴ Martin & Johnson, 1985: 316

³⁷⁵ Estados da Linha da Frente (II): Moçambique – o flanco oriental. *Noticias*. 26 Dez. 1978. p. 6

³⁷⁶ Martin & Johnson, 1985: 316

³⁷⁷ Mateus S. Zenguene. Entrevista. Maputo, 15. 02. 2004

³⁷⁸ Flower, 1987: 227

³⁷⁹ Mateus S. Zenguene. Entrevista. Maputo, 19. 06. 2005

³⁸⁰ *Tempo*. 15 Jul. 1979. nº 457, p. 35.

³⁸¹ Matias T. Upinde. Entrevista. Maputo, 01.01.2005

Maputo. A formação, durava entre 45 a 90 dias, focalizando basicamente matérias relacionadas com sabotagem, reconhecimento, tática, e comunicações via rádio³⁸².

A missão destes militares, finda a sua reciclagem, era levar a cabo o plano denominado “passar da defensiva passiva à defensiva activa: sobre a presente situação político-militar”. Efectivamente, destruir as linhas de comunicação rodoviária e ferroviária, pontes, e colocar minas em locais estratégicos previamente seleccionados, inviabilizar as principais rotas de comunicação dentro e aquelas que ligavam a Rodésia com a África do Sul³⁸³. Tendo em conta que era por meio destas linhas de comunicação que eram transportados os fornecimentos de combustível de emergência de África do Sul para a Rodésia,³⁸⁴. De uma forma global em coordenação com os combatentes zimbabweanos, acelerar o fim da guerra,³⁸⁵.

A presença dos militares moçambicanos no interior da Rodésia foi notada pelos serviços de informações rodesianos em Abril de 1979³⁸⁶, a mesma altura referida por Chipande ao notar que “os nossos militares, o primeiro contingente parte em 1979, infiltrado secretamente em coordenação com os combatentes nacionalistas do Zimbabwe”³⁸⁷.

A partir desta altura as forças rodesianas notaram que os ataques dos nacionalistas tomaram uma nova dimensão. A presença dos militares moçambicanos havia trazido mudanças no *modus operandi* dos nacionalistas, tornando, principalmente, a província de Gaza uma ameaça real ao regime rodesiano³⁸⁸.

As forças infiltradas a partir da Frente de Gaza (comandadas por João José Gandule, secundado por Fernando Mandango) tinham como área de responsabilidade a zona que começava na fronteira sul-africana até Chipinga. E, na Frente de Manica, a zona que abrangia desde o vale do rio Honde até Umtali e Chipinga, era comandada por Matias Tomé Upinde, a quem pesava também alegadamente a responsabilidade geral de toda a força moçambicana infiltrada na Rodésia, e de coordenação com os comandantes

³⁸² Matias T. Upinde. Entrevista. Maputo, 01.01.2005

³⁸³ Lemos J. Pontes. Entrevista. Maputo, 26.06.2005

³⁸⁴ Cole, 1984: 330.

³⁸⁵ Matias T. Upinde. Entrevista. Maputo, 01.01.2005

³⁸⁶ Cole, 1984: 330

³⁸⁷ Joaquim A. Chipande. Entrevista. Maputo, 13.10.2004

³⁸⁸ Cole, 1984: 330

zimbabweanos no teatro de guerra³⁸⁹. A infiltração fez-se a partir de Manica na direcção da montanha Tsetsera³⁹⁰.

Segundo Lemos, os efectivos envolvidos rondavam os 150 homens em cada frente. A frente de Tete esteve mais activa no período anterior a independência de Moçambique. E o objectivo de todos esses grupos era Salisbúria³⁹¹

Entre as operações mais destacadas nos primeiros cinco meses do ano de 1979, desde a infiltração dos militares moçambicanos, salientaram-se: a realização de ataques de surpresa a guarnições de aldeamentos (farmas) dos colonos, de pequenas bases militares e de emboscadas em todas as frentes³⁹²; ataques a pistas de aterragem, destacando-se o ataque ao aeroporto de Salisbúria, situado a apenas 15 kms do centro da cidade, flagelado com fogo de artilharia pesada e no qual não foram reportados resultados³⁹³.

De acordo com a revista Tempo (1979) estas acções resultaram na morte de 475 militares rodesianos, mais de 30 camiões e 10 land-rovers militares destruídos, para além de um comboio de máquinas de terraplanagem. Menciona ainda nesta lista o derrube de 3 aviões Dakotas em serviço de transporte militar e 5 aviões ligeiros da força aérea rodesiana³⁹⁴.

No âmbito da estratégia de isolamento de centros urbanos mais importantes e interrupção de comunicações e transporte do governo rodesiano, a mesma revista indica que foram levadas a cabo acções de sabotagem contra as linhas Bulawayo-Salisbúria; Rutenga-Shabani-Somabula; Shabani-Bulawayo; Salisbúria-Umtáli; Shabani-Burnockburn; Gwelo-Fort Victória e na estação de Cherian-Hanet. Incluindo a destruição de 7 locomotivas, vagões em número não especificado, e duas pontes, uma ligando

³⁸⁹ Segundo Mateus Zenguene, Matias Upinde não foi o comandante geral das tropas infiltradas na Rodésia. Segundo ele cada companhia actuava de forma independente, integrada na direcção geral dos guerrilheiros zimbabweanos. O carácter secreto do desdobramento e a distância entre as companhias não permitia o trabalho de um comando centralizado. O Título de comandante geral teve-o quando as forças todas regressaram em Fevereiro de 1980, e na recepção que o presidente Machel deu a estes combatentes. Martias S. Zenguene. Entrevista. Maputo, 15.02.2004

³⁹⁰ Lemos J. Ponte. Entrevista. Maputo, 26.06.2005

³⁹¹ Lemos José Pontes. Entrevista. 26.06.2006

³⁹² Tempo. 15 Jul. 1979. n.º 461, p. 35.

³⁹³ Zimbabwe: guerrilheiros atacam aeroporto de Salisbúria. Notícias. 21 de Fev. 1979. p. 1.

³⁹⁴ Tempo 12 Ag.1979.n. 461, p.53

Umtali-Melster e a outra ligando Mutulibum-Chipinga em Manguezi³⁹⁵. Veja o anexo T 1 mapa do Zimbabwe.

O conjunto destes ataques feitos com a colaboração dos militares das FPLM e outros realizados em períodos anteriores marcavam um gigantesco passo na destruição do mito da invencibilidade dos Selous Scouts e da economia rodesiana, fragilidade que se confirmava com a tentativa de ataque das forças rodesianas em Manica, com o objectivo de influenciar o curso das negociações iniciadas Londres, e que resultara, segundo o jornal Notícias de 14 de Outubro de 1979, na perca de 6 aviões abatidos e 120 soldados mortos pelas FPLM em Manica³⁹⁶

O alastramento da guerra, em todo o território nacional zimbabweano obrigou o governo de Smith a decretar a lei marcial, estendendo-a para mais de 90% do território do país³⁹⁷. Na mesma altura em que apresentava (Janeiro de 1979) uma variante “aperfeiçoada” da Constituição, segundo a qual o país passaria a chamar-se “Zimbabwe-Rodésia”³⁹⁸

A crise económica alastrava-se também de mês para mês, o plano anglo-americano era aperfeiçoado com o apoio dos PLF. As negociações eram retomadas a partir do novo esquema britânico. O entendimento que teve a anuência da maioria dos países africanos, assim como da FPZ era alcançado na Conferência dos Chefes de Estados da Comunidade britânica realizada, em Lusaka no início de Agosto de 1979³⁹⁹.

A conferência teve lugar numa altura em que Abel Muzorewa acabava de sair vitorioso das controversas eleições gerais no que ficou conhecido como Zimbabwe-Rodésia. A Grã-bretanha, na qualidade de potência colonizadora da Rodésia, participou nesta conferência representada pela Senhora Margareth Thatcher vencedora das eleições gerais de 3 de Maio de 1979⁴⁰⁰.

³⁹⁵ *Tempo* 12 Ag.1979.n. 461, p.53

³⁹⁶ No ultimo ataque na Província de Manica: agressores rodesianos sofreram maior derrota de sempre. *Notícias*. 14 Out. 1979. p. 3

³⁹⁷ Rodésia: objectivos estratégicos atacados às portas de Bulawayo (lei marcial abrange 90 por cento do país)

Notícias. 14 Jan. 1979. p. 1

³⁹⁸ Urnov, 1988: 189

³⁹⁹ Urnov, 1988: 195-196

⁴⁰⁰ Martin & Johnson, 1981: 300

Thatcher aceitara que a Constituição do Zimbabwe-Rodésia era “inaceitável em certos aspectos importantes”, por isso a Grã-Bretanha aceitaria a sua responsabilidade colonial e trabalharia com afinco para que um governo de maioria fosse alcançado no Zimbabwe. Também tornara claro que a independência só seria concedida na base de uma constituição comparável com as constituições de outros países da Commonwealth⁴⁰¹.

Em poucas palavras a Conferência dos Chefes de Estados da Comunidade britânica, concordara com a realização de novas eleições no Zimbabwe-Rodésia sob a responsabilidade do governo britânico, com elaboração de uma nova constituição com a participação de todos os partidos envolvidos, para além de que era necessariamente vital um cessar-fogo durante as eleições⁴⁰²

Nesta óptica, o governo britânico, na sua qualidade de potência colonial aceitara a responsabilidade de convocar em Londres uma Conferência Constitucional sobre a Rodésia, sob a sua presidência, com a participação da FPZ e dos representantes do governo de Smith⁴⁰³.

X A Conferência Constitucional sobre a Rodésia realizou-se em Londres no palácio de Lancaster House, de 10 de Setembro a 21 de Dezembro de 1979. Foi dirigida por Lord Carrington. Terminou com a adopção de um projecto de Constituição para a nova República do Zimbabwe, acordos para um período de transição anterior à independência, e um cessar-fogo⁴⁰⁴.

De uma forma geral o acordo marcou o fim da guerra na Rodésia, na base não só do apoio garantido pelo governo da FRELIMO em Moçambique, mas também na base da contribuição oferecida pela comunidade internacional, particularmente pelos PLF⁴⁰⁵.

Os guerrilheiros no território do chamado Zimbabwe-Rodésia foram acantonados, sob a supervisão das tropas da comunidade britânica, enquanto as forças de segurança existentes se encarregavam de manter a paz e a ordem⁴⁰⁶. E a meia noite do dia 18 der

⁴⁰¹ Martin & Johnson, 1981: 313

⁴⁰² Martin & Johnson, 1981: 314. Todo o sucesso do acordo de Lancaster House dependia do cessar fogo. Ia ou não funcionar? Seria ou não observado pelas partes envolvidas no conflito? Por isso o acordo preconizava “a cessação de actividades militares além fronteira por ambas as partes; a cessação de hostilidades no interior da Rodésia e a separação dos dois exércitos beligerantes e; por a aceitação da autoridade de um Governador por ambas as partes”. Veja Nzombe, 1989: 193

⁴⁰³ Urnov, 1988: 196

⁴⁰⁴ Martin & Johnson, 1981: 315

⁴⁰⁵ Gibson, 1980: 33

⁴⁰⁶ Godfrey, 1983: 243

Abril de 1980, a bandeira rodesiana foi substituída. A bandeira do Zimbabwe foi hasteada, marcando o fim da última colónia do império inglês em África⁴⁰⁷

4. Impacto

Em menos de quatro anos, o regime de Ian Smith procurou negociar face às posições assumidas pelo governo moçambicano e pelos Países da Linha de Frente⁴⁰⁸.

A solidariedade permitiu que a luta dos nacionalistas se desenvolvesse amplamente⁴⁰⁹: as FPLM, com sua presença, vivificaram a moral combativa e impulsionaram a operatividade dos guerrilheiros do movimento de libertação do Zimbabwe. Até antes dos finais do ano de 1978 a ofensiva militar dos nacionalistas estendeu-se para todo o território: os principais centros urbanos foram atacados⁴¹⁰. Ou, como evidencia Albino Magaia, “a combatividade da ZANLA, auxiliada pelos quadros das FPLM, levou o fogo libertador a grande parte da Rodésia enquanto que em áreas mais restritas actuava a ZIPRA⁴¹¹.”

-----O corolário final desta solidariedade apelidada de internacionalista pelo presidente moçambicano Samora Moisés Machel foi de uma forma global a independência do Zimbabwe. Segundo Nyerere, o Zimbabwe,

“sem o apoio de Moçambique, a FPZ não poderia ter realizado vitoriosamente a sua luta – primeiro no campo militar e depois no campo político. E esse apoio foi concedido a troco de um preço pesado quer em termos económicos quer em termos de vidas humanas”⁴¹²

Pela primeira vez, na história do país, eram produzidos aqueles a quem o Presidente Samora Machel chamou de “heróis internacionalistas”⁴¹³, num total de cinco centenas de combatentes das FPLM, que em nome da pátria moçambicana combateram

⁴⁰⁷ Flower, 1987: 270

⁴⁰⁸ O povo do Zimbabwe venceu porque soube aceitar sacrifícios: Presidente Samora Machel num grandioso comício popular, ontem realizado. *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 3

⁴⁰⁹ O povo do Zimbabwe venceu porque soube aceitar sacrifícios: Presidente Samora Machel num grandioso comício popular, ontem realizado. *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 3

⁴¹⁰ Salvador, 1980: 7

⁴¹¹ Magaia, 1980: 5

⁴¹² Sem Moçambique não teríamos a alegria que hoje sentimos: Presidente Nyerere, Moçambique ao Presidente Samora Machel. *Notícias*. 19 Abr. 1980..

⁴¹³ O povo do Zimbabwe venceu porque soube aceitar sacrifícios: Presidente Samora Machel num grandioso comício popular, ontem realizado. *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 4

na Rodésia não só para acelerar a fim da guerra mas também para defender a integridade da RPM das agressões rodesianas⁴¹⁴.

A causa da Frente Patriótica custou ao governo da FRELIMO perdas monetárias volumosas e graves encargos financeiros⁴¹⁵.

Quando a fronteira foi encerrada em Março de 1976, Chissano declarou na ONU duas semanas depois que os prejuízos ultrapassariam os 57 milhões de dólares por ano⁴¹⁶.

Em termos de vidas humanas a contribuição custou aos moçambicanos 1338 mortos dos quais 567 nas FPLM e órgãos de segurança estatal; 1538 feridos pelo inimigo dos quais 764 das FPLM e órgãos de segurança estatal; 751 raptados ou desaparecidos entre uma centena nas FPLM e órgãos de segurança estatal. No interior do Zimbabwe para defender o país e, em nome do internacionalismo, 24 militares foram mortos, 6 foram feridos, e 2 foram capturados⁴¹⁷

As agressões armadas perpetradas pelo regime rodesiano contra Moçambique permitiram segundo Machel tirar lições válidas durante o conflito: construir um exército popular poderoso; desenvolver o sentido de vigilância popular; organizar as milícias populares, e por fim reforçar a unidade entre o povo e as FPLM⁴¹⁸.

⁴¹⁴ O povo do Zimbabwe venceu porque soube aceitar sacrifícios: Presidente Samora Machel num grandioso comício popular, ontem realizado. *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 4

⁴¹⁵ Macuácuá, 1998: 33

⁴¹⁶ Ao encerrar fronteira com Rodésia Moçambique serviu a humanidade. *Notícias*. 19 Mar. 1976. p. 3

⁴¹⁷ *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 4

⁴¹⁸ *Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 3 e 4

Capítulo V

Conclusão

Se tomarmos em conta que o regime rodesiano era uma potência militar, um exército que nunca experimentara a amargura da derrota no campo da batalha⁴¹⁹, qual terá sido, então, o factor da vitória das forças nacionalistas? As FPLM terão realmente conseguido influenciar o fim rápido da guerra na Rodésia?

A constituição da FPZ, a luta de libertação nacional, a aplicação integral das sanções, o apoio e a solidariedade internacional da qual Moçambique deu grande contributo, como retaguarda segura da luta do povo do Zimbabwe foram os factores determinantes da vitória

Para além destes factores, a resolução da ONU de bloquear a economia de Salisbúria, por meio de sanções impedindo o comércio externo do regime, fizeram com que a sobrevivência deste fosse de curta duração.

Tomando em conta que a base económica do regime rodesiano eram as exportações, mesmo sem ser por ordem de prioridade desde as exportações de tabaco, de produtos minerais como o amianto, o cobre, o crómio⁴²⁰, a borracha, citrinos e de outros produtos alimentares de que a Rodésia era grande produtor, incluindo a energia que aproveitava da barragem de Karibe, era evidente que iria precisar do petróleo que não produz, e do armamento para continuar a defender os interesses do regime minoritário e do seu sistema de opressão ao povo do Zimbabwe.

E obviamente, o regime iria precisar de transportar os seus produtos de exportação em que era auto suficiente para a África do Sul do apartheid (que os levaria via marítimo para outros pontos do globo) utilizando o comboio e o automóvel. E aí era de facto onde residia a vulnerabilidade do regime.

Os combatentes do movimento nacionalista e os quadros das FPLM basearam a sua estratégia de luta contra o regime de Ian Smith, no desgaste económico, atacando e destruindo comboios, camiões, e pontes. Minando as vias de comunicação mais

⁴¹⁹ Cole: 1984: 430

⁴²⁰ O crómio correspondia acerca de um quinto da produção mundial e o tabaco um quarto do total das exportações rodesianas. Veja Xavier, 1976: 5

importantes e destruindo as vias férreas. Estas acções visavam impedir como impediam que as importações e exportações do regime fossem feitas.

A estratégia incluiu também para além de objectivos militares como quartéis, o ataque a empresas de exploração mineira onde eram extraídos os minérios para a exportação, as grandes plantações de colonos onde eram explorados milhares de zimbabweanos, as centrais eléctricas e os seus postes e cabos de transporte de energia, depósitos de combustíveis, com o objectivo de desmoralizar o investimento estrangeiro e incrementar a fuga de colonos.

A luta armada foi o principal instrumento da vitória dos nacionalistas do Zimbabwe. Entretanto, Moçambique independente e a comunidade internacional contribuíram para que o Zimbabwe fosse livre e independente. Mas como é do contributo dos militares moçambicanos de que estamos a tratar, da forma como influenciaram a última etapa da guerra, a nossa pesquisa induz nos a admitir que as FPLM impulsionaram a combatividade das forças do movimento nacionalista do Zimbabwe providenciando, serviços de informação, treinamento de recrutas, fornecimento de armas, munições, transporte, ajudaram a levar a cabo operações trans-fronteiriças, ajudaram em todos os aspectos logísticos, para além de autorização de se instalarem em principais cidades e vilas.

Certamente, o seu papel de retaguarda segura permitiu fornecer uma acessoria experiente na área de reconhecimento, tácticas de guerrilha, sabotagem, infiltração nas áreas urbanas, para que pudessem de forma desembaraçada expedir ataques de envergadura contra o regime de Ian Smith. O conjunto de todas estas acções e outras que não cabem aqui, permitiram que a guerra fosse evidentemente o factor principal da vitória do movimento. Sem a guerra, sem a luta armada o espírito intransigente que prevaleceu tanto tempo em Salisbúria teria continuado.

FONTES CONSULTADAS

Oral

Alberto Chipande. Entrevista, Maputo, 13 de Outubro de 2004. Ministro da Defesa nacional entre 1975-1994.

Domingos Fondo. Entrevista. Maputo, 10.05.2005

José Moiane. Entrevista, Maputo, 01 de Julho de 2004

Lemos José Pontes. Entrevista. Maputo, 26.06.2006

Marcelino dos Santos. Entrevista, Maputo, 16 de Outubro de 2004

Mateus S. Zenguene. Entrevista. Maputo, 15.02.2005

Matias T. Upinde. Entrevista. Maputo, 01.01.2005

Tobias Dai. Entrevista, Maputo, 10 de Maio de 2004

Documentos não Publicados e Relatórios Oficiais

Documentos do 3.º congresso da FRELIMO. *FRELIMO: programa e estatutos*. Maputo: Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO, [1977?].

GERRY, Chris. Rhodesian and South African military aggression against the Front Line states 1975- 1979: a draft chronological listing. *CEA memorando interno nº 96*. Maputo: 05 Set 1979.

Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Pontos Fundamentais sobre a situação inimiga e das nossas forças. 04 Mar. 1977. (Gentilmente cedido pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN))

Maputo, Estado Maior General das Forças Armadas de Moçambique. Relatório do Chefe do Estado Maior General sobre estado das Forças Armadas da RPM em 9 de Abril de 1979. 09 Abr. 1979. (Gentilmente cedido pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN))

Maputo, Estado Maior General (EMG). Relatório sobre a invasão inimiga em Manica. 14 Ag. 1976. (Gentilmente cedido pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN))

Maputo, Ministério da Defesa Nacional. Relatório sobre as agressões imperialistas ao território da República Popular de Moçambique. 06 Out. 1979. (Gentilmente cedido pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN))

Maputo, Departamento das Operações do Estado maior General. Relatório dos 4 camaradas instrutores que em visita deslocaram-se para Tete. 07 Dez. 1976. p. 1 e 2. (Gentilmente cedido pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN))

Mozambique will be free. Committee of returned volunteers. New York : Africa Committee, 1969. p. 16. (cota CEA-21/AG)

Presidência da República. Passar da defensiva passiva à defensiva activa: sobre a presente situação político-militar. Maputo, 24 Dez. 1978. (Gentilmente cedido pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN))

Revistas e Jornais

Cimentar a unidade com os combatentes. *Tempo*. 15 Jul. 1979. nº 457,

Iniciado o III Congresso da Frelimo: I e II capítulo do relatório do Comité Central. *Tempo*, Fev. 1977, nº 331

Moçambique Zimbabwe: a mesma luta. *Tempo*. 14 Mar. 1976, nº.284.

Samora Machel: Ian Smith será derrotado. *Cadernos do Terceiro Mundo*. 10 Jun. 1979.

Zimbabwe: 5 meses de luta armada. *Revista Tempo*. 15 Jul. 1979. nº 461

Zimbabwe: o ataque a Mavué. *Tempo*. 14 Mar. 1976. nº 284.

3 de Março encerramento das fronteiras. *Tempo*, Mar.1977 nº 335.

A 200 Km da Capital rodesiana: ataque terrorista a um depósito agrícola. *Notícias*. 02 Fev. 1973.

A luta de classes trabalhadoras é para derrubar a burguesia: Presidente Samora Machel em entrevista a jornalistas de órgãos centrais do P.C. europeus. *Jornal Notícias*. 18 Dez. 1976.

A luta de libertação na África Austral face à nova táctica do imperialismo: análise. *Notícias*. 07 Mai. 1976. p. 8

A nossa tarefa actual é apoiar a luta do Zimbabwe. *Notícias*. 08 Mar. 1976.

Aceitamos hoje o convite de Ian Smith: avancemos, para o Zimbabwe, confiantes na vitória. *Notícias Beira*. 04 Jul. 1978.

Acto de solidariedade para com uma causa justa: Moçambique firme no seu apoio à luta do Povo do Zimbabwe. *Notícias*. 03 Mar. 1978.

Ao contrário do que diz Smith: a Rodésia sempre esteve dependente de Moçambique. *Notícias*. 15 Mar. 1976.

Ao encerrar fronteira com Rodésia Moçambique serviu a humanidade. *Notícias*. 19 Mar. 1976.

Às portas de Salisbúria: Guerra atinge ponto vital do regime. *Notícias*. 13 Dez. 1978.

As reuniões da OUA foram de grande significado: Joaquim Chissano. *Notícias*. 08 de Jul. 1976.

Ataque a depósitos de combustível é início de uma ofensiva: declara dirigente da Frente Patriótica. *Notícias*. 19 Dez. 1978.

BORGES COELHO, J.P.C. Entrevista com a Associação dos Antigos Combatentes de Tete: uma conversa sobre a Luta de Libertação Nacional na Frente de Tete. *Arquivo/Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, Abril, 1993, nº 13, p. 111

BORISOV, S. Papel-chave da Frente Patriótica na regularização da questão da Rodésia. *Notícias*. 22 Mai. 1977.

BRAGANÇA, Aquino. Zimbabwe: o Segundo alento de guerrilha. *Notícias*. 18 Abr. 1976.

Chefes de Estado de Commonwealth estudam sanções contra Salisbúria: contribuição de Moçambique será vital. *Notícias*. 28 Abr. 1975.

Chicualacuala responde firme aos agressores rodesianos. *Notícias*. 04 Jul. 1976.

Cimentar a unidade com os combatentes. *Revista Tempo*. 15 Jul. 1979, nº 457.

Concretizada ontem capital: solidariedade militante com o povo do Zimbabwe. *Notícias*. 14 Mar. 1976.

Conferência da ONU para o apoio do Zimbabwe e Namíbia. *Notícias*. 14 Mai. 1977.

Conferência de Genebra sobre o Zimbabwe começa hoje. *Notícias*. 28 Out. 1976.

Crise nas guerrilhas rodesianas: nova ameaça de secessão devido a rivalidades tribais entre os dirigentes da ZAPU. *Notícias*. 18 de Mar. 1971.

Discurso de Samora Machel na O.U.A.: África nada tem com o regime de Pretória. *Notícias*. 08 Abr. 1975.

Em gigantesco comício no Estádio da Machava: histórica lição de Nyerere para a revolução africana. *Notícias*. 01 Set. 1975.

Estados da Linha da Frente (II): Moçambique – o flanco oriental. *Notícias*. 26 Dez. 1978.

Estratégia contra os racistas de Smith: circular a todos os Grupos Dinamizadores do país. *Notícias*. 15 Jul. 1976.

Fronteira com a Rodésia encerrada há um ano. *Notícias*. 03 Mar. 1977.

Hoje de novo a FRELIMO chama o povo para defender a pátria atacada: Presidente da República em comunicação ao país. *Notícias*. 04 Mar. 1976.

Luta armada no Zimbabwe termina com a independência: afirma Presidente S. Machel em entrevista a BBC. *Notícias*. 02 Out. 1976.

MAGAIA, Albino. ZANU – um nacionalismo que surpreendeu o mundo. *Notícias*. 08 Mar. 1980.

Maior operação deste ano dos combatentes do ZIPA. *Notícias*. 04 Jan. 1978.

MARTIN, David. Samora Machel ao "Observer": luta revolucionária no Zimbabwe permitirá divórcio com o capitalismo. *Notícias*. 28 Mar. 1976

Na fase presente engajemos nos em três frentes mobilização política, produção e internacionalismo: Presidente Samora Moisés Machel no décimo primeiro aniversário da revolução moçambicana. *Notícias*. 27 Set. 1975.

No campo de refugiados de Nhazónia: centenas de zimbabweanos indefesos massacrados pela tropa de Smith. *Notícias*. 14 Ag. 1976.

No ultimo ataque na Província de Manica: agressores rodesianos sofreram maior derrota de sempre. *Notícias*. 14 Out. 1979.

Novas táticas do imperialismo denunciadas por Samora Machel (discurso do Presidente da RPM na cimeira dos Não-alinhados em Colombo). *Notícias*. 22 Ag. 1976.

Nuvem negra sobre Salisbúria: depósitos de gasolina continuam a arder. *Notícias*. 14 Dez. 1978.

O povo do Zimbabwe venceu porque soube aceitar sacrifícios: Presidente Samora Machel num grandioso comício popular, ontem realizado. *Jornal Notícias*. 24 Dez. 1979. p. 3.

Os povos oprimidos do Zimbabwe e Namíbia vencerão. *Notícias*. 16 Mai. 1977. Suplemento.

OUA reconhece Frente Patriótica: único representante do povo do Zimbabwe. *Notícias*. 06 Jul. 1977.

A nossa tarefa actual é apoiar a luta do Zimbabwe. *Notícias*. 08 Mar. 1976.

Posição da RPM face à evolução da situação na África Austral com incidência no Zimbabwe: comunicação do Presidente Samora Machel. *Notícias* 16 Set. 1978.

Povo do Zimbabwe intensifica luta armada: resposta firme as manobras do inimigo. *Notícias*. 28 Out. 1978.

Quartel rodesiano destruído pelo ZIPA. *Notícias*. 29 Jan. 1978.

Reunimo-nos para encontrar os meios eficazes para liquidar o colonialismo no Zimbabwe e na Namíbia: afirmou o Presidente S. Machel na sessão de abertura da ONU que ontem se iniciou em Maputo. *Notícias*. 17 Mai. 1977.

Rodésia do Sul: a base Ruda pulverizada. *Notícias*. 29 Mai. 1977.

Rodésia produto nacional bruto baixou em sete por cento. *Notícias*. 28 Out. 1978. (especial)

Rodésia: guerrilha corta ligação vital. *Notícias*. 27 Out. 1978.

Rodésia: incêndio da gasolina entra no seu quarto dia. *Notícias*. 15 Dez. 1978.

Rodésia: objectivos estratégicos atacados às portas de Bulawayo (lei marcial abrange 90 por cento do país). *Notícias*. 14 Jan. 1979.

Rodésia: racistas encerram Estrada de ligação à África do Sul. *Notícias*. 20 Abr. 1976.

Rodésia: Umtáli, alvo ideal para os guerrilheiros. *Notícias*. 01 Dez. 1978.

SALVADOR, Joaquim. Do acordo interno a independência. *Notícias*. Suplemento especial. 18 Abr. 1980.

Sede de FRELIMO divulga orientações do Presidente S.M. Machel. *Notícias*. 13 Jul. 1976.

Sem Moçambique não teríamos a alegria que hoje sentimos: Presidente Nyerere, Moçambique ao Presidente Samora Machel. *Notícias*. 19 Abr. 1980..

Tratado de amizade e cooperação RPM-URSS. *Notícias*. 03 Abr. 1977.

XAVIER, Fernando. Luta armada para destruir economia de exportação. *Notícias*. 21 Ag. 1976.

Zâmbia: Rivalidades tribais causam funda cisão na ZAPU. *Notícias*. 25 Abr. 1970.

Zimbabwe: Desmantelar a teia. *Notícias*. 05 Set. 1976.

Zimbabwe: Governo de Ian Smith não sobreviverá à guerrilha. *Notícias*. 27 Mar. 1976.

Zimbabwe: guerrilheiros atacam aeroporto de Salisbúria. *Notícias*. 21 de Fev. 1979.

Zimbabwe: luta armada avança. *Notícias*. 03 Out. 1978.

Zimbabwe: patriotas combatem em quatro frentes. *Notícia*. 11 Jun. 1976.

Zimbabwe: ritmo da Guerra mais intenso do que nunca. *Notícias*. 29 Fev. 1976.

Teses

ABRAHAMSON, H., NILSSON, A. Moçambique em transição: um estudo da história do desenvolvimento durante o período 1974-1992. Suécia: Padrigu /CEEI-ISRI, 1998.

BORGES COELHO, J.P. *Protected villages and communal villages in the Mozambican province of Tete (1968-1982): a history of state resettlement policies, development and war*. 1993. 267 p. Submitted for the degree of Doctor of Philosophy, University of Bradford, 1993.

BUCUANE, A. Jaime. *O nacionalismo moçambicano, o surgimento e dissolução do UDENAMO (1930-1962)*. Maputo, 2000. Tese de licenciatura, UEM, 2000.

CABÁ, S.N. *A Guerra na provincial da Zambézia e o papel do Malawi, 1975-1988*. Maputo, 1977. 91 p. Dissertação para a obtenção do grau de Licenciatura em História. Universidade Eduardo Mondlane, 1977.

MACARINGUE, Paulino, *Para a história do surgimento dos exércitos nos actuais Estados africanos. Estudo de caso: a edificação das FAM-FPLM (1962-1977)*. Maputo, 1997. Dissertação de licenciatura em história. UEM/Faculdade de Letras, 1997.

MACUÁCUA, L.J. *O acordo de Nkomati: esforços pela paz e coexistência pacífica entre os estados da região austral de África (1975-1988)*. Maputo, 1983. Dissertação de licenciatura em história. UEM/Faculdade de Letras, 1998.

NEVES, Joel M das. *Economy, society and Labour migration in central Mozambique 1930-c.1965: a case study of Manica province*. PhD Thesis., School of Oriental and African Studies, Univesity of London 1998.

Electrónicas

http://www.trinstitute.org/ojper/1_4bayer.htm. Online Journal of Peace and conflict Resolution, consultada em 16/03/2004

<http://www.arkitectura.net/folha7/folha5.htm>. Internacionalismo hoje um fio de continuidade. Consultada em 19/07/2005

<http://www.arkitectura.net/folha7/folha4.htm>. Internacionalismo Crítico. Consultada em 19/07/2005

<http://www.adelmo.com.br/bibt/195-03.htm>. Voltando à crítica do "Socialismo Legalista". Consultada em 30 Julho 2005.

<http://www.stormfront.org/whitehistory/hwr56iv.htm> - consultada em 16.03.2004

" Geopolítica", *Enciclopédia® Microsoft® Encarta 99*. © 1993-1998 Microsoft Corporation.

"COMECOM" Euopress Family Encyclopedia - 1998. Published by Webster Publishing, 1998.

Livros e Artigos

AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos. *Guerra colonial*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

ANTUNES, José Freire. *A guerra de África. (1961-1974)*. Lisboa: Temas e Debates, 1996, vol. II.

BECKETT, Ian. *A Guerra no Mundo: Guerras e Guerrilhas desde 1945*. Lisboa: Editorial VERBO, 1983 (AHM, C-445).

BORGES COELHO, João Paulo, MACARINGUE, Paulino. Da paz negativa à paz positiva: uma perspectiva histórica sobre o papel das Forças Armadas Moçambicanas num contexto de segurança em transformação. *Estudos Moçambicanos*, 20, (2002).

BORGES COELHO, João Paulo. *O início da luta armada em Tete, 1968-1969: a primeira fase da guerra e a reacção colonial*. Maputo: AHM, 1989.

BRIDGLAND, Fred. *The war for Africa: twelve months that transformed a continent*. Gibraltar: Ashanti Publishing Limited, 1990.

CABRITA, João M. *Mozambique: the tortuous road to democracy*. New York: Palgrave, 2000.

CHAMBATI, Ariston M. National unity - ANC. In BANANA Canaan S. (ed.) *Turmoil and tenacity: Zimbabwe 1890 - 1990*. Harare: The College Press, 1989. p.156

CHRISTIE, Iain. *Samora: uma biografia*. Maputo: Ndjira, 1996

COELHO, J. P. B. Entrevista com Celestino de Sousa: a actividade da FRELIMO em Tete, 1964-1967. *Arquivo: Boletim do arquivo Histórico de Moçambique*. Out., 1991, n.º 10.

COELHO, J.P.B. Entrevista com a Associação dos Antigos Combatentes de Tete: uma conversa sobre a Luta de Libertação Nacional na Frente de Tete. *Arquivo/Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, Abril, 1993, n.º 13.

COLE, Barbara. *The Elite: the story of the Rhodesian special service*. Durban: The Three Knights, 1984.

DABENGWA, Dumiso. ZIPRA in the Zimbabwe war of National Liberation. In BHEBE, Ngwabi & RANGER, Terence. *Soldiers in Zimbabwe's liberation war*. London: James Currey, 1995.

DAVIES, R. O' MEARA, D. Total strategy in Southern Africa: an analysis of South African regional policy since 1978. *Journal of Southern African Studies*, 12 (1985)

DE BRAGANÇA, Aquino. *A questão rodesiana*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1978.

Departamento de História. *História de Moçambique I*. Departamento de História/UEM, 2000

EGERO, Bertil. *Mozambique and the Southern Africa struggle for liberation 1974-81*. Stockholm, 1983.

EGERO, Bertil. *Moçambique: os primeiros dez anos de construção da democracia*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1992. Estudos 8.

EGERO, Bertil. Mozambique and South Africa struggle for liberation, 1974-1981. Stockholm, 1983, p. 3 (paper)

EGERO, Bertil. Mozambique and escalation of the struggle in Southern Africa. Ottawa: Carleton University, 1978. No 4. p. ii, iii (cota CEA 57/4)

EGERO, Bertil. *Mozambique and the Southern Africa struggle for liberation 1974-81*. Stockholm: Institute of Developing Economies, 1983. p. 15. (Written for a research programme on Southern Africa, carried out by the Institute of Developing Economies, Tokyo) (CEA 57/PG)

Europress Family Encyclopedia - 1998. Webster Publishing, 1998.

FELGAS, Hélio. A importância político-militar dos Estados africanos nossos vizinhos. *Separata do Boletim de Informação* n.º 65 [s.l.], [s.n.], [ca. 1967].

FLOWER, Ken. *Serving secretly an intelligence chief on record: Rhodesia into Zimbabwe, 1964-1981*. Londres: John Murray, 1987.

GENTILI, Anna Maria. *O leão e o caçador: uma história da África sub-sahariana dos séculos XIX e XX*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1998.

GIBSON, Courtney. *Zimbabwe: a nation waiting*. Georgetown: Guyana National Lithographic, 1980.

GODFREY, F. A. A Guerra no mato. In THOMPSON, Robert. *A Guerra no Mundo: guerras e guerrilhas desde 1945*. Lisboa: Editorial Verbo, 1983.

GODWIN, Peter and HANCOCK, Ian. *Rhodesians never die: the impact of war and political change on white Rhodesia c.1970-1980*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

GRUNDY, K. W. The rise of the South African Security Establishment: an essay on the Changing locus of state power. Johannesburg: The South African Institute of International Affairs, 1983.

HAMANN, Hilton. *Days of the generals: the untold story of South Africa's apartheid-era military generals*. Cape Town: Zebra Press, 2001.

HANLON, Joseph. *Paz sem benefício: como o FMI bloqueia a reconstrução de Moçambique*. Maputo: CEA, 1997.

HEDGES, David e CHILUNDO, Arlindo. A contestação da situação colonial, 1945-1961. In HEDGES, David (org.) *História de Moçambique Vol 2. Moçambique no auge do Colonialismo, 1930-1961*. Maputo: Livraria Universitária UEM, 1999. p. 197-250

HEDGES, David. *Apontamento sobre as relações entre o Malawi e Moçambique, 1961-1987*, *Cadernos de História*, 6 (1987) 5-28 [versão revista 1997]

HENRIKSEN, T.H. *Revolution and counter-revolution: Mozambique's war of independence 1964-1974*. London: Green Wood Press, 1983.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: história breve do século XX 1914 -1991*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

LAN, David. *Guns & rain: guerrillas & spirit mediums in Zimbabwe*. London: James Currey, 1985.

LEGUM, Colin. Mozambique. Africa Contemporary Record: annual survey and documents 1976-77. p. B 297 (Cota CEA - 59/FG)

MACHEL, Samora. FRELIMO: o partido e as classes trabalhadoras na edificação da democracia popular. In Documentos do 3º Congresso da FRELIMO, 1977, Maputo. *Relatório do Comité Central ao 3º Congresso*. Maputo: Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO, 1977.

MAHARAJ, Mac. Determinantes internas da política externa de Pretória. *Estudos Moçambicanos*, 7, (1990).

MARTIN, David & JOHNSON, Phyllis. *The Chitepo assassination*. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1985.

MARTIN, David, & JOHNSON, Phillis. *The struggle for Zimbabwe: the chimurenga war*. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1981.

MELO, A et etal. *Colnialismo e lutas de libertação: 7 cadernos sobre a guerra colonial*. Porto: Afrontamento, 1978.

MIDDLEMAS, Keith. *Cabora Bassa: engineering in Southern Africa*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1975.

MIDDLEMAS, Keith. Independent Mozambique and its regional policy. In SEILER, John. *Southern Africa since de Portuguese coup*. Colorado: Westview Press, 1980.

MINTER, William. Apartheid's contras: an inquiry into the roots of war in Angola and Mozambique. Johannesburg: Witwatersrand University Press, Zed Books, 1994.

MINTER, William. *Os contra do apartheid: as raízes da guerra em Angola e Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1998.

MNANGAGWA, Emmerson D. The formation of the Front for the Liberation of Zimbabwe: FROLIZI. In BANANA, Canaan S. *Turmoil and tenacity: Zimbabwe 1890-1990*. Harare: The College Press, 1989.

MONDLANE, Eduardo. *Lutar por Moçambique*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1975.

MUNSLOW, Barry. *Mozambique Revolution and its origins*. London: Longman, 1983.

NILSSON, Anders. From pseudo-terrorists to pseudo-guerrillas: the MNR in Mozambique. *Review Of African Political Economy*, 1993, nº 57.

NZOMBE, Shephard. Negotiations with the British. In BANANA, Canaan S. *Turmoil and tenacity: Zimbabwe 1890-1990*. Harare: The College Press, 1989.

O'MEARA, Dan. *Forty lost years: the apartheid state and the politics of the National Party 1948 – 1994*. Johannesburg: Ohio University Press, 1996, p. 256-257

REID-DALY, Ron. *As told to Peter Stiff. Selous Scouts: top secret war*. Alberton, South Africa: Galago, 1982.

SHAMUYARIRA, Nathan M. An overview of the struggle for unity and independence. In BANANA, Canaan S. *Turmoil and tenacity: Zimbabwe 1890-1990*. Harare: The College Press, 1989.

SIMANGO, Uriah T. The liberation struggle in Mozambique. *The Communist*, 1968, nº 32.

SOARES, Mário. Seminário "as campanhas de África e a estratégia nacional": a descolonização e a solução do conflito nas ex-colónias portuguesas. In *Boletim do Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM) : formação, investigação, doutrina*, Fev, 1998.

STEVENS, Christopher. The Soviet role in Southern Africa. In SEILLER, John. *Southern Africa since de Portuguese coup*. Colorado: West view Press, 1980.

STIFF, Peter. *Silent War: South african recce operations 1969-1994*. Cape Town: Galago, 1999.

STIFF, Peter. *Taming the land mine*. Alberton: Galago, 1986.

THOMPSON, C.B. *Challenge to imperialism: the Frontline States in the Liberation of Zimbabwe*. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1985

TODD, Judith. White policy and politics 1890-1980. In BANANA, Canaan S. *Turmoil and tenacity: Zimbabwe 1890-1990*. Harare: The College Press, 1989.

TUNGAMIRAI Josiah. Recruitment to ZANLA: building up a war machine. In BHEBE, Ngwabi & RANGER, Terence. *Soldiers in Zimbabwe's liberation war*. London: James Currey, 1995.

URNOV, Andrei. *África do Sul contra África 1966 – 1986*. Moscovo: Edições Progresso, 1988.

UTETE, C. Munhamu Botsio. Zimbabwe and Southern "Détente". In SEILER, John. *Southern Africa since the Portuguese coup*. Colorado: Westview Press, 1980.

VICENTINO, Cláudio. *História geral: Idade Média, Moderna e contemporânea incluindo Pré-História, Grécia e Roma*. São-Paulo: Editora Scipione, 1991

VIEIRA, Sérgio. Vectores da política externa da Frente de Libertação de Moçambique 1962-1975: contribuição para o estudo da política externa da RPM. *Estudos Moçambicanos*, 7 (1980).

WEIMER, Bernhard. Mozambican foreign policy 1975 - 1981. [Bona?]: Stiftung Wssenschaft Und Politik (SWP) paper S 295 (sumary) 1982. p. 1-2. (Cota CEA 57/PG)

Anexo T 1 Mapa do Zimbabwe



Zimbabwe

- International boundary
- - - Province boundary
- ★ National capital
- ⊙ Province capital
- Railroad
- Road

The cities of Bulawayo and Harare have status equal to that of a province.

0 25 50 75 Kilometers
 0 25 50 75 Miles

Lambert Conformal Conic Projection, SP 16S/22S

Fonte: adaptado de www.maps.com

Anexo T 2 Mapa do Zimbabwe



Fonte: adaptado de www.maps.com
South Africa

Mozambique

Anexo A
OPERATION URIC - GAZA, MOZAMBIQUE

1-7 September 1979

A Reconstruction

By Alex Binda

Introduction

OP URIC is the controversial operation of The Rhodesian War. Though it resulted in over 300 enemy dead for the loss of 15 of their own (the highest of the war) the Rhodesians, with their very high operational standards, did not regard it as a success. There was bitterness too, as for the first time the Rhodesians were unable to recover the bodies of their fallen comrades; for the first time also the lightly armed Rhodesians were stopped in their tracks and forced to abandon their objective in the face of a more numerous and well dug in enemy, who, for a time at least, displayed a fighting tenacity not encountered before. Despite being armed with anti-aircraft guns and Strela (Soviet name for SAM-7 surface-to-air missile), the most effective enemy weapon proved to be the comparatively simple RPG-7 (a rocket fired from a hand held launcher) which, in the event, was responsible for all the Rhodesian fatalities.

The following reconstruction is based mostly on Richard Wood's B2 intercepts, sitreps, intreps and debrief notes which he passed on to David Heppenstall in 1992. Information on Uric is not exhaustive, apart from a few minutes of video tape. I have also consulted Barbara Cole's classic 'The Elite' pp 328-338 and Cowderoy and Nesbit's excellent 'War In The Air'. In his covering letter Richard suggests to readers of this article that "This is just an assembly of material" If any reader can explain more clearly what was happening at any particular stage please send your comments in.

Background and build-up.

At the end of 1978 some 11,000 Zanla were operating in Rhodesia and over half of these had been deployed through Mozambique's Gaza Province into the South East (OP Repulse) area of Rhodesia known as 'The Russian Front'. Of a further 15,000 who were in training a third were to be infiltrated through Gaza.

Reeling from the highly effective Selous Scouts raids and SAS-trained National Resistance (the M.N.R) Mozambique was military and economically in tatters. Samora Machel, Mozambique's volatile and excitable leader, dissatisfied with Zanla's progress, took matters into his own hands. Sitting down with his Frelimo Commander Sebastiao Mabote and Robert Mugabe, the trio came to a Political/ Military agreement whereby Zanla forces in Gaza were to be totally integrated and deployed with Frelimo troops into Rhodesia in a bid to end the War. To this end Machel would supplement Zanla with a thousand Frelimo then being trained by the Russians. From this, it may well be that, given the numbers involved, a Frelimo/Zanla invasion was contemplated with the object of giving Zanla an occupied area in S.E. Rhodesia. All forces, in consultation with Mugabe, were to be under Frelimo command and the whole was to be controlled from Mapai, the Frelimo 2 Brigade HQ and control centre for Zanla - a very heavily defended forward base 50 kilometers from the Rhodesian border. It is important to note here that Rhodesian COMOPS (Combined Operations HQ) was well aware that, in addition to air support, to try and take Mapai ordinarily would have required 2 infantry battalions conventionally supported by artillery and tanks.

Rhodesian Intelligence were first alerted to this build-up and the new situation in Gaza when a F.P.L.M. (Frelimo) soldier was captured near Kezi in Matabeleland; from this it transpired that over 200 F.P.L.M. were in Rhodesia which caused the Rhodesian political and military hierarchy to sit bolt upright because, apart from anything else the rail link to South Africa (Rutenga-Beitbridge) over which Rhodesia's fuel and ammunition traveled was now under threat. Accordingly, the Rhodesians in an attempt to take the fight into the enemy camp and thus take the pressure off the Repulse and Tangent (Matabeleland) op. areas devised operation Uric which had as its aim the complete destruction/disruption of the Frelimo/Zanla lines of communication as far back as the economically important

Aldeia De Barragem (Lit. village of the dam) 93 miles N.W. of Maputo and 200 miles from Rhodesia. At Barragem the road and rail bridges over the dam, along with its vital irrigation canal feeding a major agricultural complex which produced 80% of Mozambique's cash crop, were to be demolished along with 4 lesser bridges. Air strikes would be made on Barragem, Mapai and Maxaila in an effort to so demoralize the occupants that they would abandon their bases because with their road, rail and bridge links destroyed behind them and with communications, supplies and water cut off, the enemy, especially at Mapai, would be in a very vulnerable position. Once the defenders left the situation would be exploited by heli-borne Rhodesian troops who would take and destroy what was left of Mapai. Zanla and Frelimo operating from Gaza would be without a rear base and forced to revert to the Northern routes where they could be more easily contained.

Uric would be executed by 360 ground troops drawn from the Rhodesian SAS and RLI and engineers - arguably the finest troops of their day. The superbly manned Rhodesian Air Force would deploy every available aircraft - 8 hunters, 12 Dakotas, 6 Canberras, 6 Lynx and 28 helicopters - among these last were newly arrived Rhodesian AB 205 A Cheetahs (Hueys) along with a few South African-crewed Pumas and Super Frelons on loan to the air force. (Note: something not generally known is that the South African Air Force allowed some of its aircrews to complete a tour of duty with the Rhodesians - a number of these brave men died fighting for Rhodesia with whose cause they had identified.) The OP Uric area was close to the South African border and the South Africans were of course interested. In fact OP Uric had the largest single South African involvement of the Rhodesian war.

Aerial surveillance was to be provided by a remarkable aircraft - a Dakota named Warthog, so called because it bristled with antennae and radomes. This aircraft was fitted out with monitoring equipment mounted on a large board clipped to the fuselage. This provided UHF, VHF and HF coverage with F.M. and A.M., along with a sensor system capable of picking up any radar station/system which the enemy might use to guide missiles, and the ability to identify enemy surveillance radar. Teleprinters were on board with the remarkable facility of encrypting messages typed in clear automatically and immediately. Warthog carried an intelligence officer and four signallers all skilled in

identifying the 'handwriting' of operators in Zambia and Mozambique. Unarmed and confined to intelligence-gathering the Warthog was vital to cross-border operations. Richard Wood's B2 notes are littered with Warthog intercepts.

Also taking part would be the Command Dak, a converted Dakota carrying the Commander of Combined Operations, General Walls, and Air Commodore Norman Walsh, Rhodesian Air Force Director-General of Operations. The commanders would orbit the operational area at a distance and would control both ground forces and aircraft using a Lynx for liaison. Politically, a successful operation would hopefully force Zanu to the negotiating table at the conference being set up at Lancaster House. Furthermore international outcry at the raid would not be as strident as before because, now in its Zimbabwe - Rhodesia transition, the country had a black Prime Minister and President.

D-Day was scheduled for 0700 hrs, Sunday, 2nd September 1979. 200 troops had been placed in an admin box 160 kilometres inside Mozambique East-South-East of Chigubo (see map). This was known as admin base Oscar Bravo (O.B.). The helicopters were at Chipinda Pools airstrip which was also an army base in Rhodesia. This was to be admin base Oscar Alpha (O.A.). Due to guti (a Rhodesian weather peculiarity in the form of soft rain which, as it descends, resembles heavy mist) the operation was postponed for 3 tense days to Wednesday 5th September 1979.

This, then is the background to Uric, what follows is the operation itself, including the intercepts which gives us an idea of the enemy reaction reports.

1 September 1979 (D-Day -4) At 1200 the Frelimo operator at Maxaila reported helicopter movements in his area and requested reinforcements. In reply, Mapai (the controlling centre) ordered Maxaila to search the area and troops from Chigubo were also ordered to investigate the area of the enemy noise. From these intercepts the Rhodesians were aware that the enemy at Maxaila had picked up the transit movement of aircraft to the admin box. Although ready to react, the base was not compromised.

2 September 1979 (D-Day -3) The RLI minelaying teams began their tasks. Air movement from Rhodesia to the admin box consisted of transportation of water, rations, food, ammunition and fuel. 4 vehicles were seen heading for Maxaila. The most significant event of the day was electronic jamming experienced on H.F. and the command and control net at about 17.30 hrs.

3 September 1979 (D- Day -2) In an intercept Maxaila informed Mapai that the reinforcements had arrived (the Rhodesians understood this to refer to the 4 vehicles observed on the previous day) and that once again helicopter movement was observed in the direction of Chipimbi. The enemy at Pafuri had reported air movement in the Rio Wenezi area. During the morning an RLI mine laying team in a helicopter from Mabalauta forward base was fired on by a Pafuri detachment near Salane. An air strike by Lynx was requested and the 'Pafurians' were silenced. The Rhodesian mine planting efforts appeared to be bearing results as the enemy reported an explosion on the Maxaila/Domasse road in the Mapungane area. At 1615 hrs the following joint intrep was received from Warthog/Eland:

Height finder on freq 2608 hAHZ identified on 5 fixes as being 2ks west of Mapai or immediate area. Also a radar operating on 9377 MHZ PAF 398, P/width 2 dec 4. This is in low blow SAM 3 missile radar over flying Mozambique because of changing bearings on signals. Low range radar lost contact with us 40kms west of Buffalo Range F1 10 and ~~we finally lost signal overhead Fort Vic. No flat face radar on 855 dec 5 from Mapai~~ picked up.

With their vulnerable aircraft at stake, news of radar at Malvernia and possibly Mapai caused a few furrowed brows among the airmen. All mining tasks were completed by nightfall, and it still appeared that admin base Oscar Bravo was uncompromised as, clearly confused and unaware of the enemy's intentions, Mapai ordered all stations to be on the alert and ready to react.

By now meteorological indications were that by Wednesday (5th) the weather would clear. If so that day was to be D-Day. With this in mind the revised attack plans would be as follows: First, 4 hunters would golf-bomb Barragem (N.B. golf bombs were a Rhodesian invention with the appearance of a gas cylinder one and a half meters high and weighing 460 kilos; this percussion bomb contained amatol which was detonated by a tube one meter long at the nose of the cylinder which struck the ground first. On detonation the casing burst into over 80,000 fragments lethal at 60 meters with an accompanying stun effect for a further 60. A Hunter could carry 2 golf bombs. There was also a mini golf bomb of 80 kilos for light aircraft such as Lynx). A top cover of 2 Hunters and 2 Lynx would be overhead minutes later while the helicopters (12 Pumas

and 6 Cheetahs) deployed the demolition teams. At this time also, 2 Dakotas with troops would be in reserve. Hopefully all tasks would be completed by 15.30 hrs and all troops back by 17.00 hrs.

The following day would be devoted to the destruction of Mapai - 6 Hunters would golf bomb the target at 0630 hrs followed by 6 Canberra with 1000/500 bombs. At the same time 2 Hunters and 2 Lynx, both armed, would maintain air reconnaissance in the target area to cause maximum disruption/harassment. 3 hours later the hunters, re-fuelled and re-armed, would re-strike the target. By now the defenders' nerve would be broken and they would begin to abandon the base and scatter. In this expectation the Rhodesians were to set up a ring of ambushes on all access routes around the base in the hope that the fleeing enemy would run into them, thereby achieving a good kill rate. For this, 192 ground troops (SAS and RLI) would be deployed in 12 Pumas and 6 Cheetahs. With the benefit of hindsight, had this plan been retained this is exactly what would have happened. However, the decision to change the ambushing force into an attacking force was made later, for a number of different reasons, and, without plunging pen into dispute, I must record here that it is around this decision that controversy over Uric is centered.

4 September 1979 (D-Day - 1) Admin Box Oscar Bravo continued to be supplied by para drops. The RLI mine laying teams were again deployed on the crossroads area (Chigumane/Chigubo) and on the Southern power lines, as air recce indicated that these areas were possibly used by vehicles. An intercept from Barragem reported a faulty SAM 7 missile at Chibuto followed by a request for a replacement; as this was near the bridge targets, all Rhodesian air crews were alerted and briefed. Mapai ordered the commander at Mabalane to load 21 trucks and to search for and be ready to attack the enemy. Obviously not trying too hard, this special group later reported lack of success along with a request for fuel and food - by now it was obvious to the planners that the enemy was searching for the Rhodesians.

5 September 1979 (D-Day) Blowing the Bridges. The day dawned clear, the cloud base having lifted. Uric was on. At Oscar Alpha the air was filled with suppressed excitement, along with the familiar low pitched whine of the helicopters as the air crews checked their machines in preparation to uplift the demolition teams from the admin box. At that precise time, heading for the well-camouflaged admin box, unfortunately for them, was a

platoon of 25 F.P.L.M. whose commander (it later transpired) had been doing his best to avoid the Rhodesians. Fate, however, marched him straight on to the position from where a suitably deployed RLI call sign under Major Pete Farndell had been watching them for some time. As the doomed men approached the killing ground, SAS major Paul Simmonds quickly radiod base (O.A.) to hold back the choppers. Then, with deadly Rhodesian accuracy the call sign opened fire and, in what must have been an incredibly brief and bloody firefight, and in which the totally surprised F.P.L.M. never stood a chance, 23 were killed outright and one wounded and captured - one however, miraculously escaped to raise the alarm. Major Farndell, the only Rhodesian casualty, was wounded in the leg and casevaced.

Though this unexpected contact delayed the uplift of the demolitions teams the air strike on Barragem was dead on time. Shrieking in, the 4 hunters heading the attack struck the enemy defensive positions with direct hits on weapons, buildings (2 barrack blocks) and all transport, in the face of an intense enemy anti-aircraft barrage. 2 Lynxes then arrived over the target and began to direct the 48 SAS troops who had been dropped off a kilometre from Barragem, their helicopters heading back to a safer holding area. Rapidly the SAS then began to fight forward through the enemy defenses and in the face of heavy machine gun fire; luckily they managed to capture two 23 mm A.A. guns and turned one on the enemy on both sides of the river and began quelling pockets of enemy resistance. During the initial fight through, one SAS man sustained a leg wound and a casevac was requested. In the heat of battle the incoming chopper, a Huey, piloted by Fl.Lt. Dick Paxton was misdirected and found itself hovering above a Frelimo position. Suddenly aware of the error Paxton pulled away but it was too late. There was a whoosh and an explosion above his head as an RPG7 rocket struck and severed the main rotor below the blades and with a sickening lurch the chopper fell to earth in a cloud of dust, killing the technician Alexander Wesson on impact. With a broken arm, the stunned Paxton was trapped in the cabin as the Huey now erupted into flames. Seeing this, SAS sergeant 'Flash' Smyth immediately raced up and pulled Paxton out, thereby saving his life. Smyth never received official recognition for the heroic act.

On the Barragem bridges 20 Kg charges were being set up and placed in position, a task that took 5 hours. During that time a call sign under Joey du Ploy had a good time taking

the town itself, shooting up vehicles, blowing up 2 power stations and making the interesting capture of a Bulgarian water engineer from Sofia who expressed extreme displeasure at being caught! At the other 4 targets, the demolitions teams, unopposed, completed their tasks and destroyed their bridges by 16.30 hrs. As these went up the reliable Warthog now gave the following disturbing intrep:

At 1627 radar on Freq 2618 MHZ (height finder) identified a D/F position indicated between Mapai and Malvernia. It is now locked on us. Our position 55ks west of Mapai. This could be the one we found on 3 September but Freqs apart.

With radar at Mapai the next day's actions would have to be carefully coordinated.

Meanwhile at Mapai bad news was pouring in from all sides and one can only guess at the chaos in the enemy communications centre. Consternation first began when Mabalane reported two jets over their location flying North South then Vice Versa. Minutes later the operator at Xai-Xai informed Mapai that the enemy was attacking Chibuto by the bridge on the road to Canicado and had burnt out a truck. The bridge was also reported destroyed. (The Gaza brigade commander was in Xai-Xai at this time. One wonders how this individual managed to absent himself from his HQ at Mapai at such a vital time and place himself as far away from conflict as possible. Many Rhodesians will remember Xai-Xai as a very picturesque coastal resort.) Referring to the Mazimuchape demolitions team, Moamba reported that the area was still being overflowed and that the enemy was spread out in the zone 40 ks from Magude. Mapai then ordered Mabalane to deploy a company/section against the enemy in the Chihibuto area then, surely confused, it ordered Barragem to assist Chibuto though how this could be done was baffling as at about this time the garrison at Barragem was fighting for its life!

Once Barragem was taken the charges were set and Rhodesia's foremost demolition expert Captain Charlie Small blew the bridge - both Du Ploy and Small were tragically killed on the following day. In the fast fading light the demolition team was uplifted before being able to ascertain the damage. In the event, while the rail line was cut, 2 spans having gone down and a sluice gate damaged, the road bridge itself, with 2 spans sagging, was not completely destroyed and light vehicles were able to use it. This was not the fault of the demolition team as it was later revealed that the builders of the bridge had, at the time of construction, doubled the amount of building mix on this section. By 18.00

hrs all demolition teams were back at the admin base, not dissatisfied with the days work, though subdued by the death of Alexander Wesson. The Air Force was of course concerned about the next day's ops with regard to the enemy radar.

At 20.00 hrs the survivors at Barragem sent a formal message to the Bde commander at Xai-Xai informing him of the attack and that the bridge was destroyed. Unable to cope, they requested reinforcements. Minutes later they contacted Maputo with the same story and asked for infantry and A.A. guns. At about 20.50 hrs they gave out that they had suffered 6 dead and a number of undisclosed wounded. They also reported shooting down a helicopter and killing two of the enemy. Two hours earlier Maxaila reported bombing by 4 Rhodesian jets and requested medical supplies for 4 casualties. At about this time Pafuri came on the air informing all stations that the enemy had mined the road and that seven mines had been discovered.

6 September 1979 (D-Day +1) - The fight at Mapai. Despite the previous day's lesson at Barragem the defenders at Mapai were, unbelievably, caught completely by surprise when the hunters hit at 06.35. Many were on muster, others were eating or washing. 22 were killed outright and 32 wounded. The strike demolished the communications and command centre and blew up a small armoury. Racing up to their defensive positions the enemy were ready when the jets struck again, destroying the main fuel dump and, thankfully, the main radar station along with an A.A. gun position. In return they were welcomed by intense ground fire from a ring of some 20 medium-calibre A.A. guns but got away unscathed. The destruction of the radar station was of immediate relief to the airmen who were now maintaining air surveillance over Mapai which is in an area of Mozambique where, apart from the odd isolated Kopie, the ground is almost flat, with thick Jesse Bush. With the temperature in the nineties the helicopter-borne troops were on their way to the target area. From now on bad luck dogged the operations.

En route one Huey was forced to put down in a pan due to severe engine vibrations. The remainder, continuing on to Mapai, suddenly overflew a big enemy camp spread over a large area, and one of the Pumas, Hotel Four, was hit by an RPG-7 as it headed for its dropping zone. The result was the worst single disaster of the Rhodesian war. The rocket struck the aircraft behind the pilot's seat and exploded, killing all 14 people aboard. Forced into a downward spin the helicopter hit the ground and burst into flames. Army

call signs dispatched to the crash site found the aircraft totally destroyed, the largest pieces being the turbines; they also found the 14 bodies of their comrades and arranged for their recovery when safe to do so after the taking of Mapai. Sadly this proved impossible.

The troops were put down on their planned LZs with the choppers returning immediately to admin base to refuel. The nine Russian advisors in Mapai whose unoccupied bunker had been demolished by the Hunter strike now took the opportunity to take the proverbial gap as it was no part of their brief to get involved in any fighting. The ground forces now moving on Mapai were making slow progress due to mortar and A.A. fire. 4 Hunters then put in a strike on 3 A.A. gun positions and appeared to score hits, but A.A. fire was now coming up all round the area.

Advancing on Mapai, the Rhodesians began to notice a trench complex with shelters and cooking positions. Crossing the road before the complex they shook out into extended line for the assault. As they went into a sandal wood, 'A' Sqn walked past a FPLM in a tree platform acting as early warning. A member of 'B' Sqn made no such error and shot him out of the tree. As he toppled down it was noticed that everything he wore was brand new, even down to his pistol and binoculars. It was the first of a few such devices. Through the sandal wood the troops now came up against 2 kilometers of Russian-designed interconnecting zig-zag trenches. Call sign 11 noticed heads bobbing up and down along the trench line and movement from left to right. Heavy firing now broke out and the contact started.

The surprised Rhodesians now found that, contrary to all plans and expectations, the enemy had not evacuated the base and fled as anticipated. Instead they were here and, from a very good defensive position, were offering battle as never before. Even the hardened veterans amongst the troops admitted later that they had never been under such intense fire from small arms, mortars and recoilless rifles. Having previously set the grass alight 30 FPLM now had call signs 14, 13, 19 and 11 pinned down along with 'A' Sqn's mortars. 'A' Sqn itself was being engaged by two machine guns and were pinned down for 5 to 10 minutes. Then, moving away, the enemy occupied a large trench system on the Rhodesian left flank. 'A' Sqn's mortars, now free, began to fire their 60mm's, mortaring the enemy position as call sign 14 was still pinned down. This merely drew

more fire. Indicating the enemy position by 60mm smoke bomb the Rhodesians called in a Hunter strike. Using their 30mm cannon the Hunters duly 'Stoncked' the FPLM position, drawing a terrific amount of A.A. fire from at least 6 to 8 gun positions. The strike had no effect.

The local commander of Mapai, using a mobile means, was speaking urgently with Maputo and his Bde commander at Xai-Xai:

General, chief of staff ground forces, and all command commanders. From 06.30 hrs until now there is combat at Bde HQ both by air and airborne troops. There are dead and wounded. Up till now the same situation continues. The same as in Chocue and Aldeia de Barragem.

In the orbiting command Dak a no less anxious General Walls was assessing the unexpected turn of events following on the tragic loss of 17 of his very fine troops and an irreplaceable helicopter.

On the ground, his lightly armed men now began the dirty and deadly business of trench clearing. Call sign 11 moved into the trench line to the immediate front of the sweep line, while 'C' Sqn occupied the left side. 2 members of 'A' Sqn already in the trench could see 7 FPLM firing at them from across a zig-zag line of trenches; when they returned fire the enemy moved away in the Northward direction where they were seen by call sign 19. The 2 'A' Sqn men now heard A A fire to their front while 3 other members of the Sqn moved along the trench line, observing and firing as they went along. This sort of fighting was being experienced by all the attackers and contacts now began to occur at point blank range. Clearing some 200 meters of zig-zag to the front the troops saw firing positions which had all been used, judging by the blankets, boots, clothing, water bottles and empty magazines lying about. They also saw 2 cooking positions and an O P.

A very alarming development now occurred! The troops, having cleared an area, would suddenly find the enemy popping up behind them due to the intricate criss-cross pattern of the trenches. This caused the attack to falter and come to a virtual standstill as the troops were now having to contend with enemy to the front and rear. In the exhausting heat the SAS, faces caked with filth and pouring sweat called out to the FPLM to surrender, but in reply were sworn at in Portuguese. Then, hearing voices to the North they made ready to attack. 3 FPLM now crept up on call sign 11 and showed themselves,

then ducked down only to pop up again complete with RPG 7 with which they rocketed the call sign, but fortunately missed.

As this was going on General Walls was coming to a swift and unenviable decision. Though outnumbered his troops outmatched the enemy and he knew they could take Mapai through sheer infantry skill and fighting spirit. What he was not prepared to accept were the inevitable casualties victory would cost. Accordingly he gave the order for the troops to withdraw back to the LZs for uplift back to base. In a Lynx above the battle, directing the troops, was Lt Dave Padbury, who relayed the general's orders with mixed feelings.

Richard Wood's B2 file P16 - In an interview on 18 February 1988, Padbury told Wood: The reason for the pull-out was that it was getting late and the troops on the ground did not want to stay through the night if the position was not taken. There was, he says, acute sensitivity to the amount of recent casualties and Comops did not want to damage public morale. That day the Puma Hotel 4 had been shot down and there was no desire to lose men unnecessarily. General Walls in the command dak took the decision against the feelings of Padbury who was in a Lynx above the battle and taking 'on the spot' decisions. Padbury was right, as it turned out, because a high level Canberra attack, using the resources allocated for target 19, broke the FPLM nerve. A defector from Malvernia a few weeks later would reveal that the FPLM in the trench network were prepared to stay and fight it out until the Canberra airstrike. They pulled out en masse from the trenches and ran to a pre-arranged R.V. on the railway line and did not return until 2 days later.

The troops now pulled out of Mapai and began a weary walk through the thick bush back to the LZs some eight kilometres North West of Mapai, and although there was no F.P.L.M. patrolling activity the helicopters, having uplifted all the call signs and speeding back to base at tree-top level, were, to their horror, met by a hail of harrowing fire from an FPLM reception committee awaiting them with RPG7, small arms and 23mm and 12.7mm machine guns as they burst into the open over the Maxaila Road. Only their speed saved them. Meanwhile the remains of the wrecked helicopter was golf-bombed in a vain effort to destroy any S.A. Markings.

Six Canberras, at high bombing level (over 20,000ft), dropped the final bomb load on Mapai, turned about and headed for base, totally unaware that they were the 'final straw' that broke the enemy at Mapai.

With the withdrawal from Mapai and the compromise of the admin box OP URIC was terminated.

Evaluation Note.

OP URIC along with OP miracle at Chimoio (28 Sept - 1 Oct 1979) were the last large external operations of the war. In both of these the Rhodesians underestimated the enemy. Although never put to the final test, it was becoming obvious that the under-equipped Rhodesians with their obsolete weapons and aircraft would eventually become technologically inferior to the enemy. For example, there is no doubt that if Tanzania had scrambled its Mig fighter bombers and joined in the fight the Rhodesian air force would have come unstuck without South African help. Not only were Rhodesian aircraft outdated, there was also not enough of them - after an air strike the hunters required a turn-about of over 3 hours to return to base to refuel and rearm before a restrike. During this time the ground troops would be hard-pressed. The Canberras, bought in 1958, were positively prehistoric and well past their safe flying date. In fact, for fear of metal fatigue, they went at no more than 270 knots. In his autobiography, Moshe Dayan makes this point very well. Israeli circumstances were not unlike those of Rhodesia - a small country with a small, efficient Army and Air force surrounded by more numerous and hostile neighbours:

... we had never imagined that we could ever match the size of the arsenals possessed by the Arab states. But we believed we could bridge the gap by the superior fighting capacity of our troops, so long as we could match the quality of their weapons. In modern warfare, however, the elements of range, speed and fire power in technologically advanced aircraft, naval vessels and armour can be so superior that inferior weapons are simply unable to stand up to them. For every rise in standards of an enemy's arms, there must be a minimum means of reply. Without it no amount of courage can get the better of objective technical superiority. A brilliant pilot in a propeller aircraft has no chance against mediocrity in a jet...

By any analysis the Rhodesian performance during URIC was nothing short of heroic. Here, some 400 men, deep in hostile enemy territory and under-armed, 'knocked hell' out of the enemy economically (Barragem) and militarily (Mapai etc) and in the process killed over 25 of the enemy for each one of their own who fell. Politically it was also a success because Samora Machel had taken enough and, grabbing Robert Mugabe in a political arm lock, he steered the unwilling and protesting Zanu leader to the conference table at Lancaster House.

Fonte: <http://home.wanadoo.nl/rhodesia/uric1.htm> : 21 de Julho 2005

Operação Uric 5 – 8 de Setembro de 1979, foi uma decisão política do governo de Smith para atacar onde fosse necessário desde que esse país oferecesse ajuda aos zimbabweanos com o objectivo de destruir objectos económicos. A movimentação dos homens de ZANLA na província de Gaza atingiu uma dimensão que já não era tolerável ao regime de Smith. Destruir as suas linhas de comunicação era vital. Dos 10 800 homens do ZANLA, operando no interior da Rodésia 50% entravam a partir desta província, com o apoio da Segunda Brigada estacionada em Mapai.

Deste modo, destruir a Brigada das FPLM estacionada em Mapai e forçar as FPLM a abandonar as áreas junto da Fronteira e empurra-las até a margem baixa da barragem, de maneira a tornar a infiltração difícil sem possibilidades de obter água era um dos objectivos desta operação. A operação envolveu 360 militares rodesianos da SAS, apoiados pela força aérea e helicópteros de combate.

Foi uma operação destinada a ser umas das maiores no interior de Moçambique em perseguição dos homens de ZANLA e ZAPU, considerando que os nacionalistas usavam os países vizinhos para atacar Rodésia, por isso se achava no direito de destruir as pontes desses países para evitar o transporte da logística inimiga Cole¹.

¹ COLE, Barbara. *The Elite: the story of the rhodesian special service*. Durban: The Three Knights, 1984. p. 327-338

Anexos a Tese de Licenciatura (B)

Lista das acções das forças rodesianas em território Moçambicano desde a independência ao encerramento da fronteira.

Província	Local de Acção	Tipo de agressão	Data	Comentário
Tete	Geno zona de Luía	rapto	27/08/1975	Tropas rodesianas raptam um elemento da população.
Tete	Mesmo local	Rapto e assassinio	30/08/1975	Tropas rodesianas raptam dois camponeses e assassinam um outro
Tete	Luía-Mucumbura	Emboscada	01/09/1975	Tropas rodesianas emboscam uma patrulha das FPLM que patrulhava a zona de Luía a Mocumbura, tendo ferido 3 soldados
Tete	Luía	Mina	20/01/1976	Patrulha das FPLM deflagra uma mina plantada pelas tropas rodesiana. Um soldado perdeu uma perna.
Tete	Luía	Infiltração e violação de espaço aéreo;	20/01/1976	Duas viaturas com tropas rodesianas infiltram-se em território moçambicano, apoiados por dois helicópteros e dois aviões de reconhecimento
Tete	Mocumbura, Chioco, Changara	Violação de espaço aéreo	17/02/1976	Nota-se a partir desta data violação sistemática do espaço aéreo moçambicano
Gaza	Pafúri e Mavué	Ataque aéreo	24/02/1976	Tropas rodesianas desencadeiam um ataque aéreo em larga escala contra o território moçambicano, bombardeando Pafúri e Mavué, com aviões a jacto, helicópteros em apoio as foças de infantaria e artilharia.

Fonte: Hoje de novo a FRELIMO chama o povo para defender a pátria atacada: Presidente da República em comunicação ao país. *Jornal notícias*. 04 Mar. 1976.p. 1

Anexo C

Gráfico de Negociações para auto determinação do Zimbabwe

Conferência	Data	Participantes	Motivos	Resultado das negociações
Victória Falls	Agosto de 1975	Vorster-Smith Kaunda ANC Unificado (ZANU, ZAPU, Frolizi, ANC)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Independência das colônias Portuguesas 2. Smith liberta líderes do Movimento Nacionalista zimbabweano 3. Promessa Sul-Africana de retirada das suas tropas da Rodésia 4. Cessar fogo pelos guerrilheiros 	<p>FRACASSO sobre os seguintes assuntos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Período de transição para o governo de maioria 2. Autoridade do governo de transição
Genebra	Outubro-Dezembro de 1976	Grã-Bretanha Smith Frente-Patriótica (ZANU/ZAPU) ANC (Muzorewa) Sithole (Reclamando representar ZANU)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Derrotas sucessivas da África do Sul em Angola, que por consequência contribuem para 2. Intensificação da guerra pelos guerrilheiros da ZIPA (ZANU/ZAPU) 3. Iniciativas diplomáticas de Kissinger 	<p>FRACASSO sobre falta de entendimento quanto a Composição e autoridade do governo interino:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Papel do Comissário Residente Britânico para transição 2. Seleção de Conselho de Ministros 3. Composição de forças de segurança para transição

Continuação do anexo C

Conferência	Data	Participantes	Motivos	Resultado das negociações
Malta I Malta II (Local: Dar-es- Salaam)	Fevereiro de 1978 Abril de 1979	Grã-Bretanha-EUA Países da Linha da Frente Frente Patriótica	Intensificação da guerra de guerrilha depois da libertação dos líderes da ZANU pela Zâmbia (1976) e depois da crise ZANU/ZAPU (ZIPA)	FRACASSO – Quanto as propostas Anglo- Americanas de trazer Smith a mesa das conversações, mesmo depois das concessões feitas pela Frente Patriótica quanto ao: 1. Comissário Residente Britânico com Conselho Administrativo 2. ONU para supervisionar eleições 3. Funcionários britânicos para postos seniores durante a transição 4. Amnistia limitada para líderes Rodesianos
Lancaster House (Londres)	Setembro- Dezembro de 1979	Grã-Bretanha Muzorewa –Smith (Sithole) Frente Patriótica	1. Formação de Zimbabwe- Rodésia 2. Mais sucessos dos guerrilheiros na guerra de guerrilha. 3. Conservadores ganham eleições na Inglaterra com ameaça para reconhecer " Zimbabwe Rodésia " 4. Conferência da Comunidade da Commonwealt h na Inglaterra faz pressão para convocação de uma conferência chamar conferência	SUCESSOS – Houve acordo quanto a: 1. Duração do período de transição, tamanho da força de observação, data das eleição. 2. Número de locais de concentração dos guerrilheiros 3. Forças armadas atribuídas estatuto igual para o período de transição. 4. Minoria branca superada na representação em parlamento. 5. Compensação para terra e pensões garantidas.

Fonte: Thompson, 1985: 29

Anexo D

Objectivos atacados em território moçambicano pelas forças rodesianas como bases do Movimento de Libertação do Zimbabwe

- **Chigamane** atacado em Maio de 1976;
- **Chicualacuala** como posto de observação e **Mapai** como base de trânsito em Junho de 1976;
- **Jorge do Limpopo e Massangena** em Outubro e Novembro 1976¹;

A base Jorge do Limpopo localizava-se próximo da linha férrea e dominava as rotas que convergiam em sua direcção. A base foi criada depois do ataque feito a Mapai em Junho de 1976. Apesar de ter sido mudada continuava a chamar-se Mapai².

A infiltração dos nacionalistas a Sudeste da Rodésia ameaçava as linhas de comunicação rodesiana com a África do Sul. Os ataques a estas bases eram mais para dificultar ou impedir a sabotagem destas linhas. Estrategicamente visavam forçar os guerrilheiros a infiltrar-se pela zona montanhosa do distrito oriental. Onde o terreno é completamente diferente do de Sudoeste. O primeiro permitia bons postos de observação para as forças rodesianas e bem como excelentes oportunidades de emboscar as forças de guerrilha zimbabweana³.

Xai-Xai embora não tenha sofrido nenhum ataque das forças racistas era tido como local que albergava grandes contingentes da ZANLA provenientes da Tanzania por meio de navios⁴.

- **Mapai** foi atacado como parte dos ataques massivos da ofensiva rodesiana lançada entre **28 de Maio de 1977 e 3 de Junho de 1977** contra as províncias de Tete e Gaza. No ataque contra Mapai, fontes rodesianas informaram terem morto 32 guerrilheiros, 4 campos de guerrilha destruídas, e grande quantidade de armamento e víveres capturados⁵.

¹ Reid-Daly, 1982: 296, 304 e 422

² Reid-Daly, 1982: 423

³ Reid-Daly, 1982: 424

⁴ Reid-Daly, 1982: 421

⁵ Gerry, 1979: 5

No dia 31 de Outubro e 02 de Novembro de 1976 as forças rodesianas atacaram massivamente as províncias de Gaza e Tete, naquilo que chamaram de direito de perseguição a 1700 guerrilheiros ao longo da fronteira. Referiram ter destruído 50 toneladas de armamento. O ataque foi realizado no sentido de coincidir com a conferência de Genebra sobre o futuro do Zimbabwe⁶.

Os ataques contras Tete e Gaza resultaram em 26 mortes, destruição elevada de meios materiais. A força aérea de Smith usou neste ataque bombas de napalm, bombas de fragmentação de 500 kg, tendo como elemento novo o uso de aviões a jacto mirage de fabrico. Os ataques foram programados para coincidirem com as discussões das propostas anglo-americanas para o Zimbabwe, com o objectivo de destruir simultaneamente infra-estruturas fronteiriças e de comunicação, fortificar a posição do regime de Smith nas futuras as conversações. Estes actos de agressão contra Moçambique levaram o presidente Machel solicitar o reunião de conselho de segurança das ONU, afim de discutir o aumento da escalada das agressões armadas rodesianas contra Moçambique⁷

Frente de Manica para o mesmo período salienta-se:

- **Nhazónia**, atacada na noite de 8 de Agosto de 1976 pelas tropas rodesianas. Era chamado pelo governo moçambicano de campo de refugiados de Nhazónia⁸ e base de guerrilha pelo governo ilegal de Ian Smith. O Campo localizava-se a 40 quilómetros da fronteira rodesiana e a 75 quilómetros a nordeste de Chimoio na Província de Manica⁹. Precisamente a 14 kms de um dos braços tributários do rio Púngué, de que tira o nome rio Nhazónia. A base englobava uma grande área pejada de casas de palhotas de Capim de forma circular¹⁰. No ataque foram mortas mais de 800 pessoas. A motivação rodesiana para esta operação

⁶ Gerry, 1979: 4

⁷ Gerry, 1979: 5

⁸ Maputo, Estdo Maior General (EMG). Relatório sobre a invasão inimiga em Manica. 14 Ag. 1976. p. 2.

⁹ Gerry, 1979: 4

¹⁰ Reid-Daly, 1982: 321 e 322

foi o facto de que o campo não albergava refugiados mas sim funcionava como um comando das operações de guerrilha zimbabweana¹¹

Os serviços de informação rodesiana, consideravam Nhazónia uma grande base da ZANLA em Moçambique. Estimavam que albergava cerca de 1000 homens¹². Era uma das principais bases de infiltração logística no distrito oriental, da área operacional Thrasher. Tinha como principal infra-estrutura um hospital para tratamento de feridos em combate dentro da Rodésia¹³

A sua importância residia não só no facto de ser uma base de formação militar, mas também na sua posição de Comando central de operações e de centro logístico de todos os homens de ZANLA operando no sector operacional Thrasher¹⁴.

- Vandúzi ou Chimoio, foi uma das grandes bases operacionais da ZANLA dirigida por Rex Nhongo e Josiah Tongogara. Foi a partir de Chimoio que Mugabe reiniciou a guerra. Era a partir de Chimoio que recrutas treinados na China, Etiópia, Tanzania, partiam para acções de guerrilha no interior da Rodésia. Numa área de cinco km em Chimoio, existiram campos satélites especializados em varias acções de guerrilha para além de um centro de destacamento militar feminino, posicionado num centro populacional.¹⁵

As forças racistas nos seus ataques de perseguição aos nacionalistas zimbabweanos, neste período, para além Frente de Gaza e Manica atacaram igualmente, a Frente de Tete, designadamente:

- Caponda em Abril e Maio de 1976. Caponda era também considerada uma base de transito. As FPLM haviam posicionado pontos estratégicos perto da fronteira para a distribuição de armamento, antes de qualquer incursão ter lugar no interior da Rodésia, no caso de Caponda vinha de Magué ou de Mucumbura. A medida visava evitar que homens da ZANLA

¹¹ Gerry, 1979: 5

¹² Entretanto o jornal notícias do dia 14 de Agosto de 1976 sublinhava que “o campo acolhia dez mil refugiados zimbabweanos”. Veja No campo de refugiados de Nhazónia: centenas de zimbabweanos indefesos massacrados pela tropa de Smith. *Notícias*. 14 Març. 1976. p. 5

¹³ Reid-Daly, 1982: 322 e 323

¹⁴ Reid-Daly, 1982: 326

¹⁵ Cole, 1984: 71

andassem pelo território moçambicano sempre armados. Por isso as FPLM haviam estabelecido que quando estão em transito a pé ou de carro deviam circular desarmados¹⁶.

- Nura dista a cerca de 15 quilómetros da fronteira, atacado em Outubro de 1976. No mesmo mês e dia foi atacado
- Chicombidzi e Gento, foram atacados no mesmo dia¹⁷
- Mavonde, foi atacado em Dezembro de 1976, e era considerado uma pequena base a 10 kms de Abervoyle Tea Estates no interior da Rodésia. Era um dos pontos partir de onde os homens de Zanla lançavam os seus ataques contra as forças de smith¹⁸.

O padrão e a severidade dos ataques rodesianos, alterou-se no segundo semestre de 1976. os antigos militares negros das forças armadas portuguesas e outros descontentes com o novo regime de Moçambique foram usados para aterrorizar as populações civis e minar a sua confiança nas FPLM¹⁹.

Os ataques rodesianos passaram a incluir instalações militares das FPLM, e claramente alvos económicos, como destruição das linhas de comunicação rodoviárias e férreas, estações ferroviárias, lojas, unidades agrícolas²⁰.

O objectivo era destruir sistematicamente as infra-estruturas económicas chaves, e conseqüentemente diminuir a ajuda que o governo moçambicano dava aos nacionalistas do Zimbabwe. Por volta dos meados de 1979 estes actos de sabotagem económica haviam custado a Moçambique cerca de cem mil milhões de dólares americanos²¹.

¹⁶ Reid-Daly, 1982: 292

¹⁷ Maputo, Departamento das Operações do Estado maior General. Relatório dos 4 camaradas instrutores que em visita deslocaram-se para Tete. 07 Dez. 1976. p. 1 e 2. (Gentilmente cedido pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN))

¹⁸ Cole, 1984: 112

¹⁹ Gerry, 1979: 5

²⁰ Gerry, 1979: 5

²¹ Gerry, 1979: 5

Na Frente de Tete

- Em 1977 a cidade de Tete foi alvo de constantes ataques pelas forças de Smith por ser um dos locais de concentração dos homens de ZANLA. Cole (1984) afirma que era também a partir da cidade de Tete que os nacionalistas partiam para diversas rotas até atingirem a fronteira. Ao sul do lago Cabora Bassa ficava uma das rotas de infiltração da ZANLA chamada Chinhanda²².
- **Chioco**, foi um quartel construído por tanzanianos²³, mais tarde ocupado pelos nacionalistas do Zimbabwe. Localizava-se a um quilómetro a sul da vila de Chioco. Foi atacado em Março e Maio de 1977, por ser tido ponto de partida para incursões de guerrilha directamente contra Rodésia²⁴.

²² Cole, 1984: 115 e 123

²³ Em meados de 1976 dois batalhões tanzanianos a pedido do governo da FRELIMO haviam sido estacionados na província de Tete como forças de reserva para agirem contra a possibilidade de manifestações militares desordeiras dos elementos do ZIPA, motivadas por contradições tribais. Veja Middlemas, 1980: 230

²⁴ Cole, 1984: 129 e

Anexo E

Título: Moçambique face ao "Acordo Interno" na Rodésia: continuaremos a dar apoio à luta do povo do Zimbabwe.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros da RPM emitiu ontem o seguinte comunicado, a propósito do chamado "Acordo Interno" da colónia britânica da Rodésia do Sul, anunciado pelas agências noticiosas:

1. A guerra que tem lugar na Rodésia do Sul resulta da ocupação colonial do território, agravado pela rebelião racista de uma minoria de colonos que usurpou o poder. Ela só pode terminar com a satisfação da exigência fundamental das largas massas do Povo do Zimbabwe: a independência total e completa do país na sua integridade territorial, com um governo democrático, legitimamente designado por todos os cidadãos, sem qualquer discriminação.
2. A luta armada de libertação nacional, sob a direcção da Frente Patriótica, combinada com a acção internacional contra o regime minoritário racista e ilegal, criou contradições favoráveis para que a curto termo através de negociações com a potência colonial, se ponha fim ao conflito existente.
3. Como condição prévia para restaurar a paz e desencadear-se o processo de transição para a Independência no quadro de um acordo, é indispensável e extinção da rebelião e do regime minoritário racista e ilegal de Ian Smith.
4. A potência colonial apresentou propostas para negociações conducentes à independência e à paz. Essas propostas apresentaram pontos positivos fundamentais que permitiram negociações sérias. Nomeadamente estabelecia-se:
 - a) O princípio da independência total e completa do Zimbabwe.
 - b) O estabelecimento de um governo democrático, resultante de eleições baseadas no sufrágio universal dos cidadãos adultos, sem qualquer discriminação.
 - c) O fim da rebelião racista e do seu regime.
 - d) O desmantelamento das forças armadas e repressivas do regime minoritário e ilegal.

- e) A criação de um exército nacional tendo como base as forças combatentes nacionalistas.
- f) O reconhecimento das responsabilidades da potência colonial na garantia da descolonização, expressa pela designação de um Comissário Residente britânico.
- g) O engajamento das Nações Unidas, de que fazem parte os Estados da Linha da Frente, a África, e todos os estados progressistas e democráticos, no processo de :
- Controlo do cessar-fogo
 - Controlo do desmantelamento das forças racistas
 - Controlo do processo democrático das eleições.
5. O governo dos Estados Unidos da América, oficialmente associou-se e apoiou as propostas da potência colonial. O Conselho de segurança das Nações Unidas, depois de solicitado, mandou o Secretário-Geral das Nações Unidas para designar um representante para se associar ao processo.
6. Em Janeiro último, em Malta, na base destas propostas e presença do representante das Nações Unidas e de Estados da Linha da Frente, os governos do Reino Unido e dos Estados Unidos iniciaram conversações com a Frente Patriótica.
7. As conversações foram positivas, e para além de pontos normais de divergência, acusam uma perspectiva justa para a resolução rápida do conflito.
8. Para neutralizar este processo, com o objectivo de continuar a manter efectivamente o poder esperando ganhar tempo para internacionalizar o conflito, o regime minoritário racista e ilegal, rejeitou as propostas da potência colonial. Paralelamente intensifica os crimes e massacres contra o Povo do Zimbabwe e as agressões contra Estados limítrofes.
9. Inspirando-se nas tristes e fracassadas experiências de Ngo Din Die, Lon Nol, Moisés Tshombé e outros fantoches, jogando na história anticomunista, beneficiando da cumplicidade míope dos círculos mais reaccionários e belicistas do imperialismo e racismo, o regime de Salisbúria tenta prolongar a sua existência criminosa, através da velha tática das soluções fantoches.

10. O Chamado "Acordo Interno" resume-se a uma grosseira tentativa de salvação do colonialismo e racismo, porque:

- Mantém a essência do regime rebelde;
- Na prática reserva para um punhado de colonos um direito efectivo de veto contra a vontade expressa democraticamente pelos cidadãos eleitores;
- Impõe a preservação do instrumento fundamental do poder racista, as forças armadas;
- Destina-se a continuar a guerra contra o Povo do Zimbabwe.
- Na realidade trata-se apenas de introduzir alguns negros nas estruturas do regime, para camuflar como a guerra civil, a realidade da guerra colonial, tentar apresentar os patriotas consequentes como rebeldes e invasores.

11. O chamado "Acordo Interno", se porventura beneficiar de cumplicidade _____ exteriores, só poderá resultar: _____

- a) No prolongamento inevitável da guerra
- b) No perigo de internacionalização do conflito, com a consequente grave ameaça à paz e segurança na África e no mundo.

12. A RPM reitera a sua decisão de continuar a cumprir integralmente o seu dever internacionalista de apoio à luta do Povo do Zimbabwe, e reafirma a necessidade de conclusão rápida e positiva das conversações iniciadas entre a potência colonial e a Frente Patriótica, como meio fundamental para pôr termo ao conflito existente, numa base justa.

Fonte: Jornal Notícias, 24 de Fevereiro de 1978, p. 1